



ALLAN **Zêus Wantuil e**
KARDEC **Francisco**
Thiesen

VOL.

(METICULOSA PESQUISA BIOBIBLIOGRÁFICA)



ÍNDICE GERAL ANALÍTICO

<i>Explicações ao Leitor</i>	19
1 — Nascimento. Progenitores	29
Hippolyte Léon Denizard Rivail: nascimento, datas, progenitores. — Considerações de Anna Blackwell e J.-M. Qué- rard sobre a mãe de Rivail. — O erro de A. Sirand. — Batismo e padrinhos. — Antepassados ilustres.	
2 — Formação escolar de Rivail. A reputação mundial do Instituto de Yverdon	32
Primeiros estudos de Rivail, em Lião. — Aluno de Pestalozzi, na Suíça. — O Instituto de Yverdon, sua localização, seus visitantes, professores e alunos. — Renomados educadores disseminam o método pestalozziano. — «O educador da Humanidade». — A lição da fraternidade. — O número de alunos. — A pensão anual paga pelos internos.	
3 — As atividades no Instituto	37
As atividades no Instituto relatadas por Roger de Guimps. — Passeios, natação, exercícios militares, canto, etc. — O dia-a-dia dos alunos registrado por Marc-Antoine Julien. — O ensino heurístico. — As matérias ali lecionadas, segundo Cochin, Pompée, Jullien de Paris e Buisson.	
4 — Os primeiros dez anos do Instituto	43
A paz vivida de 1805 a 1808. — João Niederer e José Schmid. — Começo das desinteligências. — Cisão administrativa. — Saída de conceituados professores. — Novos mestres. — A crítica situação em 1813/14.	
5 — Divulgação do método pestalozziano na França	45
Jullien de Paris em Yverdon. — Sua influência entre	

educadores franceses. — Divulgação do método pestalozziano na França. — Preciosa contribuição de Mme. Elisabeth Guizot. — Deficiência do ensino na França do começo do século XIX. — O cuidado do corpo e do espírito no Instituto. — Filhos de famílias francesas enviados ao educandário de Yverdon. — Contratação de professores franceses. — Jullien de Paris elogia Alexandre Boniface.

- 6 — **Mestre e protetor de Rivail** 48
 Alexandre Boniface. — Dados biográficos. — Professor em Yverdon, de 1814 a 1817. — Instalação da escola de Boniface em Paris. — Protetor de Rivail na infância deste. — Explicação da afirmativa de Kardec: «Je n'ai jamais habité Lyon.» — Boniface, mestre de Rivail em Yverdon.
- 7 — **Estudante em Yverdon** 51
 Ingresso de Rivail no Instituto de Pestalozzi. — O ano mais provável. — Repercussão na França da obra pestalozziana. — Criação da «Société pour l'instruction élémentaire», em 1815. — Pestalozzi como seu membro correspondente. — A mãe de H.L.D. Rivail no castelo de Yverdon. — O interesse de Rivail pela Botânica, segundo afirmação de Anna Blackwell. — Os exemplos de Pestalozzi na existência de Rivail-Kardec.
- 8 — **Agravamento das divergências internas** 55
 Novo impulso do Instituto de Yverdon após a queda de Napoleão Bonaparte. — Retorno de Schmid. — Reformas e descontentamento. — Aumenta a animosidade entre Schmid e Niederer. — Muitos jovens franceses levados a Yverdon por Jullien de Paris. — Grande defecção no magistério. — Renúncia de Niederer. — Saída de Jullien e de alunos franceses. — Razões de Pestalozzi. — Permanência de Denizard Rivail.
- 9 — **Iniciação de Rivail no campo do ensino. Afirmção temerária de Henri Sausse** 60
 Situação aflitiva do Instituto de Pestalozzi. — Utilização do ensino mútuo. — Alunos transformados em submestres, e estes em mestres. — Aos catorze anos de idade, Rivail ensina seus condiscípulos. — O curso completo de instrução no Instituto, segundo Jullien de Paris. — Rivail como aluno da Escola normal. — Provável convocação de Rivail para submestre no Instituto de Yverdon. — Experiência pedagógica de Rivail, iniciada em 1819. — Educandos de Pestalozzi elevados, em plena adolescência, à condição de submestres e mestres. — Substituição de Pestalozzi na direção do Instituto. — Afirmção temerária

- ria de Henri Sausse. — Os homens fortes de Pestalozzi. — Rivail jamais teria dirigido o Instituto. — Também remota a administração, por ele, de algum setor do educandário de Yverdon.
- 10 — **Ascensão e queda** 66
 Novo impulso dado ao Instituto, em 1819. — Crianças pobres e ricas, de ambos os sexos, no castelo de Yverdon. — O modo mútuo e as reflexões de Pestalozzi. — Rivail tê-lo-ia utilizado? — Famílias ricas contra o espírito de igualdade e fraternidade preconizado por Pestalozzi. — Lutas intestinas prejudicam a vida do Instituto. — Gradativa diminuição do número de alunos. — Expulsão de Schmid. — Fechamento do Instituto em 1825. — Morte de Pestalozzi.
- 11 — **O pensamento religioso de Pestalozzi na formação de Rivail** 69
 A convivência de Pestalozzi com luteranos e calvinistas. — O pensamento liberal do educador suíço. — Ataques às suas idéias em matéria de religião. — Calúnias assacadas contra o ensino religioso em Yverdon. — A intolerância protestante vista por Guillaume e Compayré. — O «despertamento» religioso invectiva a orientação religiosa adotada por Pestalozzi. — Jayet faz a defesa do mestre. — O testemunho de Roger de Guimps. — Forte oposição do Prof. Niederer. — Dissidência religiosa entre Pestalozzi e antigos colaboradores. — Como Pestalozzi compreendia os Evangelhos. — Identificação de Denizard Rivail com Pestalozzi no plano religioso e moral. — Desde os quinze anos, Rivail alimentava o ideal da unificação das crenças. — Palavras de Maurice Lachâtre. — As esperanças kardequianas sobre a unidade religiosa.
- 12 — **De Yverdon a Paris** 78
 Divergências quanto ao ano de retorno do jovem Rivail à França. — Opinam Anna Blackwell, André Moreil, Jean Vartier e Henri Sausse. — Breve histórico do recrutamento militar na França. — Data em que Rivail foi dispensado do serviço militar. — Considerações em torno do assunto. — Provável permanência de Rivail no Instituto de Yverdon, até 1822. — Em janeiro de 1823, Rivail está em Paris, com residência à rua da Harpa, 117.
- 13 — **Revelação mirabolante** 83
 As revelações mirabolantes de Louis-Henri-Ferdinand Dulier. — O falso neto de Allan Kardec e sua campanha antiespírita. — As fantásticas viagens de Rivail, a mando

de Pestalozzi. — Caluniosa «revelação» que se destrói por si mesma. — Judicioso comentário de Vartier. — O falso «Dr. Kardec» e sua obra de difamação.

- 14 — **Seu primeiro livro** 85
Primeira obra didática de H.-L.-D. Rivail. — Breve histórico do «Cours d'Arithmétique». — Conteúdo e méritos. — Citação de Montaigne no frontispício da obra. — Homenagem tributada por Rivail ao Prof. A. Boniface e ao sábio matemático A.-Marie Ampère. — Por que Ampère? — Orientação pestalozziana seguida por Rivail na referida obra. — Objetividade e clareza.
- 15 — **Esboço do sistema pestalozziano** 96
Princípios pedagógicos de Pestalozzi, segundo H. Morf. — Desenvolvimento e desdobramento do pensamento pestalozziano. — Definição do acadêmico lusitano Sousa Costa. — Como P.P. Pompée vê o método usado pelo educador suíço.
- 16 — **Princípios enunciados e seguidos pelo discípulo** 98
Os seis princípios de Rivail no ensino às crianças. — A memória associada à primeira educação. — Citação de Lacroix na primeira obra de Rivail. — O método intuitivo na pedagogia. — A «intuição» definida por D.A. Chavannes. — Rivail concilia em sua obra didática os ensinamentos intuitivo e abstrato. — A missão humanitária do jovem professor iniciada com o «Curso Prático e Teórico de Aritmética». — Sucessivas reedições dessa obra.
- 17 — **Rivail e o Magnetismo** 102
Sucintas considerações sobre o magnetismo animal na França. — O sonambulismo provocado do marquês de Puységur, d'Esilon e Deleuze. — Curiosidade de Rivail despertada para as manifestações sonambúlicas. — Sua iniciação em 1823. — Estudos aprofundados fazem-no «experiente magnetizador». — Admiração de Rivail pelas pesquisas do padre Faria. — Rivail na «Sociedade de Magnetismo de Paris», segundo Anna Blackwell. — Conexão entre Espiritismo e Magnetismo.
- 18 — **Primeiros passos como diretor de escola** 106
Rivail funda, em 1825, a «Escola de Primeiro Grau»: seu primeiro estabelecimento de ensino em Paris. — Notícia da organização da Escola na «Bibliographie de la France». — Rivail como «chef d'institution» da academia de Paris. — Histórico sobre o assunto. — Direitos concedidos pelo «certificado de capacidade». Os graus dos

certificados. — Fiscalização das escolas pelo bispo diocesano.

- 19 — **Instituições pestalozzianas em Paris** 109
As experiências de Conrad Näf e Barraud na França. — Os estabelecimentos parisienses de Boniface e H. Morin. — A «Escola ortomática» criada pela Sociedade dos Métodos de Ensino. — Os educandários fundados por Rivail. — O institutor e a instituição. — Matérias lecionadas. — Rivail: o professor, o amigo. — A «Instituição Rivail» e o apoio financeiro de um dos tios do Professor Rivail. — Outros afazeres do jovem discípulo de Pestalozzi.
- 20 — **Madame Rivail** 114
O apoio que ela dá ao marido na «Instituição Rivail». — Seguindo o exemplo de Mme. Pestalozzi. — Síntese biográfica. — A professora de 1.ª classe, suas obras. — Descrição física. — Matrimônio com o Prof. Denizard Rivail. — Semelhanças com o casamento de Pestalozzi.
- 21 — **A educação é uma ciência** 117
Lançada, em 1828, a obra de H.-L.-D. Rivail: «Plan proposé pour l'amélioration de l'éducation publique». — Proposta a criação de uma «Escola teórica e prática de Pedagogia». — A educação como ciência. — Proposições de Rivail para a melhoria da educação. — Na rua Vaugirard, n.º 65, Rivail reside de 1828 a 1831. — A imagem de Pestalozzi (jardineiro=professor) retomada por Rivail. — Desenvolvimento das virtudes e repressão aos vícios. — O tratado de Pedagogia que Rivail tencionou escrever e publicar. — Condenação das punições corporais nas escolas. — Necessidade de estudar a ciência da educação. — Rivail enaltece as ciências.
- 22 — **Rivail como tradutor. Conhecimentos gramaticais e lingüísticos** 122
Preferência de Rivail pelos escritos de Fénelon. — «Telêmaco» é traduzido para o alemão, com notas e comentários do tradutor. — Minibiografia de Fénelon e sua obra. — O conteúdo moral de «Telêmaco». — Possível influência desta obra no espírito de Rivail. — A importância da gramática no entender de Almeida Garrett. — A «Grammaire française classique» de H.-L.-D. Rivail. — Princípios e regras gramaticais e assuntos de lingüística nessa obra de Rivail. — Comentário do Dr. Canuto Abreu.

- 23 — **Rivail e a lei Guizot. Esforço recompensado** 125
 A comissão de revisão do ensino nomeada pelo «governo de julho». — A contribuição de Rivail, em 1831, através de sua «Mémoire sur l'instruction publique». — O autor e a liberdade de ensino. — Relegado ao esquecimento o ensino às crianças do sexo feminino. — O pensio-nato de mocinhas fundado por Rivail em Paris. — O Pro-fessor Lévi-Alvarès, vida e obra. — Provável participação de Rivail nos cursos públicos do Hôtel-de-Ville. — O «Pro-jeto de Reforma», de Rivail, no «Courrier de l'Enseigne-ment», em 1848. — «Memória» premiada pela Academia Real de Arrás. — Esclarecimentos de J.-M. Quérard e da «Revue Spirite».
- 24 — **O amigo dos alunos** 130
 A «Instituição Rivail», fundada em 1826, encerra suas atividades. — A história do tio de Rivail. — As soleni-dades de fim de ano na referida Instituição. — O dis-curso de Rivail ao término do período letivo de 1834. — Considerações em torno da educação dos jovens. — O pedagogo alemão Fröbel. — A tarefa do professor, na palavra de Rivail. — Os «amigos» de Rivail. — A frase de Rivail que deu margem a falsa interpretação. — Aná-lise detalhada do seu conteúdo. — A alocação do estu-dante Louis Rouyer. — A publicação do discurso de Rivail.
- 25 — **Dia e noite no trabalho** 136
 Os acontecimentos não desanimam o casal Rivail. — O professor como contabilista. — Traduções e prepara-ção dos cursos que ministrava com o Prof. Lévi-Alvarès. — Os cursos gratuitos de 1835 a 1840. — Os esclareci-mentos de Anna Blackwell. — De 1843 a 1848, os cursos públicos de matemáticas e astronomia. — Comentários de Léopold Dauvil.
- 26 — **Educação e instrução** 139
 A educação e a regeneração dos homens. — *Como* pensa Pestalozzi a respeito, segundo Augustin Cochin, P.P. Pompée e Gabriel Compayré. — Rivail jamais es-quece as lições do mestre. — *A educação e a instrução* definidas por A. Cochin.
- 27 — **Rivail e a liberdade de ensino** 141
 A Universidade de Paris e o regime do monopólio do ensino livre. — O menosprezo às instituições e pensões. — Estas se defendem, fundando duas Sociedades em Paris. — A participação de Rivail. — Rivail e a liberdade de ensino. — Três vultos do catolicismo liberal contra o

monopólio universitário. — A ação conjunta de homens e Sociedades criam um clima de liberdade. — Cresce o número de instituições. — A revolução de 1848. — A lei Falloux, de 1850. — Transferência do monopólio do ensino para o clero católico. — Perseguição às escolas laicas. — Declínio das instituições e pensões. — Afastamento de Rivail do magistério. — Cessão do seu «Liceu Polimático» ao Sr. A. Pitolet. — Chega ao fim a primeira etapa da existência de Rivail. — De 1851 a 1856, o despotismo e o terror na Universidade. — Impossibilidade de Rivail retomar suas atividades no ensino. — A cegueira física de Rivail e a cura predita por uma sonâmbula.

- 28 — **A didática rivailiana** 149
 A educação é a salvação da posteridade, conforme declaração de A. Cochin. — Pleno reconhecimento, por Rivail, dos altos objetivos da educação. — Métodos e processos especiais destinados a facilitar a aprendizagem. — O aluno como colaborador na obra educativa. — Críticas de Rivail ao ensino da História. — O talento inventivo de Rivail. — O pronunciamento de A. Boniface que Rivail subscreveria.
- 29 — **O educador por excelência** 151
 Permanente interesse de Rivail pela obra da educação. — A. Salvandy e os projetos de lei sobre o ensino. — Em 1847, o «Projet de réforme» de H.-L.-D. Rivail. — Modificações e medidas propostas pelo jovem institutor. — Reformas que acha úteis na adoção dos livros clássicos pela Universidade. — Rivail reside na rua Malconseil. — A primeira Escola Normal Maternal de Paris. — Marie Pape-Carpentier e Mme. René Caillé. — O «Catéchisme grammatical de la langue française», de Rivail, em 1848. — O aparecimento, em 1850, dos «Dictées du premier âge» e dos «Dictées du second âge». — Comentários de J.-M. Quérard a este último volume.
- 30 — **Vasta erudição polimática** 155
 Cultura multifária de Rivail. — Matérias que ensinou. — O poliglota. — A importância do desenho no sistema educacional de Pestalozzi. — Boniface e Rivail introduzem, em Paris, os modelos de Ramsauer, quanto ao desenho linear. — Rivail entre os melhores gramáticos franceses da época. — Respondendo a um crítico sobre certa construção gramatical. — Recomendações do Professor Rivail.

- 31 — **Rivail médico?** 157
P.-G. Leymarie, o primeiro a informar sobre o curso de Medicina feito por Rivail. — Ênfase dada pelo biógrafo Henri Sausse. — Generalização desse entendimento. — Dúvidas levantadas por A.L. Caillet e André Moreil. — Esclarecimentos num artigo de «Reformador». — Nenhuma palavra de Rivail que enfoque a questão. — O «médico da alma».
- 32 — **Rivail maçom?** 159
Razões que levam certos biógrafos a considerar Rivail franco-maçom. — Alegações insuficientes. — A primeira pessoa a maçonzar Rivail. — A iniciação de Rivail na maçonaria martinista, consoante a versão de Claude Varèze. — Jean-Baptiste Willermoz e Martinès de Pasqualy. — As «sessões espíritas» nas lojas martinistas e willermozistas. — Jean Vartier contraria Claude Varèze. — Vartier e Moreil admitem a formação maçônica de Rivail. — Irmão da Grande Loja Escocesa de Paris? — Apenas simpático à maçonaria. — Os amigos maçons de Rivail. — Respostas dos Espíritos sobre as relações do Espiritismo com a franco-maçonaria. — No salão de festas do Grande Oriente da França.
- 33 — **Rivail e o teatro** 163
O «Théâtre des Délassements-Comiques» em Paris, seu histórico. — Rivail como «contrôleur» do referido teatro? — A informação de René du Merzer. — O Dr. José Grasset apresenta Rivail como «vendedor de contramarcas». — A resposta categórica de Marina Leymarie. — Entre 1830 e 1858, Rivail foi membro de júri. — O desmentido formal de P.-G. Leymarie. — O emprego de guarda-livros no «Délassements-Comiques». — «Une passion de salon», de N. Gallois e H. Rivail. — Guarda-livros na livreria de Pélagaud e nos escritórios de «L'Univers». — Diretor do «Théâtre des Folies-Marigny»? — Breve histórico deste teatro. — Participação de Rivail não implicaria desmerecimento à sua pessoa. — Palavras de André Moreil.
- 34 — **No Teatro Odéon** 170
Rivail e Victorien Sardou. — Relações com gente de teatro. — Rivail, em 1822, no Teatro Odéon. — A peça «Les Éphémères».
- 35 — **Diplomas e recompensas** 172
Citação, pelo próprio Rivail, de algumas «sociedades sábias» a que pertencera. — Pilhagem nazista de documentos e lembranças deixados por Rivail. — Relação dos

diplomas concedidos a Denizard Rivail na sua existência de professor e diretor de instituição. — Sucinto histórico das sociedades fornecedoras dos referidos diplomas.

- 36 — **Secretário da Sociedade Frenológica de Paris?** 180
 A informação de Anna Blackwell no seu prefácio à tradução inglesa de «O Livro dos Espíritos». — Alguns dados históricos da Sociedade Frenológica de Paris. — Possível participação de Rivail na dita Sociedade. — Perfeito conhecimento do assunto na «Revue Spirite» de 1860 e 1862. — A tendência materialista da frenologia. — Posição espiritualista de Rivail na teoria frenológica.
- 37 — **Fertilidade pedagógica** 182
 Obras de Rivail citadas por Canuto Abreu e André Moreil. — Dezenas de reedições. — Livros bibliográficos utilizados em nossas pesquisas. — Relação das obras subscritas por H.-L.-D. Rivail, inclusive conteúdo, editores, distribuidores ou vendedores, número de páginas, etc. — Várias obras de Rivail adotadas pela Universidade de França.
- 38 — **Fim da primeira fase** 188
 Trinta anos da existência de Rivail dedicados à instrução e à educação. — Preparação para ser o homem universal. — Marcante influência do Instituto de Yverdon na vida de Rivail. — Pronunciamentos de Henri Sausse e Jean Vartier. — De institutor-filantropo a Codificador do Espiritismo. — Reputação de mestre da Pedagogia moderna.

APÊNDICE

Kardec e seu nome civil	193
Quando nasceu Kardec	198
Kardec teria sido médico?	200
Índice Antroponímico	205

Explicações ao Leitor

1. Origem da idéia do livro "Allan Kardec"

Era o ano de 1972, quando o ex-Presidente da Federação Espírita Brasileira, Dr. Antônio Wantuil de Freitas, residente, à época, na Rua General Argolo, 33, no Rio de Janeiro (RJ), conversou comigo a respeito da idéia da preparação de um livro, por Zêus, seu filho, reunindo os principais dados e fatos sobre a vida de Allan Kardec. Um livro pequeno, de fácil popularização, capaz de elucidar o meio espírita quanto às questões bio-bibliográficas concernentes ao Codificador do Espiritismo, pois se lhe afigurava de bom alvitre compilar uma obra que pusesse fim a distorções ainda ocorrentes.

Administrador do Departamento Editorial da FEB, considerei interessante a sugestão. Mas Wantuil, espírito prático, como sempre o foi, quis de saída precisar mais as coisas: umas cem ou cento e vinte páginas, o formato, a capa, a cessão gratuita dos direitos autorais pelo autor, seu filho, etc. Mantendo-me, no entanto, nos limites das atribuições que me dera o então Presidente, Dr. Armando de Oliveira Assis, disse ao ex-Presidente que voltaria ao caso, oportunamente, após ouvir, como de meu dever, o dirigente máximo da Casa de Ismael.

Exposto o plano do livro ao Presidente Assis, chegou-se à conclusão de que o ideal seria um livro maior, de grandes proporções mesmo, e que, se possível, esgotasse o assunto, consolidando tudo quanto havia sobre a vida de Allan Kardec.

Seria, assim, uma obra digna da iniciativa editorial da FEB e perfeitamente de acordo com os conhecimentos de Zêus Wantuil, adquiridos em demoradas e profundas pesquisas especializadas.

Retornei, pois, ao amigo A. Wantuil de Freitas com uma resposta oficial da Casa, expondo-lhe as razões que ditavam a preferência do Presidente por um trabalho substancial, mais amplo. Reexaminada a idéia sob outro prisma, Wantuil e Zêus concordaram, embora tal diretriz envolvesse novas e meticulosas pesquisas, organização de fichas, etc., tendo em conta a ampliação do plano inicial. Demoraria. Talvez fossem necessários mais dois anos. Não importaria o tempo, mas o livro em si mesmo, desde que se atingisse o objetivo ambicionado.

Posteriormente, Zêus informou-me que o trabalho estava quase concluído, disposto em duas partes. A segunda, porém, por julgar-se despreparado, ele não a escreveria. Discordei dele, mas de nada adiantou. Um dia, em mãos todo o material elaborado, Zêus procurou o Dr. Armando de Oliveira Assis, para entregar-lhe, oficialmente, o volume que preparara. E, em seguida, escusar-se de não haver escrito o outro, achando que alguém melhor indicado devia fazê-lo em seu lugar. Oferecia, porém, alguns escritos, anotações e fichas diversas, que, segundo disse, era tudo o que subsidiariamente podia dar de si para os volumes sobre a segunda fase da existência de H. L. D. Rivail.

Movido por um impulso (cuja razão só hoje posso entender e justificar), na presença de Zêus Wantuil alvitrei ao Presidente Assis deixasse sob minha responsabilidade a segunda parte da obra "Allan Kardec", no que ele aquiesceu prontamente.

Mais tarde, conversamos, na Federação, sobre o fato. Também em várias oportunidades tratei do livro com o ex-Presidente Wantuil e o autor do primeiro volume, objetivando melhor planificação do trabalho a fazer.

2. Responsabilidade espinhosa

Só tardiamente percebi o alcance da responsabilidade que assumira, propondo-me a escrever a segunda parte da obra "Allan Kardec". Verifiquei, então, ser a impulsividade má conselheira. Não avaliara devidamente o que pedira nem reflexio-

nara cuidadosamente quanto às implicações globais do feito, adiantando-me imprudentemente, sem ter aguardado um convite que melhor me justificasse no futuro, se impedimentos ou limitações me tolhessem os passos na organização e compilação a que me propusera. Era então impossível recuar. Um só caminho parecia-me justo, àquela altura: estudar mais, pesquisar muito, preparar-me bem, amadurecer bastante.

Mas não diria isso a ninguém, sob pena de gerar dúvidas nos que confiaram em mim e sofrer contínuas pressões para terminar o trabalho. Tais pressões viriam necessariamente, como vieram, mas indispensável me seria protelar indefinidamente, isto é, demorar o máximo possível a entrega da minha parte, pois precisava de tempo, de muito tempo. . .

Coincidia que, na mesma época, em S. Cristóvão, iniciávamos a ampliação e modernização do parque gráfico do Departamento Editorial. O sistema de impressão deixaria de ser o tipográfico, pois nos estávamos encaminhando a passos acelerados para o sistema offset. As composições em chumbo, bem assim as estereotípias dos livros do Codificador, com páginas ligeiramente danificadas e letras amassadas, precisavam ser refeitas. Duas alternativas se me ofereciam à decisão: 1) continuar aproveitando o material disponível e lançar reedições graficamente defeituosas, ou 2) mandar fundir aquelas matrizes e compor novas, obrigando-me a revisões penosas e de extrema delicadeza, principalmente por se tratar de livros de Allan Kardec. Optei por esta última hipótese. Também aí não imaginava o que iria acontecer.

Dediquei-me de corpo e alma à conferência das revisões que eram procedidas por especializada equipe do DE. Mas, muitas questões se nos apresentavam: erros antigos, tipográficos; outros erros, mais recentes; pequenos “cochilos”, de tradução? . . .

Certos pontos careciam de verificação mais profunda, de consulta aos originais franceses e até de confrontações dos textos originais com os das traduções para o vernáculo. Não eram profundos os meus conhecimentos da língua de Kardec (como hoje ainda não o são), mas não dispunha de quem fizesse tal tarefa, imensa, árdua e de grave responsabilidade. Tratava-se de cotejar tudo com o francês. Tudo, quer dizer, boa parte dos livros kardequianos. . . Preparei o material adequado, re-

quisitei da Biblioteca da FEB os volumes antigos, em francês, e dei partida ao trabalho.

* * *

Aí começaram a suceder fatos extraordinários, alguns dos quais narrei no livro "Legado de um Administrador" (inédito). Registrei outros no livro, igualmente inédito, "Ato dos Espíritos — Memórias de um Companheiro".

As revisões começaram com "O Livro dos Espíritos", mas as dificuldades maiores foram sentidas em "O Livro dos Médiuns", "O Evangelho segundo o Espiritismo", "Obras Póstumas", "O que é o Espiritismo", mais ou menos nessa ordem. Tive ajuda, por algum tempo, de ex-companheiro bastante conhecedor da língua francesa. Entretanto, prosseguiria sozinho ao longo de quase todo o trajeto, comparando textos e efetuando novas pesquisas e consultas.

Necessitei, a certa altura do trabalho, enveredar pela "Revue Spirite", principalmente com vistas a "Obras Póstumas", pois algumas peças do volume preparado por P.-G. Leymarie foram publicadas, anteriormente, na mesma "Revue", de que o citado continuador de Allan Kardec fora também o dirigente.

As pesquisas aludidas jamais cessaram, tais as surpresas que freqüentemente me causava a localização de escritos os mais interessantes e elucidativos, alguns deles já aproveitados em notas de rodapé nos livros do Codificador, outros, devidamente anotados, para novas notas nesses livros, no porvir.

Foram cerca de seis a sete anos de aprendizado intensivo nas publicações de e sobre Allan Kardec, que hoje me capacitam melhor à tarefa que me propusera efetuar em 1972.

Não obstante a minha investidura em 1975, a 16 de agosto, no posto de Presidente da Federação Espírita Brasileira, as pesquisas continuaram seu curso, sem interrupções. Eram sacrificiais para mim, devido à lesão cardíaca que então se agravava. Se de um lado não podia desviar a atenção do vultoso contingente de obrigações que permanentemente figuram na pauta da Presidência, de outro lado não devia ignorar a situação irreversível do compromisso assumido perante a Casa, a Doutrina e o Movimento, de co-autoria deste trabalho.

3. As fichas de Zêus Wantuil

É hora de declarar que o primeiro volume, todo ele, é do meu parceiro, salvo modestas observações e indicações, aqui e ali, e no plano das ilustrações; os seguintes são dele também, no tocante a cinqüenta por cento da pesquisa, da feltura das fichas e da complexa redação concernente ao arrolamento dos livros produzidos por Allan Kardec, ou seja, por H. L. D. Rivail, na segunda fase de sua existência, excepcionalmente brilhante, de sistematizador do Espiritismo.

Participo, pois, na segunda parte, simplesmente com o restante da pesquisa e com as ilustrações. Escrevi os demais tomos e neles utilizei-me de vasto material adrede conseguido, ordenado, classificado, dando-lhe rumo diverso do plano inicial da obra.

4. Os autores da obra "Allan Kardec"

Alguns leitores, menos aficionados com essas questões de livros, que exigem exaustivas e constantes buscas de dados, poderão estranhar o nosso empenho, na FEB, no sentido de o livro aludido ser de autoria de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen, argüindo sobre a hipótese, que lhes pareceria justa, de, ante as dificuldades maiores advindas posteriormente ao pacto de parceria literária, aprovado pela Casa de Ismael, não termos buscado delegar a outrem a tarefa assumida por um dos parceiros. Poderiam ser outros os autores dessa obra? — Claro que sim, evidente. Desde que os que recebessem a delegação se dispusessem a atender às condições mínimas que se lhes exigissem. Por isso, seria provavelmente inexequível, a médio prazo, a idéia de delegar-se a tarefa. Aliás, ninguém foi jamais obstado a uma realização dessa natureza. Acontece, no entanto, que a documentação, o material de pesquisa, geralmente constituindo-se de obras raras (ou únicas), encontra-se em lugares determinados e bem guardados, em várias localidades, material que nem todos os interessados teriam tempo para compulsar, oportunidade e persistência para analisar, comparar, deduzir, concluir, a isso dedicando muitos e muitos anos. Esses trabalhos não gratificam materialmente, não dão compensações transitórias de espécie alguma. São de inteira e incondicional gratuidade. Quem pode

dedicar trinta ou quarenta anos de sua vida a uma pesquisa dessa natureza? Completa isenção, desapego e especial vocação e tirocínio são necessários. Preciso falar sem hesitação ou modéstia, porquanto estou a referir-me a alguém que nasceu com essa aptidão: Zêus Wantuil. Tenho, igualmente, nisso, graves responsabilidades, mas o meu óbolo (se assim posso expressar-me), no caso, é de apenas alguns anos, e só possível por partir do enorme esforço efetuado, pelo meu parceiro, e de produções suas realmente valiosas, sem deixar de mencionar “As Mesas Girantes e o Espiritismo” e artigos de grande fôlego. E ainda não é tudo: O trabalho a que me referi, de pesquisa, foi feito em regime de tempo integral, ao longo de vários decênios.

Outro fator relevante consiste na durabilidade da documentação, que é limitada. Os papéis e livros deterioram-se. A Biblioteca da FEB dispõe de muitas preciosidades, algumas com cem ou cento e cinqüenta anos, e até mais antigas. No futuro, onde se poderia conseguir a coleção completa da “Revue Spirite” (ou, pelo menos, de 1858 a 1910)? Uma consulta aos volumes de “Reformador” (quase cem anos) e de periódicos que circularam por tempo limitado, em diferentes países, difusos nas bibliotecas de instituições e de particulares, na Europa e nas Américas — consulta que se não restringiu ao manuseio, mas ao estudo —, precisou ser feita e repetida. Nos anos de 1976 e 1977, Zêus percorreu novamente toda a “Revue Spirite”. Retornou às bibliotecas do Rio e São Paulo; escreveu a entidades do Exterior. Sempre para conseguir mais dados, confirmações, elucidações, elaborando mais fichas e corrigindo outras já preparadas. No que me concerne, consegui também coisas “novas”, sendo-nos úteis as obtidas do Dr. Canuto Abreu. Fiz uma peregrinação, que Zêus tivera antes o cuidado de realizar em Paris, aos ambientes do atual Movimento Espírita francês, aos monumentos, no Père-Lachaise, às antigas residências e locais de trabalho de Allan Kardec, da “Revue”, da “Société Parisienne des Études Spirités”, da velha Livraria Leymarie, etc., para sentir in loco a vibração de tudo aquilo que constituiu, no passado, na França do século XIX, o campo de operações, de lutas e sacrifícios dos “bandeirantes” de um novo mundo, no período do pioneirismo spiritista que precedeu e se seguiu à Codificação da Doutrina.

Tudo isso, e mais o que pude trazer da Europa, em obras e publicações de variado tipo, fortaleceu-me a convicção de

que deveria iniciar brevemente (era junho de 1977) a elaboração dos originais a meu cargo. Concluí, igualmente, que o tempo não mais poderia ser desperdiçado, se é que o fora antes, uma vez que a minha saúde precária não é de molde a prognosticar uma vida física longa. O programa da obra "Allan Kardec" devia ser cumprido integralmente.

No primeiro quartel do século II do Espiritismo é seguramente menos infecundo, à despeito das dificuldades e deficiências humanas, fazer o que devesse ser providenciado nos séculos III, IV ou V do Movimento Espírita.

A prova do afirmado está na História do Cristianismo e das suas realizações, nos primeiros séculos: "pobreza franciscana" de referências, de apontamentos — de importância subsidiária —, dos que escreveram em torno de vidas ilustres, de idealistas e personalidades de várias épocas, alusivos à cultura cristã e espiritualista.

Importa-nos, sobremaneira, preservar o acervo cultural disponível, responsabilmente concatenando-o, ordenando-o; conferindo e confrontando peça com peça, dado com dado, documento com documento, enquanto existentes e verificáveis por qualquer interessado contemporâneo, extraíndo-lhes os ensinamentos, indicações, instruções.

Muitas vidas são gastas, na esfera física, para que os leitores desfrutem de um livro como este, que, simplesmente, intitulamos de "ALLAN KARDEC"!

5. A preparação do missionário

Reconhecemos que Hippolyte Léon Denizard Rivail reenarnou com missão definida, sujeito a todas as vicissitudes do caminho, podendo falir diante dos chamamentos do mundo ou sucumbir ao peso da oposição ferrenha dos que se acomodavam a preconceitos e idéias estratificados no tempo.

O século XIX vivia sob o império do materialismo, embora despontassem, aqui e ali, vultos marcantes de alta espiritualidade, como que a impedir que a Humanidade mergulhasse em trevas permanentes. Dentre eles sobressaiu a figura luminosa de Pestalozzi, que se tornou o "pai espiritual" de Rivail, ilustrando-lhe a mente pela instrução e consolidando-lhe as luzes do espírito pela educação. No dizer do douto e saudoso con-

frade Prof. José Herculano Pires, "Pestalozzi foi o guia seguro que levou o menino Denizard Rivail ao desenvolvimento, segundo a expressão kantiana, "de toda a sua perfectibilidade possível" ".

A nosso ver, não houve propriamente acaso no encontro dos dois grandes missionários do progresso. Estava determinado esse reencontro pela Espiritualidade Superior. Ambos retornaram ao mundo com a tarefa específica de educar, na implantação de idéias e conceitos novos, opostos à educação tradicional e formalista daqueles tempos.

Rivail pôde preparar-se devidamente, junto a Pestalozzi, para mais tarde, após exercitar-se durante trinta anos nas lides educacionais, dedicar-se de corpo e alma à codificação do Espiritismo científico, filosófico e religioso, "a grande voz do Consolador prometido ao mundo pela misericórdia de Jesus-Cristo", conforme a expressão de Emmanuel. Não nos esqueçamos, entretanto, de que a influência pestalozziana sobre Rivail não foi absorvente. Este, como reencarnação de "um dos mais lúcidos discípulos do Cristo", na afirmativa reveladora de Emmanuel, trazia consigo rica bagagem de conhecimentos intelectuais e morais.

Podem alguns leitores achar que muito se falou de Pestalozzi num volume sobre Rivail. Cremos, ao contrário, que não se pecou por excesso. O escritor J. Herculano Pires havia muito lembrava, em livros, artigos e conferências, "a necessidade de estudos mais aprofundados sobre as relações existentes entre o mestre Henrique Pestalozzi e seu discípulo Denizard Rivail" (). E é justamente o que se intentou fazer, reconhecendo Zêus, conforme nos confessou, as suas limitações para uma abrangência em maior amplitude.*

Na verdade, ao desenvolver um estudo superficial da vida e obra do grande pedagogo zuriquense, ele teve por escopo trazer tão-somente modesta contribuição para um melhor entendimento do homem que abalou meio mundo com o nome de Allan Kardec. "Pensamos ter atingido, pelo menos em parte, esse objetivo, não obstante conscientes de nossas lacunas e

(*) André Moreil: "Vida e Obra de Allan Kardec", trad. de Miguel Maillat, Introdução e revisão doutrinária de J. Herculano Pires, Edicel, São Paulo, s/d, página 11.

da insuficiência de nossos meios" — escreveu-nos o confrade Zêus.

Dúvidas sobre diversos assuntos ligados ao primeiro período da existência de Rivail, ainda persistem. Hipóteses levantadas, numa tentativa de explicar ou esclarecer certos pontos, ainda precisarão ser confirmadas.

São muito poucos os dados informativos acerca dos primeiros cinqüenta anos de Rivail, e as fontes que existem são um tanto precárias, destacando-se, entre as melhores, o trabalho biográfico feito por Henri Sausse, ainda assim bastante incompleto, e o livro de André Moreil.

Zêus leu a maior parte das biografias existentes, senão todas, buscou esquadriñar a obra kardequiana, inclusive a "Revue Spirite", e, na medida de suas possibilidades, pesquisou em muitas bibliotecas, algumas particulares, na esperança de acrescentar algo mais ao que já é conhecido de todos. Não foi totalmente em vão esse trabalho, que lhe tomou muito tempo e lhe requereu boa dose de paciência e esforço perseverante. Neste volume, os leitores depararão com alguns dados novos ou inéditos, outros complementares, sobre a vida e a obra de Denizard Rivail, antes que ele se transformasse, qual vaso escolhido, no missionário da Terceira Revelação.

Nos sessenta e cinco anos da passagem de Rivail por este mundo, foi a educação, sob diferentes ângulos e matizes, o centro de todas as suas atividades. Tal como Pestalozzi, Montaigne, Fénelon, Rabelais, Rousseau e outros ilustres reformadores do Espírito, Rivail reconheceu, desde cedo, o papel fundamental da educação moral no progresso da Humanidade. E bem mais tarde, agora como codificador da Doutrina dos Espíritos, sem desmerecer o valor real da instrução, salientava que o desenvolvimento da inteligência, pela aquisição de alguns conhecimentos, não é o bastante no progresso de cada indivíduo. "O progresso — diz ele — consiste, sobretudo, no melhoramento moral, na depuração do Espírito, na extirpação dos maus germens que em nós existem. Esse o verdadeiro progresso, o único que pode garantir a felicidade ao gênero humano, por ser o oposto mesmo do mal. Muito mal pode fazer o homem de inteligência mais cultivada; aquele que se houver adiantado moralmente só o bem fará. É, pois, do interesse de todos o progresso moral da Humanidade."

Neste volume os nossos confrades conhecerão o “homem laico”, por assim dizer, segundo a expressão de André Moreil, dedicado aos supremos interesses da educação, e reconhecerão que realmente, como bem assinalou o citado biógrafo francês, “os cinqüenta anos da vida “civil” (profana) de D.-H.-L. Rivail (sic) preparam e anunciam o nascimento de Allan Kardec e do Espiritismo verdadeiro”.

Rio de Janeiro (RJ), 13-5-1979

Francisco Thiesen

1 — Nascimento. Progenitores.

Hippolyte Léon Denizard Rivail (1), mundialmente conhecido pelo pseudônimo ALLAN KARDEC, nasceu na cidade de Lião (França), às 19 horas do dia 3 de outubro de 1804, ou seja, no dia 11 do vindemiário do ano XIII do calendário republicano, conforme assinala o registro civil (2).

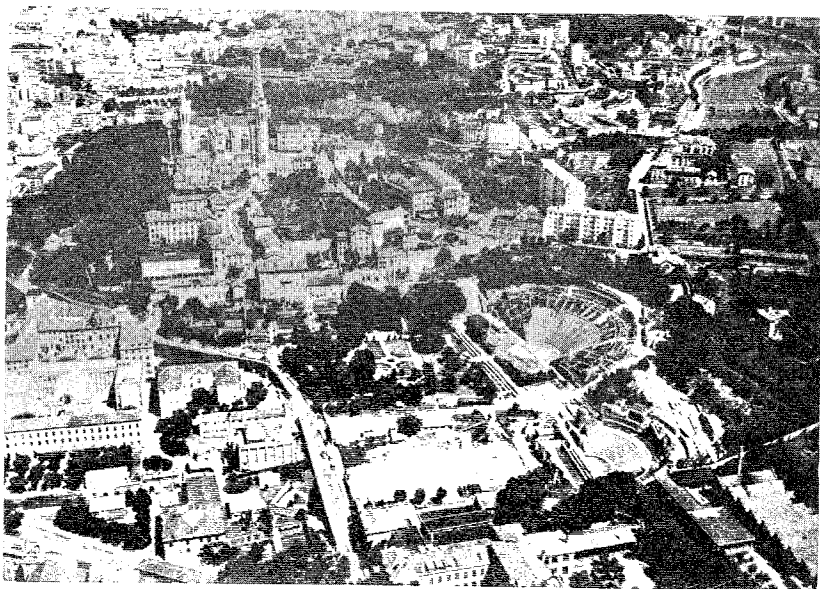
Descendente de antiga família lionesa, católica, de nobres e dignas tradições, foram seus pais Jean-Baptiste Antoine Rivail, homem de leis, juiz, e Jeanne Louise Duhamel, residentes à rua Sala, nº 76 (3). Anna Blackwell descreve a Sra. Duhamel como uma mulher notavelmente bela, prendada, elegante e afável, a quem o filho devotava profundo afeto (4). E salienta José Maria Quérard, no tomo XII de sua obra “*La France Littéraire*” (1859-1864), que a mãe de Rivail era natural de Bourg (ou Bourg-en-Bresse), sede do Departamento do Ain, e que devido a isso o Sr. A. Sirand, sempre tão exato

(1) Leia-se “Kardec e seu nome civil”, no APÊNDICE deste volume.

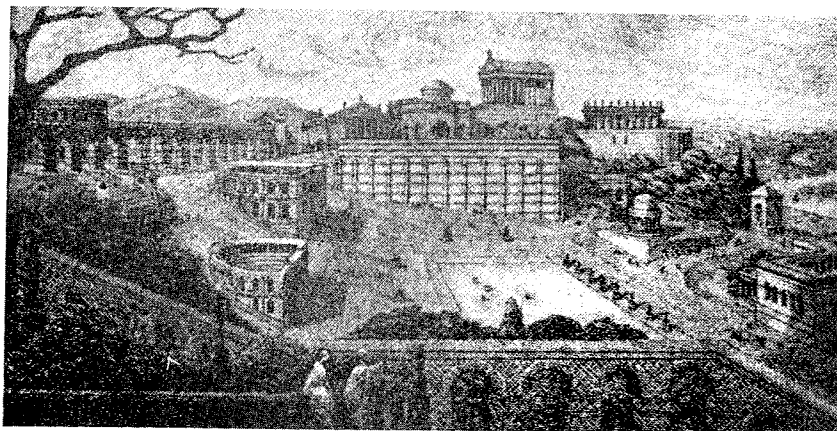
(2) Para dirimir qualquer dúvida, leia-se o artigo “Quando nasceu Kardec”, no APÊNDICE deste volume.

(3) Segundo *Henri Sausse* [“*Biographie d'Allan Kardec*”, 4me. éd., Paris, Éditions Jean Meyer (B. P. S.), 1927], a casa em que H. L. D. Rivail veio à luz desapareceu quando, de 1840 a 1852, se fez o alargamento e alinhamento da rua Sala, após as inundações de 1840.

(4) *Apud* “Translator’s preface”, in “*The Spirits’ Book*”, by Allan Kardec, translated from the hundred and twentieth thousand by Anna Blackwell. Boston, Colby and Rich, 1875; id. *ibid.*, London, Trübner & Co., 1875.



Vista de Lião (França). Ao fundo: à direita, o rio Saône, e, à esquerda, a Fourvière, numa colina onde fora edificado o foro de Trajano. Cidade fundada em 43 a.C., com o nome *Lugdunum*. No primeiro plano o Teatro Romano.



Reconstituição da antiga *Lugdunum* (hoje, Lião) por Rogatien de Nail.

em suas informações, julgou, erradamente, que Rivail também nascera em Bourg e daí tê-lo inscrito em sua "Bibliographie de l'Ain" (1851, in-8°).

Conforme o assinalam os Registros de Batismo da paróquia de Saint-Denis en Bresse, Rivail foi batizado pelo padre Barthe a 15 de junho de 1805 na igreja Saint-Denis de la Croix-Rousse, que na época não fazia parte de Lião, mas se achava sob a jurisdição da diocese lionesa. Seus padrinhos foram Pierre Louis Perrin e Suzanne Gabrielle Marie Vernier, domiciliados na mesma cidade onde nascera a mãe de Rivail.

O futuro Codificador do Espiritismo recebeu um nome querido e respeitado, que remonta ao século XV, e todo um passado de virtudes, de honra e de integridade. Grande número de seus antepassados se tinham distinguido na advocacia, na magistratura e até mesmo no trato dos problemas educacionais.

Bem cedo, o menino se revelou altamente inteligente e perspicaz observador, sempre compenetrado de seus deveres e responsabilidades, denotando franca inclinação para as ciências e para os assuntos filosóficos.



Rua Sala (Lião, França). Local aproximado em que esteve situada a casa onde nasceu H. L. D. Rivail, em 1804. A foto é de setembro de 1978, vendo-se na esquina a Professora Terezinha Rey entre Cláudia Bonmartin e Divaldo P. Franco

2 — Formação escolar de Rivail. A reputação mundial do Instituto de Yverdon

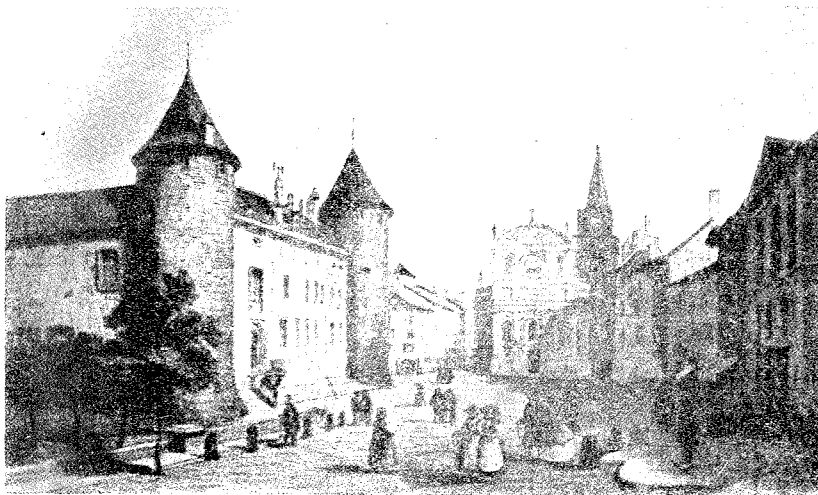
Conforme nos conta Henri Sausse, Rivail realizou seus primeiros estudos em Lião, sua cidade natal, sendo educado dentro de severos princípios de honradez e retidão moral. É de se presumir que a influência paterna e materna tenha sido das mais benéficas na sua infância, constituindo-se em fonte de nobres sentimentos.

Com a idade de dez anos, seus pais o enviam a Yverdon (ou Yverdun), cidade suíça do cantão de Vaud, situada na extremidade S. O. do lago Neuchâtel e na foz do Thiele, a fim de completar e enriquecer sua bagagem escolar no célebre Instituto de Educação ali instalado, em 1805, pelo professor-filantropo João Henrique Pestalozzi, cujo apostolado pedagógico já se revelara em Neuhof, Stans e Berthoud.

O Instituto de Yverdon, que funcionava no castelo construído em 1135 pelo duque de Zähringen (5), seria, durante quatro lustros, “a Belém da Natividade escolar, Reis Magos e bons pastores de Ceca e Meca a correrem ao Presépio, a louvarem o verbo encarnado na obra do Profeta” (6). Fre-

(5) Antiga residência dos bailios berneses, tornada propriedade do cantão de Vaud, havia sido vendida em 1804 à cidade de Yverdon, com a condição de que Pestalozzi aí gozasse gratuitamente, durante a sua vida, de um local para o seu instituto de educação. (*Apud Roger de Guimps*, “Histoire de Pestalozzi”, p. 313.)

(6) *Sousa Costa*, da Academia das Ciências de Lisboa: “Pestalozzi — o mestre-escola”, Academia das Ciências de Lisboa — Separata das “Memórias” (Classe de Letras, tomo V), Lisboa, 1948, p. 5.



Castelo de Yverdon (entre 1805 e 1825)

qüentado todos os anos por grande número de estrangeiros, citado, descrito, imitado, era, numa palavra, a escola modelo da Europa. Os sábios naturalistas Humboldt, Geoffroy Saint-Hilaire, F. Cuvier, o cientista Biot, o marquês de Dreux-Brezé, o barão de Gérando, o conde de Lasteyrie, o filósofo Maine de Biran, o duque de Broglie, o marechal Sébastiani, o ilustre pedagogo padre Grégoire Girard, a famosa escritora Mme. de Staël, o barão de Wangenheim, a grã-duquesa de Oldenburg, então rainha de Wurtemberg, o príncipe de Esterhazy, a princesa de Lippe-Detmold, lord Brougham, lord de Vescy, o célebre reformador socialista Robert Owen, foram algumas, apenas algumas, das altas personalidades políticas, científicas, literárias e filantrópicas que voltaram, maravilhadas, de suas visitas ao Instituto. Louvaram o criador dessa obra revolucionária, e por ela também se interessaram, Goethe, o rei da Prússia Frederico Guilherme III e sua esposa Luísa, o czar da Rússia, Alexandre I, o rei Carlos IV da Espanha, os reis da Baviera e de Wurtemberg, o imperador da Áustria, a futura imperatriz do Brasil, D. Leopoldina de Áustria, e muitos outros expoentes da nobreza européia e do mundo cultural. O grande pensador e filósofo alemão João Fichte, que igualmente conheceu o Instituto, declarou nos seus célebres "Discursos à Nação Alemã", pronunciados no inverno de 1807-1808, que a reforma da edu-

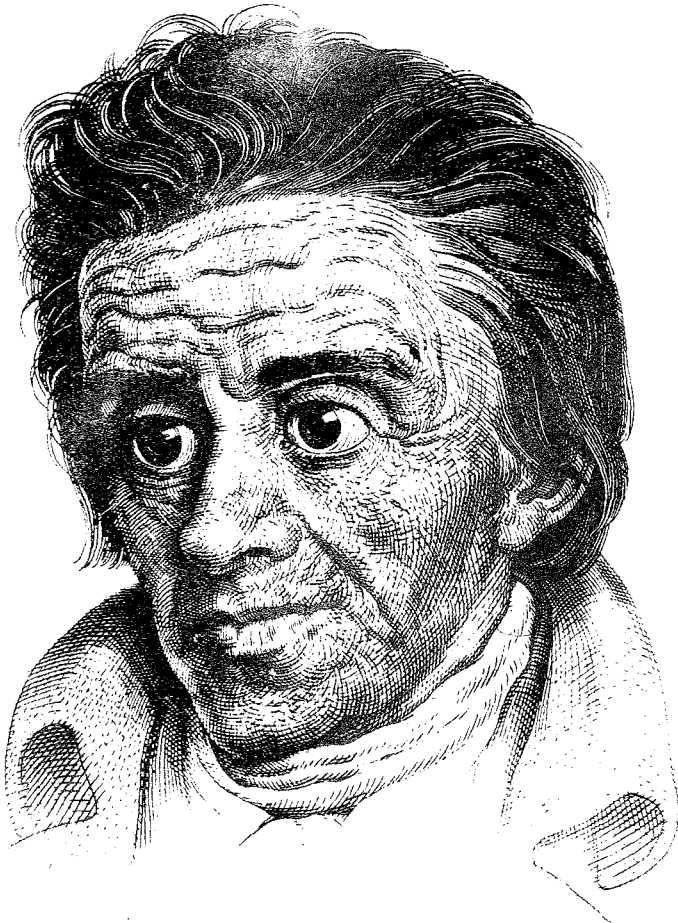
cação devia tomar por ponto de partida o método de ensino de Pestalozzi. E acrescentava: "Do Instituto de Pestalozzi espero a salvação da Alemanha."



J.-G. Fichte
(1762-1814)

Em Yverdon, o notável educador suíço reuniu em torno de si e da obra, objeto de tantas esperanças, conceituados professores vindos de várias partes, sendo que alguns deles tinham sido anteriormente seus alunos. Partilhando do entusiasmo do venerável mestre e devotados à causa sagrada do ensino, são mais citados pelos biógrafos os nomes de Hermann Krüsi, Tobler, Buss, Niederer, João Ramsauer, von Muralt, José Schmid, Barraud, Blochmann, Hoffmann, Hopf, Boniface, Konrad Näf, Mieg, Steiner, e muitos outros. Afora eles, homens de grande mérito, a maioria dos quais igualmente ensinaram no Instituto, acudiram de diferentes países para conhecer a instituição e seus professores, o plano de estudos e os processos pedagógicos da sua aplicação. Entre essas ilustres figuras, que absorveram o novo método de educação e posteriormente o disseminaram em suas terras natais, destacam-se: o grande pedagogo Fröbel, vulgarizador dos famosos "jardins de infância", que o tornaram célebre no mundo inteiro; o sábio professor Karl Ritter, um dos fundadores da geografia científica moderna e que lecionou esta matéria em Yverdon; a amiga de Beethoven, Teresa de Brunszvik, divulgadora de Pestalozzi na Hungria; Karl von Raumer, que escreveu mais tarde

a curiosa e sábia "História da Pedagogia"; von Türk, filantropo e pedagogo, de nobre família alemã, que renunciou a honroso lugar na magistratura de Oldenburg, para vir estudar o sistema pestalozziano em Yverdon, aí se tornando mestre em sua segunda visita; Nägeli, músico e educador zuriquense, criador dos orfeões de canto popular e seu maior propagandista na Suíça alemã; o Rev. Mayo e J. Greaves, dois abnegados discípulos de Pestalozzi e divulgadores do seu método na Inglaterra, sendo que o primeiro durante três anos ensinou religião aos alunos ingleses de Clendy e Yverdon; Jullien de Paris, que muito contribuiu para tornar conhecida na França a doutrina pestalozziana; etc., etc.



Johann Heinrich Pestalozzi
(1746-1827)

Foi com justiça e verdade que se lavrou no frontal do monumento erigido à memória de Pestalozzi, em Birr (cantão de Argóvia), um epitáfio que, entre outras coisas, dizia ter sido ele, em Yverdon, “o educador da Humanidade”.

Línguas, raças, crenças, culturas e hábitos diferentes ali se misturavam, aprendendo as crianças e os jovens, na vivência escolar, a lição da fraternidade, da igualdade e da liberdade. De tal maneira esses ideais ficaram enraizados na alma de Rivail, que muitos anos mais tarde, lembrando-se, talvez, da grande família unida de Yverdon, ele afirmava constituírem, por si sós, “o programa de toda uma ordem social que realizaria o mais absoluto progresso da Humanidade, se os princípios que eles exprimem pudessem receber integral aplicação” (7).

“Nas cumeeiras de Yverdon, o Presépio de Belém volve-se, na verdade, em Monte das Oliveiras — os discípulos a receberem a boa nova, a lição do Mestre, subordinada a esta máxima reguladora: saber e bondade sob a regência perpétua do bom-senso” (8). Uma média de 150 alunos internos (a maioria) e externos, metade dos quais estrangeiros, isto é, não suíços, aprendiam com Pestalozzi que “o amor é o eterno fundamento da educação”. Cedo, a reputação do Instituto se estendeu tão longe que atraiu para ali até mesmo jovens do Brasil e dos Estados Unidos da América (9). Com altos e baixos, o número de estudantes diminuiria bastante nos últimos anos do Instituto.

Das crianças internas cujos pais tinham recursos, cobrava-se uma pensão anual, cerca de setecentos e vinte francos em 1812, e que compreendia a alimentação, a lavagem de roupa, a instrução, a compra de cadernos e dos primeiros livros elementares. Os pais deviam fornecer cama e enxoval completo, e pagavam, ainda, por atividades e serviços extraordinários quando solicitados por eles mesmos.

(7) *Allan Kardec*: “Obras Póstumas”, 13ª ed. FEB, p. 233.

(8) *Sousa Costa*, ob. cit., p. 5.

(9) *P. P. Pompée*: “Études sur la vie et les travaux pédagogiques de J.-H. Pestalozzi”, Paris, Librairie Charles Delagrassé, 1878, p. 104.

3 — As atividades no Instituto

Aluno de Pestalozzi, de 1808 a 1817, Roger de Guimps deixou traçadas, em longa tirada, algumas de suas lembranças (10), que mostram o ambiente saudável em que Rivail viveu por muitos anos:

“Os alunos gozavam de grande liberdade; as portas do castelo permaneciam abertas o dia todo, e sem porteiros. Podia-se sair e entrar a qualquer hora, como em toda casa de uma família simples, e as crianças quase não se prevaleciam disso. Eles tinham, em geral, dez horas de aula por dia, das seis da manhã às oito da noite, mas cada lição só durava uma hora e era seguida de pequeno intervalo, durante o qual ordinariamente se trocava de sala. Por outro lado, algumas dessas lições consistiam em ginástica ou em trabalhos manuais, como cartonagem e jardinagem. A última hora da jornada escolar, das sete às oito da noite, era dedicada ao trabalho livre; as crianças diziam: *On travaille pour soi*, e elas podiam, a seu bel-prazer, ocupar-se de desenho ou de geografia, escrever a seus pais ou pôr em dia seus deveres.

“Os mestres mais jovens, que, em sua maioria, tinham sido alunos em Berthoud (Bergdorf), eram encarregados da vigilância durante todo o tempo em que não havia lições. Eles pernoitavam nos dormitórios, tomavam parte nas recreações dos alunos, com o mesmo prazer que estes; acompanhavam-nos ao jardim, ao banho, ao passeio, sendo muito estimados. Eram os

(10) *Roger de Guimps*: “Histoire de Pestalozzi, de sa pensée et de son œuvre”, Lausanne, Georges Bridel Éditeur, 1874, pp. 332 e seguintes.

únicos professores que os alunos tuteavam. Divididos em grupos, cada grupo desempenhava suas funções de três em três dias, pois que essa vigilância os ocupava de manhã à noite.

“Três vezes por semana, os mestres davam conta a Pestalozzi da conduta e do trabalho dos alunos; estes, cinco a



Roger de Guimps
(1802-1894)

seis de cada vez, eram chamados à presença do “velho” para receber suas admoestações e exortações. Pestalozzi os levava então, um após outro, a um canto do seu gabinete de trabalho, e com eles conversava em surdina. Perguntava se tinham algo

para lhe dizer, para lhe pedir; procurava assim ganhar-lhes a confiança, a fim de sondar se eles se sentiam bem, o que lhes agradava ou desagradava.

“Todos os domingos, numa assembléia geral, passava-se em revista o trabalho da semana.”



Castelo de Yverdon (sala de Pestalozzi)

Roger de Guimps percorreu, ainda, sobre a natação no lago Neuchâtel, às margens do qual descem as encostas do Jura cobertas de vinhedos, sobre as caminhadas pelo vasto jardim contíguo ao castelo, sobre a obrigatoriedade de exercícios militares para os alunos maiores, sobre o ensino facultativo da dança e da esgrima, sobre as ascensões às montanhas próximas, sobre a patinagem durante o inverno, sobre as festas principais do ano, inclusive a de aniversário de Pestalozzi, sobre as grandes excursões às florestas da vizinhança, a fim de realizarem estudos e colherem plantas, sobre as representações teatrais, geralmente baseadas nos feitos heróicos da história suíça da Idade Média, sobre os jogos e diversões várias, sobre a importância que Pestalozzi dava ao canto: cantava-se nos intervalos das lições, nos recreios, nos passeios. A música e o canto adquiriram ali, em 1816 e 1817, grande impulso com o notável compositor suíço Xaver Schnyder von Wartensee.

Todas essas atividades, e muitas outras aqui não mencionadas, explicam a razão do renome mundial de que gozava o Instituto de Yverdon. "Não havia castigos nem recompensas. Pestalozzi não queria a emulação nem o medo. Só admitia a disciplina do dever, ou melhor, a da afeição, do amor" (11). Nas admoestações que fazia, sempre indiretas, punha tanta bondade e compreensão em suas palavras, que não raro os alunos se retiravam com lágrimas nos olhos, de sincero arrependimento. Além de receberem excelente preparo físico, intelectual e moral, os escolares eram igualmente educados para a vida em sociedade, de modo a poderem enfrentar o mundo em qualquer situação ou circunstância.

Marc-Antoine Jullien, de Paris, na segunda edição (Paris, 1842) de seu volumoso livro "Exposé de la méthode d'éducation de Pestalozzi (...)", faz a páginas 487/497 extenso relato do



Marc-Antoine Jullien
(1775-1848)

(11) *Gabriel Compayré*: "Pestalozzi y la Educación Elemental", trad., apéndice y bibliografía por Angel do Rego, Madrid, ediciones de la Lectura, 1922 (1927 na capa), p. 56.

dia a dia no Instituto, entrando em pormenores realmente interessantes e curiosos, não revelados pelos demais divulgadores da obra pestalozziana. Ele assinala, ainda, que não havia férias anuais, embora os pais tivessem liberdade, durante um dos meses do outono, de terem junto deles os filhos, sem que, com isso, ficasse interrompido o curso dos estudos no Instituto.

Conforme conta Ackermann, que foi aluno de Pestalozzi em Yverdon, "o ensino ali era essencialmente *heurístico*, isto é, o aluno é conduzido a descobrir por si mesmo, tanto quanto possível por seu esforço pessoal, as coisas que estão ao alcance de sua inteligência, em vez de elas lhe serem ministradas dogmaticamente pelo método catequético". Partindo do princípio: "a intuição é a fonte de todos os nossos conhecimentos", Pestalozzi fundou sobre a intuição o edifício do ensino novo.

"A história, a literatura, todos os ramos dos conhecimentos humanos eram ensinados em Yverdon pelos homens mais notáveis", escreveu Augustin Cochin (12), que fora aluno do estabelecimento em questão. Pierre Philibert Pompée arrola em várias passagens de sua obra biográfica muitas das matérias que os alunos aprendiam. Mas é Jullien de Paris que apresenta lista bem completa e nele nos apoiamos para acrescentar, aos que já foram aqui citados, mais estes conhecimentos lecionados no Instituto: noções gerais, porém exatas, de mineralogia, de botânica, de zoologia e de anatomia comparada; um curso abreviado de história natural; elementos de fisiologia e psicologia; lições de física experimental e de química; estudo de línguas mortas ou antigas (principalmente grego e latim); o ensino das seguintes línguas vivas ou modernas: italiana, inglesa, francesa e alemã, sobretudo as duas últimas; o estudo geral das matemáticas, dividido em quatro seções: cálculo teórico e prático, e aritmética superior; álgebra, ou aritmética literal e universal; geometria e trigonometria; mecânica, com noções de astronomia e geografia matemática. Todas essas matérias faziam parte do ensino secundário, a que se juntava, ainda, uma tintura geral das belas-artes, aí incluído o desenho e a música. Ensinava-se, também, a geografia política e civil, a geografia geral e a história civil. Enfim, a instrução religiosa e moral. Na instrução primária, além da leitura, da escrita, do desenho, do canto e da ginástica, eram dadas noções de lin-

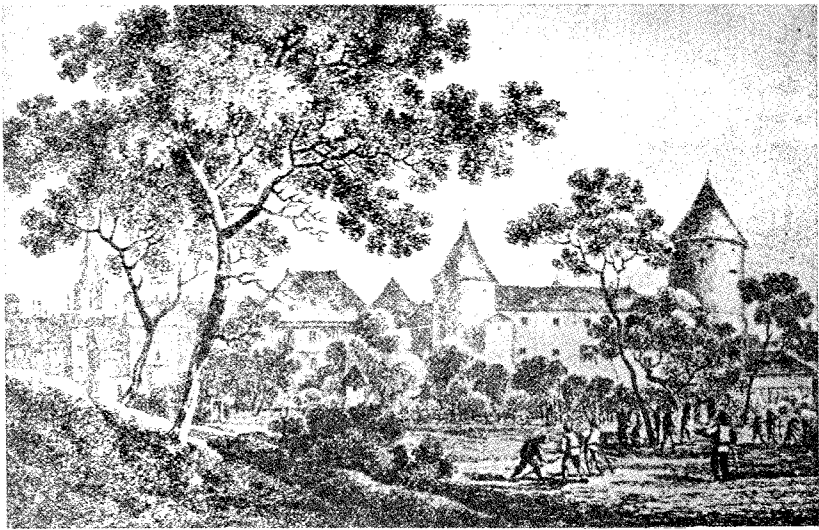
(12) *Augustin Cochin*, de l'Institut: "Pestalozzi, sa vie, ses œuvres, ses méthodes d'instruction et d'éducation", Paris, Librairie Académique, 2^e ed., 1880, p. 100.

guagem, elementos de cálculo mental (*calcul de tête*) e de cálculo por escrito (*calcul des chiffres*).

Afirma o "Dictionnaire de Pédagogie et d'Instruction Primaire", de Buisson, que no estabelecimento de Pestalozzi entram todas as disciplinas do programa do ensino primário e secundário, inclusive línguas antigas. Na verdade, porém, a instrução ali não se limitava ao que acima está escrito; estendia-se e desdobrava-se sob diferentes ângulos e matizes. Insignes mestres, que de perto acompanharam o ensino realizado em Yverdon, afirmaram que as crianças adquiriam, num ano, mais conhecimentos reais do que em dois ou três anos pelos métodos antigos.

4 — Os primeiros dez anos do Instituto

Instalado em fins de 1805, o Instituto de Pestalozzi viveu bem os dois primeiros anos, com uma média de 150 alunos e muito entusiasmo geral. A paz entre os membros da alta dire-



Yverdon e o castelo que acolheu
o Instituto de 1805 a 1825

ção ainda não havia sido tisonada pelos desentendimentos, fruto, em geral, do orgulho e da falta de humildade dos dedicados missionários do ensino.

Tudo começa a modificar-se quando entre João Niederer e José Schmid, poderosos e inestimáveis colaboradores de Pes-

talozzi, se declara a incompatibilidade de gênios. Esta se aprofunda em 1808. Ambos não conseguiam identificar-se entre si e com o mestre. O antagonismo ameaçou perturbar a harmonia entre os membros da grande família, mas não chegava a ter influência sobre os alunos e demais professores, alheios ao que se passava. Enquanto havia prosperidade exterior, marchava, passo a passo, no interior do estabelecimento, a cisão administrativa. Era de 165 o número de alunos em 1809, sendo 87 estrangeiros.

Agrava-se a situação em 1810. Schmid retira-se do Instituto, por não ver satisfeitas suas idéias de reformar o ensino que ali se praticava. Em 1811, Pestalozzi via-se privado do concurso de outros bons e antigos colaboradores, além de vários mestres menos notáveis. Muitos deles foram fundar, noutras cidades, escolas em que era usado o método pestalozziano. Todavia, novos mestres vieram preencher os claros, como Ramsauer, Göldi, Weillenmann, Baumgartner, Leueninger, Schacht, Blochmann, Ackermann, Lehmann.

Desde a saída de Schmid, era Ramsauer o braço direito de Pestalozzi na prática do ensino, como Niederer o era para a exposição de princípios. Novas matérias entram no currículo escolar, como química, grego e latim.

Com altibaixos, o Instituto vai caminhando, e quando tudo parecia normalizar-se, a posição econômica do estabelecimento se torna crítica em 1813. Os alunos-mestres, que tinham terminado seu tempo de estudo, voltavam às suas terras. Eram os chamados "alunos-mestres" jovens professores que os governos de nações próximas enviavam a Yverdon, desde 1809, para aprenderem, como alunos, o método pestalozziano e o introduzirem, ao seu regresso, nas escolas de suas respectivas pátrias. Acontecia, agora, o inesperado: o número deles, que às vezes chegava a quarenta ou mais, diminuía sensivelmente, porque os governos não procediam à remessa de novos contingentes. Na primavera de 1813, a convocação às armas em apelo feito ao povo alemão, contra o jugo napoleônico, fez que o restante dos mestres e alunos adultos de nacionalidade alemã deixassem o Instituto. Perduraria em 1814 esse mesmo estado de coisas.

5 — Divulgação do método pestalozziano na França

No verão de 1811, enviado pelo então ministro do Interior, conde de Montalivet, chega a Yverdon o publicista e homem público Marc-Antoine Jullien (1775-1848), mais conhecido por Jullien de Paris, membro de várias sociedades sábias. Durante dois meses estudou o método de Pestalozzi e suas aplicações, fazendo aparecer em Milão, onde suas funções de inspetor militar o haviam chamado, duas obras, ambas em 1812. Uma delas: *“Esprit de la méthode d’éducation de Pestalozzi, suivie et pratiquée dans l’Institut d’Éducation d’Yverdon, en Suisse”*, impressa em dois volumes, era, com o trabalho de Daniel-Alexandre Chavannes (*“Exposé de la méthode élémentaire de H. Pestalozzi, suivi d’une notice sur les travaux de cet homme célèbre, son institut et ses principaux collaborateurs”*, Vevey, 1805, reeditado em 1809), mais uma publicação em francês que permitia um julgamento consciencioso do método e seu autor, tendo a 2ª edição surgido em 1842, com o título ligeiramente alterado, já referido páginas atrás. A edição príncipe dessa última obra fez sensação na França — afirma P. P. Pomée —, muito contribuindo para divulgar o lar-escola de Pestalozzi, numa época em que o regime educativo ali se concentrava, para a juventude, nos liceus quase militares do Primeiro Império, e, para as crianças, nos rigorosos estabelecimentos de ensino do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, cuja origem se deve a João Batista de La Salle e que ainda em 1810 admitiam a pedoplegia, ou seja, punições corporais, nos alunos do curso primário.

Consagrando sua vida a escrever obras pedagógicas impregnadas de moral evangélica, várias delas coroadas pela

Academia Francesa, a talentosa escritora Mme. Elisabete Guizot (1773-1827), esposa de Francisco Guizot, mais tarde ilustre homem de Estado e historiador, leu as obras de Jullien, acima referidas, e, encantada, estampou em 1813, nos "Annales de l'Éducation" (vol. V) — uma das primeiras e mais notáveis publicações periódicas da pedagogia francesa —, alguns artigos em que salientava a excelência e as vantagens do método pestalozziano, o que veio concorrer, ainda mais, para a sua maior divulgação entre os educadores franceses, tornando, por outro lado, mais bem conhecido o admirável trabalho pedagógico que se realizava no Instituto de Yverdon. Para aí convergiu, então, não pequeno número de distintas e influentes personalidades, várias das quais tiveram, posteriormente, seus nomes inscritos na história das tentativas feitas na França para propagar a instrução popular.

O ensino primário e secundário nas cidades francesas, inclusive em Paris, era muito deficiente no começo do século XIX. Havia pequeno número de escolas, entre públicas e privadas.



Lazare-N.-M. Carnot,
o grande Carnot
(1753-1823)

No ano de 1815, Carnot, ministro do Interior dos Cem Dias, havia apresentado ao imperador um relatório em que destacava esta situação deplorável: "Há na França, dizia ele, dois milhões de crianças que reclamam educação primária, e, desses dois milhões, umas a recebem mui imperfeita, enquanto as demais dela se acham completamente privadas." Basta dizer que na capital francesa, em 1817, apenas 14% das crianças, entre 6 e 14 anos, freqüentavam as 132 escolas então ali existentes. Os professores eram, em geral, falhos de conhecimentos

e mal remunerados. As matérias de ensino, por sua natureza e número, não correspondiam às reais necessidades. O método, entre vicioso e absurdo, não se apoiava em fundamentos pedagógicos; a disciplina escolar, ou severa demais, ou relaxadíssima, era estorvo ao desejado aproveitamento por parte dos alunos. As guerras e revoluções absorviam as minguadas verbas destinadas à instrução pública. Os governos haviam abandonado quase que à iniciativa particular, em meio de muitas dificuldades, a honra de servir à grande causa da instrução popular.

O Instituto de Yverdon ocupava-se em formar homens sãos e robustos, bons e virtuosos, dotados dos conhecimentos essenciais às relações humanas. Diz um dos discípulos de Pestalozzi que as atividades diárias no Instituto, sempre repletas, ativas e fecundas, fortificavam o corpo das crianças, exercitavam ao mesmo tempo a atenção, a observação e o julgamento, nutriam o espírito, moralizavam o coração e todos os hábitos, vivificavam a alma, penetravam a intimidade do sentimento, elevavam o pensamento, cultivavam, ampliavam, desenvolviam e mantinham em equilíbrio e harmonia todas as faculdades. Tudo isso era conseguido dentro de uma plena liberdade, sob uma dependência personificada pela razão e pela bondade. O professor limitava-se a seguir e a secundar o aluno em seu autodesenvolvimento, sem forçar-lhe a natureza própria. De certo modo, mais do que à instrução, dava-se maior atenção ao desenvolvimento das faculdades do espírito.

Informando-se do notável programa educacional que se levava a efeito em Yverdon, muitas famílias francesas, que almejavam para os filhos uma educação mais completa e aprimorada, passaram a enviá-los ao Instituto de Pestalozzi.

Em pouco tempo, já havia quase tanto de alunos franceses quanto de alemães, levando a direção do Instituto a necessitar de mais professores que soubessem a língua francesa, pois freqüentemente um mesmo mestre era obrigado a dar suas explicações nos dois idiomas. A Jullien de Paris foi confiada a incumbência de procurar alguns mestres na França. Daqueles que conseguiu contratar, Alexandre-Antoine Boniface era, segundo ele, o único realmente digno de ser colaborador de Pestalozzi, e acrescentava: "Entre os homens de mérito, só encontrei Boniface, que quis deixar Paris para comer em Yverdon o pão que o diabo amassou" (13).

(13) *Roger de Guimps*, ob. cit., p. 383.

6 — Mestre e protetor de Rivail

Mas, quem era Alexandre Boniface? É bom conhecermos algo de sua vida, pois foi elogiosamente citado por Rivail numa de suas obras. Nascido em Paris, em 1790, segundo a maioria dos biógrafos, ou em 1785, segundo outros, mais antigos, foi aluno do célebre gramático François-Urbain Domergue, tornando-se, bem jovem ainda, excelente professor (*instituteur*), gramático e escritor pedagógico. Publicou grande número de obras de ensino e educação, algumas de colaboração com Lévi-Alvarès, a quem Rivail igualmente se reuniria na preparação de dois livros. Conhecia bem o inglês. Mais tarde fez parte da comissão encarregada pela Academia Francesa da refundição de seu Dicionário (14).

No Instituto de Yverdon, Boniface foi ao mesmo tempo discípulo e mestre, tendo lecionado de 1814 a 1817. Homem bom e simples, estimadíssimo pelo corpo docente e discente, tornou-se ali o centro de tudo que dissesse respeito a francês. Respeitado e benquisto, mantinha estreita camaradagem com os alunos, exercendo sobre eles a melhor influência. Com boa instrução básica e gosto muito puro, dava excelentes aulas de gramática e de literatura francesas, sempre ouvidas com geral agrado por todos os alunos. Admirado pelo seu talento, Jullien de Paris refere-se elogiosamente a ele no "Journal d'Éducation" de 1817.

De volta a Paris, o Prof. Boniface preparou durante cinco anos os materiais necessários à fundação de uma escola ba-

(14) *Apud* "Dictionnaire de Biographie Française", sous la direction de M. Prevost et Roman d'Amat, fascículo XXXIV, Paris-VI, Librairie Letouzey et Ané, 1953, colunas 957/58.

seada nos princípios pestalozzianos, mas com as modificações apropriadas ao ensino na França. Surgiu, assim, em 1º de maio de 1822, instalada na rua de Touraine Saint-Germain, nº 10, *quartier* de Luxembourg, a escola de Boniface (uma “escola de primeiro grau”), que progrediu rapidamente, adquirindo excelente reputação depois de sua transferência para a rua de Tournon, nº 33, no mesmo *faubourg* Saint-Germain (15). Ele a dirigiu até 1841, ano de seu decesso. Segundo o laureado *instituteur* Augusto Demkès, Boniface “foi um dos que mais contribuíram para melhorar o ensino primário entre os franceses”.

Alexandre Boniface protegeu (*protégea*) a infância (16) de Denizard Rivail, tendo sido um dos seus primeiros mestres. Quem o afirma é o próprio Rivail, no preâmbulo ao tomo I do seu “Cours pratique et théorique d’arithmétique” (17), obra esta que surgiu graças também ao incentivo e aos conselhos de Boniface, havendo quem diga que Schmid, professor de matemáticas em Yverdon, igualmente o estimulara a escrevê-la.

Abrimos pequeno parêntese para informar que em artigo na “Revue Spirite” de 1862 (18), com o propósito de rebater as calúnias de um abade, que escrevera tê-lo conhecido pobre em Lião e que agora nadava em dinheiro, Allan Kardec assevera, taxativamente, que nunca habitou Lião (*je n’ai jamais habité Lyon*). Como nasceu nessa cidade, onde foi batizado

(15) *Apud* “Dictionnaire de Pédagogie et d’Instruction Primaire”, publicado sob a direção de *F. Buisson*, agregado da Universidade, inspetor geral do ensino primário, com o concurso de grande número de colaboradores, 1ª parte, tomo primeiro, Paris, Librairie Hachette et Cie., 1882, p. 264. Cfr. *P. P. Pompée*, ob. cit., páginas 195, 391; *A. Cochin*, ob. cit. p. 77; e outros autores.

(16) O “Dictionnaire de la langue française”, de *Littré*, estabelece que a “infância” vai do nascimento ao sétimo ano de vida, mas acrescenta que a linguagem usual a eleva um pouco além, até aos 13 ou 14 anos. O “Dictionnaire de l’Académie” escreve: até aos doze anos, mais ou menos. *Paul Foulquié*, em seu “Dictionnaire de la langue pédagogique” (1971), anota: “Infância — período da vida humana que precede à adolescência. Distinguem-se comumente: 1º a primeira ou pequena infância (até 2 anos e meio); 2º a segunda ou média infância (de 2 anos e meio a sete); 3º a terceira ou última infância (de 7 a 11-12 anos), que é seguida da adolescência.”

(17) *André Moreil*: “La Vie et l’œuvre d’Allan Kardec”, Editions Spered, Paris, 1961, p. 82.

(18) “Revue Spirite”, 1862, p. 180.

cerca de oito meses e meio depois, pelo menos nesse período Rivail ali morou. Daí a afirmativa acima só permitir, a nosso ver, uma interpretação, a de que ele, Rivail, como Codificador do Espiritismo, jamais residiu em Lião, onde, portanto, o tal abade de forma alguma o poderia ter conhecido nessa fase de sua vida, não passando tudo de embuste engendrado pelo clérigo.

Com este parêntese, queremos inferir que tanto a "proteção" exercida por Boniface sobre a infância de Rivail, quanto a declaração de que aquele lhe fora "um dos primeiros mestres", tudo isso deve relacionar-se com o período colegial de Rivail em Yverdon, a não ser que se suponha tenha o jovem lionês recebido instrução primária, dos 6 aos 10 anos, em alguma escola parisiense onde Boniface professorava, o que contraria a opinião corrente, partilhada, em primeiro lugar, por Henri Sausse.

7 — Estudante em Yverdon

Rivail teria ingressado no Instituto de Pestalozzi ainda com a idade de dez anos, provavelmente depois da queda definitiva de Napoleão I, em 1815, hipótese mais admitida, inclusive por A. Moreil.

Alguns fatos importantes tinham, por essa época, atraído a atenção de novas famílias francesas para a obra pestalozziana e, em especial, para o que de relevante havia muito se realizava em Yverdon em prol da educação.

A lei imperial de 27 de abril de 1815, que alguns estudiosos têm como ponto de partida de tudo que se fez na França pela instrução primária, no século XIX, levou o Grande Carnot, ministro do Interior, a encarregar seletos grupos de filantropos e educadores de organizar o ensino, e somente então, conforme salientou P. P. Pompée, é que se pensou em aproveitar os trabalhos e as experiências de Pestalozzi. Em 17 de junho de 1815, véspera da derrota de Napoleão em Waterloo, ficou criada a célebre "Société pour l'instruction élémentaire", e um de seus primeiros atos foi nomear Pestalozzi membro correspondente. Além disso, também em 1815, aparecia nas livrarias, de autoria do sábio naturalista francês Frederico Cuvier, que retornara de sua visita a Yverdon, um "projeto" respeitante à organização do ensino nas escolas primárias, obra em que enaltecia o método de Pestalozzi, preferindo-o, mesmo, aos demais. Frederico Cuvier, irmão do celeberrimo naturalista Jorge Cuvier, desempenhara, durante muitos anos, sob o Império e sob a Restauração, as funções de inspetor geral da Academia de Paris, e é nessa qualidade que publicou o referido projeto, considerado por muitos como o trabalho mais importante que surgiu na

França sobre a instrução primária, desde o projeto de Chaptal, em 1800, até a lei de 1833.

A ressonância dessas e outras ocorrências nos meios educacionais contribuiu para levar ao Instituto de Yverdon novos alunos franceses, entre os quais o menino Denizard Rivail, cuja sede de saber estava a exigir um estabelecimento de ensino à altura do seu talento precoce e de sua atilada inteligência.

Em longa carta de Pestalozzi ao cavaleiro Sr. Rostaing, rua de Cousty, hotel de Mayence, Paris, datada de 18 de março de 1816, ele a termina com este recado: "Madame Rivail rendevos suas homenagens e muito vos agradece pelas boas disposições com relação à pessoa que ela vos recomendou."



Anna Pestalozzi-Schulthess
(1738 - 1815)

Essa carta ao Sr. Rostaing, que tinha dois filhos no Instituto, entrados respectivamente em 1814 e 1815, está publicada às páginas 80/81 do volume 10 das "Várias Cartas" de Pestalozzi, catalogada sob o n° 4230 (18-a). No que diz respeito a Mme. Rivail, o autor dos comentários apresentados na segunda parte do volume, Emanuel Dejung, declara, na página 509, que não se sabe a quem Mme. Rivail se refere no recado acima, mas informa que ela é a mãe de Hippolyte L. D. Rivail e que este "se encontrava no Instituto desde dezembro de 1815". Emanuel Dejung cita como referência bibliográfica a obra *Ernte*, de H. Schönebaum, 1942, pág. 428.

O que nos causou surpresa foi a presença da mãe de H.-L.-D. Rivail em Yverdon, percebendo-se que ela privava da intimidade de Pestalozzi. O que a levou a Yverdon? Apenas o filho? Por quanto tempo ali permaneceu? Até que ponto foi a relação dela com o mestre suíço? São perguntas sem respostas, por enquanto.

Ainda em 1815, a 12 de dezembro, ocorria o falecimento da "Mamãe Pestalozzi", como era chamada no Instituto a esposa do insigne pedagogo de Yverdon. Muito instruída, além do alemão ela sabia falar perfeitamente o francês e, por várias vezes, foi junto às crianças de língua francesa, idioma que Pestalozzi conhecia pouco e falava mal e com dificuldade, a paciente intérprete para um melhor relacionamento delas com o velho mestre.

No dia seguinte à desencarnação de Ana Pestalozzi-Schulthess, o inconsolável viúvo reuniu, de manhã cedo, na sala de culto, em volta do caixão mortuário, todos os alunos do Instituto. Ali, Rivail, embora menino ainda, pôde sentir a dor profunda de Pestalozzi, em lhe ouvindo as tristes lamentações em torno daquela separação. E certamente lhe passaram pelo espírito, dotado de invulgar precocidade, muitas interrogações para as quais só bem mais tarde teria resposta racional e convincente.

Pestalozzi, porém, não chegaria ao desespero. Ele era ferrenho crente no amor infinito de Deus. Acreditava, mesmo, numa vida após a morte. Numa carta que escreveu, naqueles dias, à sua amiga condessa Franziska Romana von Hallwyl, que procurara consolá-lo da dolorosa perda, o velho professor lhe disse, confiante: "Vossa fidelidade e vossa amizade a se-

(18-a) *Johann Heinrich Pestalozzi: "Samtliche Briefe", Zehnter Band (Briefe aus den Jahren 1816 und 1817), bearbeitet von Emanuel Dejung, Mit zwei Tafeln, Orell Füssli Verlag Zürich.*

guirão no outro mundo, nós a reencontraremos e juntos nos rejubilaremos com alegria.” (19)

No período em que estudou no castelo de Yverdon, Rivail conviveu fraternalmente com estudantes de diferentes nações e idades, e entre os que conseguimos colher, da mesma faixa etária, estão os nomes de Roger de Guimps, João José Guinchard, Augusto Perdonnet, Henrique de Cérenville, Frederico Alric, João Maria Beauchatton, Adolfo Jullien, alguns dos quais vieram a ser excelentes professores e dedicados divulgadores do ensino pestalozziano.

O jovem escolar lionês, ao qual os destinos reservariam sublime missão, logo se revelou um dos discípulos mais fervorosos do insigne pedagoga suíço, já dobrado sob setenta anos de lutas, realizações e decepções. Dotado da avidez de saber e de agudo espírito observador, adquiriu desde cedo o hábito da investigação. Seu interesse, por exemplo, pela Botânica levava-o, por vezes — conforme assinalou Anna Blackwell —, a passar um dia inteiro nas montanhas próximas de Yverdon, com sacola às costas, à procura de espécimes para o seu herbário. Aliando, a tudo isso, irresistível inclinação para o estudo dos complexos problemas do ensino, Rivail cativou a simpatia e a admiração do velho mestre, deste se tornando, anos mais tarde, eficiente colaborador. Os exemplos de beneficência e amor ao próximo vividos por Pestalozzi, a quem os alunos chamavam “pai Pestalozzi”, segundo afirmação de Roger de Guimps, norteariam para sempre a existência do futuro Codificador do Espiritismo. Aliás, até mesmo aquele “bom-senso”, que Flammarion aplicou a Kardec, foi cultivado e avigorado com as lições recebidas no Instituto de Yverdon, onde também “lhes desabrocharam as idéias que mais tarde o colocariam na classe dos homens progressistas e dos livres-pensadores” (20).

Ali viveu Rivail — como bem disse André Moreil — “num pequeno universo humano, que o marcou para sempre, e a figura do mestre veio a ser para ele a própria imagem do chefe que dirige e educa os homens. Percebemos, então, porque a vida de Allan Kardec, que se identifica com a fundação do Espiritismo prático, não é compreensível sem a vida escolar de Denizard-Hippolyte-Léon Rivail” (sic).

(19) “Pestalozzi et son temps” — Publié à l’occasion du centenaire de sa mort par le Pestalozzianum et la Bibliothèque Centrale de Zurich, Édition Berichthaus (Zurich), Librairie Payot & Cie. (Lausanne), 1928, p. 23.

(20) “Revue Spirite, journal d’études psychologiques”, maio de 1869, p. 130.

8 — Agravamento das divergências internas

Após essa digressão no histórico que fazíamos do Instituto de Yverdon, retomemos o fio da meada. Dizíamos que a situação administrativa do Instituto não era das melhores em 1813/14.

Em 1815, com o exílio de Napoleão Bonaparte e a consequente pacificação européia, o Instituto tomou novo impulso, com alunos, mestres e visitantes ali afluindo em maior número, mas isso não ajudou a amenizar o agravamento de sua posição financeira. Jullien de Paris, que já havia conseguido vários mestres franceses e certo número de alunos novos para o Instituto, interviu, em fins de 1814, para evitar-lhe a falência iminente.

Na Páscoa de 1815, Schmid retorna ao Instituto, atendendo às súplicas de Pestalozzi, e em pouco tempo, com várias reformas e medidas salutares, inclusive a dispensa de alguns professores, conseguia levantar o Instituto, que na ocasião agasalhava 78 alunos.

As atitudes e os processos de Schmid descontentaram a muitos, que chegaram a manifestar-se ostensivamente. O francês Boniface e vários mestres suíços tomaram o partido de Schmid (fevereiro de 1816). Não tardou que dezesseis mestres, submestres e alunos-mestres, todos alemães, deixassem o Instituto. Seguiram-lhes as pegadas alguns suíços, entre eles Krüsi e Ramsauer. Este se tornaria, mais tarde, preceptor dos príncipes e das princesas de Oldenburg. Apesar disso, o Instituto ainda conservava bons mestres, como Boniface, Stern, que ensinava muito bem o latim e o grego e que foi, posteriormente, diretor do ginásio de Stuttgart, Knusert, que, retomando ali suas funções, dirigia então os exercícios militares, Hagnauer,

jovem argoviano de talento, mais tarde professor na escola cantonal de Aarau, Lange, que falava bem o francês e era quem fazia o culto matinal para os alunos de língua francesa, além de outros educadores de mérito. Niederer ficou em seu posto, mas um resfriamento em suas relações com Schmid



Hermann Krüsi
(1775-1844)

começou a tomar vulto, pois Pestalozzi se inclinara visivelmente para Schmid, em quem tinha seu homem de confiança, nada fazendo sem primeiro consultá-lo. Acontecimentos posteriores, que podiam ser superados, caso houvesse mais humildade, vieram aumentar a antiga animosidade entre os dois valorosos discípulos de Pestalozzi.

Estamos no outono de 1816. A situação no Instituto — segundo o biógrafo J. Guillaume — era satisfatória, pelo menos sob o ponto de vista econômico. Ali havia, agora, uma centena de alunos. Muitos eram ingleses. A Inglaterra, com efeito, começava a interessar-se pelo método pestalozziano. A França também fornecera bom número: Jullien de Paris levara a Yverdon, na primavera de 1816, vinte e quatro jovens franceses, entre os quais estavam dois filhos seus (21). Quanto aos mestres, aqueles que haviam ficado após a partida de Krüsi, de Ramsauer e dos alemães, e aqueles que haviam preenchido as vagas, pareciam todos devotados a Pestalozzi. O descontentamento de Niederer ainda não exercia séria influência. O perigo financeiro imediato havia sido conjurado: as despesas do Instituto foram postas em equilíbrio com a receita.

Não demorou, porém, a surgir novo e grave incidente que veio afastar, ainda em 1816 e meados de 1817, a maior parte dos mestres e submestres do Instituto, ficando este quase inteiramente privado do pessoal de ensino. Niederer renuncia às suas funções em janeiro de 1817 e, não atendendo aos rogos de Pestalozzi, deixa o Instituto em maio do mesmo ano, após haver terminado a instrução religiosa daqueles alunos a quem se propusera preparar para a primeira comunhão no domingo de Pentecostes.

Ainda em 1817, vivamente contrariado porque Pestalozzi desfizera o acordo que em outubro firmara com Fellenberg, acordo que afastaria o velho pedagogo zuriquense da direção do Instituto, Marc-Antoine Jullien abandonou esse estabelecimento. Fê-lo juntamente com seus dois filhos, em fins do mencionado ano. Com eles, retiraram-se também, por solidariedade, todos os outros alunos franceses que Jullien havia levado, além de muitos bons mestres.

Analisando-se a correspondência trocada na época, verifica-se que Pestalozzi tivera ponderáveis razões para recuar do plano acima, idealizado por Jullien, cujas boas intenções eram, entretanto, indiscutíveis, desejoso que estava de livrar o mestre septuagenário de um fardo muito pesado para os seus ombros.

(21) Convém esclarecer que os franceses já vinham cursando o Instituto desde os seus primeiros anos de existência. Em 1807, por exemplo, entre os alunos estrangeiros (isto é, não suíços), o maior número era constituído de franceses, quinze ao todo.

Em dezembro de 1817, mais quatro professores deixavam o Instituto, instigados contra Schmid por um amigo de Fellenberg.

O retorno de Jullien a Paris não teve maiores reflexos junto aos estudantes de outras nacionalidades e até mesmo junto àqueles franceses que haviam sido levados ao Instituto por outras vias. Entre estes últimos estava Denizard Rivail, que



Johannes Niederer
(1779-1843)

ali permaneceu a fim de completar seus estudos. Os lamentáveis desentendimentos entre respeitáveis e abnegados mestres pertencentes à cúpula administrativa, com toda a sua gama de desastrosas conseqüências para o famoso estabelecimento escolar, fatos esses impossíveis de ficarem ocultos à curiosidade

dos alunos, não eram motivo bastante para que Rivail, bem assim seus colegas em geral, deixassem o Instituto. Todos eles viam em Pestalozzi a figura venerável de um verdadeiro apóstolo da educação. Por isso, continuariam a seguir-lhe os exemplos, a confiar no seu caráter ilibado, a respeitar-lhe as decisões, por estranhas e incompreensíveis que parecessem.



Johannes Ramsauer
(1790-1848)

9 — Iniciação de Rivail no campo do ensino. Afirmção temerária de Henri Sausse

Pelo que atrás nos foi dado observar, a saída sucessiva de tantos professores levaria, como de fato levou, o Instituto a uma situação aflitiva, nesse particular. P. P. Pompée chegou a afirmar que, à exceção de Schmid, restaram apenas três jovens professores que o próprio Pestalozzi havia educado graciosamente, com grandes sacrifícios.

Foi preciso, então — conforme assinalou J. Guillaume (22) —, transformar os submestres em mestres, e elevar à categoria de submestres alguns dos alunos mais bem dotados, a fim de serem preenchidos os claros causados por essa súbita e geral defecção.

Embora no Instituto prevalecesse o ensino simultâneo, não foi de todo desprezado o ensino mútuo (23), máxime nos tem-

(22) *F. Buisson*, ob. cit., 1ª parte, tomo segundo, Paris, Librairie Hachette et Cie., 1887, página 2336.

(23) Por meio desse método, toda uma escola pode instruir-se por si, sob a vigilância de um único professor: quando este tem sob a sua responsabilidade grande número de alunos em diferentes graus de adiantamento, ele se dedica ao ensino de uma classe, enquanto os alunos auxiliares ou monitores dirigem, como mestres improvisados, os trabalhos escolares das outras. Esses monitores eram escolhidos pelo mestre de entre os alunos mais adiantados e aplicados. O "ensino mútuo" ou "modo mútuo", vulgarizado pelos pedagogos ingleses José Lancaster e André Bell, esteve muito em voga em vários países europeus, na primeira metade do século XIX.

pos difíceis, como aqueles que o educandário suíço então atravessava. A par de outras vantagens desse método de ensino, Pestalozzi tinha-o, mesmo, como útil ao desenvolvimento da alma e do espírito da criança. Já no asilo de Stans, muitos anos antes, premido pelas circunstâncias, aplicara o ensino mútuo, e é ele mesmo quem o afirma em sua obra "Como Gertrudes ensina seus filhos" (1801): "Dele me servi em Stans, numa época em que não se falava nem de Bell, nem de Lancaster." Igualmente em Berthoud o ensino mútuo foi usado por Pestalozzi, segundo informa P.P. Pompée (24). Este modo de instrução estabelece, segundo Jullien de Paris, uma espécie de permuta, de comunicação, de relação entre as crianças, dispondo-as à moral prática, às relações sociais e às virtudes que elas deverão praticar, quando se tornarem adultas.

Madame de Staël, que esteve em 1810 no Instituto de



Mme. de Staël
(1766-1817)

Yverdon, consagrou uma parte do capítulo 19 da sua obra "De l'Allemagne" ao método de Pestalozzi, dizendo em certo trecho que, no referido estabelecimento, "les écoliers deviennent maîtres quand ils en savent plus que leurs camarades".

Ao que parece, ainda em fins de 1817 e até que a situação interna do Instituto se normalizasse, o eminente pedagogo voltou a empregar o método a que nos estamos referindo, combinando-o com o seu sistema educacional.

(24) P. P. Pompée, ob. cit., p. 289.

Consoante alguns biógrafos (25), Rivail, desde os catorze anos de idade, ensinava aos seus condiscípulos menos instruídos, ou mais novos, as lições dos mestres, ensaiando-se, assim, em “colaborador” do Instituto. E como esclarece A. Boniface (26), os chamados “colaboradores” eram recrutados entre os alunos mais adiantados. Numa carta escrita, em 1799, a um de seus amigos, sobre o orfanato de Stans, Pestalozzi detalhava: “Logo encontrei ajuda entre meus próprios alunos, e na diferença de capacidade de cada um deles. Servia-me dos mais adiantados para fazê-los ensinar aos seus colegas o que eles mesmos sabiam. Esta distinção lhes dava prazer; excitava neles pura e louvável emulação; consolidavam o que tinham aprendido, ao repeti-lo para os outros. (...) Eu me cercava, assim, de colaboradores, os quais, conformando sua conduta com a minha, seriam, com o tempo, bem mais úteis e melhor adaptados às necessidades do estabelecimento que os “instituteurs” propriamente ditos.”

Esclarece Jullien de Paris, em sua obra já aqui mencionada, que o curso completo de instrução no Instituto de Yverdon não tinha duração fixa, estendendo-se desde a idade de nove ou dez anos, ou mesmo desde os sete, até os quinze ou dezesseis anos, intervalo de tempo julgado o mais conveniente para uma boa formação das crianças. À instrução primária e secundária, compreendida naquele período, seguia-se, para aqueles que o quisessem, um terceiro e último grau de educação, a *educação normal* ou especial, técnica e praticamente destinada a formar bons professores e professoras na ciência mesma da educação e na arte pedagógica.

Sobram-nos razões para supor que o jovem Denizard Rivail tenha recebido essa educação especial, na qualidade de aluno

(25) V. “Revue Spirite”, maio de 1869, p. 130. Confronte E. Muller, Discurso pronunciado junto ao túmulo de Kardec, em nome da Família e dos Amigos, “Revue Spirite”, 1869, p. 144.

(26) “Cours élémentaire et pratique de dessin linéaire, appliqué... d’après les principes de Pestalozzi, suivi à Yverdun sous la direction de M. J. Ramsauer, et publié, avec des modifications, par A. Boniface, instituteur, disciple de Pestalozzi; avec un Traité élémentaire de perspective linéaire, par M. Choquet, ...” — 2ª edição, Imp. de Gratiot, em Paris, 1823, p. 19 da 1ª parte. Em maio de 1819 saiu o “prospecto” dessa obra, e para este mesmo ano estava programado o aparecimento da 1ª edição, em fascículos.

da *Escola normal* do Instituto, com isso adquirindo maior lastro de experiência e conhecimentos que ele, pouco mais tarde, saberia utilizar nos seus livros didáticos e aplicar nos estabelecimentos escolares que fundaria em Paris.

Qual acontecera a tantos outros educandos formados na Escola normal do Instituto, Rivail teria feito ali mesmo a sua iniciação no professorado, ainda mais, como salientou Jullien de Paris, que os professores primários do estabelecimento de Pestalozzi eram escolhidos, *em grande parte*, dentre os alunos mais adiantados.

À semelhança de outros alunos de reconhecida capacidade, que em 1817/18 foram elevados a submestres, cremos que Rivail, pouco mais tarde, também houvesse sido convocado por Pestalozzi para desempenhar as funções de submestre. Maturidade de pensamento, alto grau de inteligência e acentuada vocação para as coisas do ensino permitiriam a ele, Rivail, assumir a responsabilidade daquele cargo. E cremos, ainda, que isso tenha acontecido em 1819, correspondendo, aliás, ao que o próprio Rivail declarou em sua "Mémoire sur l'instruction publique". Nesta obra, lançada nos primeiros dias de março de 1831 (27), H. L. D. Rivail afirmava ter uma experiência pedagógica de doze anos, iniciada, assim, em 1819, antes dos quinze anos de idade.

Impressiona a precocidade desses professores imberbes. Jovens de gabarito intelectual bem acima da média, já trazendo de encarnações passadas a aptidão inata, por assim dizer, para o desempenho de tarefas educacionais, eles realmente ajudaram a soerguer o bom nome do estabelecimento, conforme escreveu J. Guillaume.

O fato em si não era incomum nos educandários de Pestalozzi. Em diferentes oportunidades, muitos foram os alunos que o pedagogo suíço transformou em submestres, como sucedera com Ramsauer, Schmid, Steiner, Knusert, Göldi, Steinmann, Frick, Egger, Baumann, Schürr, etc., etc. E uma boa parte deles passaram a ocupar posteriormente a posição de mestres. José Schmid, simples pastor tirolês, aluno dos mais distintos

(27) V. "Bibliographie de la France, ou Journal général de l'Imprimerie et de la Librairie, et de cartes géographiques, gravures, — lithographies, — œuvres de musique", XXe année (34e de la Collection), Paris, 1831, item 1044 do n° 10 (Samedi, 5 mars 1831).

no instituto de educação de Berthoud, aí entrou aos quinze anos de idade, com a instrução incompleta que uma escola de aldeia daquela época podia dar. Seus progressos foram de tal modo rápidos, sua vocação para as matemáticas se desenvolveu tão prontamente, que ao cabo de dois anos (1803) já ali lecionava aquela matéria, tornando-se mestre aos dezoito anos; João Ramsauer, pobre órfão saído de Appenzell, já aos doze de idade ensinava, como submestre não remunerado, nas pequenas classes elementares do instituto de Berthoud, onde fora recolhido, com dez anos, por Pestalozzi (28), e em Yverdon veio a ser submestre remunerado aos 16 anos, passando a mestre na idade de vinte anos; Jacob Steiner, que seria um dos maiores matemáticos da Alemanha, fez seu primeiro aprendizado com Pestalozzi, em Berthoud, tornando-se, com 14 anos, submestre em Yverdon, de 1810 a 1817; Knusert, do cantão de Appenzell, foi aluno em 1804, e desde 1805 um dos bons submestres de Pestalozzi; Louis du Puget, de Yverdon, aluno, submestre e mestre, tendo ensinado as matemáticas durante dez anos, até 1817; diga-se o mesmo com relação a Göldi, do cantão de Saint-Gall, respectivamente submestre e mestre em Yverdon, e a tantos outros educandos de Pestalozzi.

Na escola para crianças pobres dos dois sexos, por ele criada no ano de 1818, em Clendy, lugarejo na saída nordeste de Yverdon, bem cedo os alunos foram chamados a ensinar até pessoas adultas. E conta Roger de Guimps que em Yverdon preferia-se o ensino dado por eles ao dado pelos mestres eméritos.

Pesquisas por nós efetuadas em várias e conceituadas obras biográficas referentes a Pestalozzi levam-nos a discordar de Henri Sausse, quando este escreve que Rivail por muitas vezes substituiu o mestre na direção do Instituto de Yverdon. Na época em que Rivail ali esteve, só duas pessoas foram os braços fortes de Pestalozzi nos destinos do Instituto: Niederer e Schmid, e só elas o substituiriam em algum impedimento de força maior, podendo-se incluir, num curto período, o nome de Ramsauer, que de 1812 a 1815 exerceu as funções de secretário. Juntos, ou em separado, eles é que mandaram e se desmandaram, sob as vistas conciliatórias e, por vezes, até mesmo complacentes de Pestalozzi, que, entretanto, não largava mão de sua autoridade suprema. Não encontramos, em nenhuma

(28) *Roger de Guimps*, ob. cit., p. 265.



Henri Sausse
(1852-1928)

circunstância, brecha que ensejasse a ascensão temporária de Rivail ao mais alto cargo no Instituto. O máximo que se pode admitir, e ainda o consideramos muito pouco provável, é ter ele administrado, no final de sua permanência em Yverdon, alguma seção daquele estabelecimento de ensino e educação, como sucedeu com De Muralt e Mieg, os quais, em determinada época e por algum tempo, foram sucessivamente encarregados por Pestalozzi da direção moral e disciplinar do Instituto.

10 — Ascensão e queda

O ano de 1819 decorreu, para o Instituto de Pestalozzi, sob melhores auspícios. Voltara a ser próspero, debaixo da direção hábil e prudente de Schmid. A escola de Clendy, que se situava a um quarto de légua de Yverdon, com ensino gratuito mediante pensão anual paga por diversos protetores, muito elogiada por quantos a visitavam, foi transferida, em julho de 1819, para o castelo de Zähringen. Assinala J. Guillaume que pela primeira vez se reuniram no Instituto os meninos pobres e os pensionários ricos, ficando as meninas pobres instaladas em outra ala do castelo. Apesar de demonstrar os benefícios que adviriam (como advieram) dessa reunião de pobres e ricos, de meninos e meninas, no mesmo estabelecimento escolar, isto trouxe a Pestalozzi acerbas críticas, inclusive da municipalidade de Yverdon. Agora funcionavam ali duas seções: masculina e feminina. Como que se prevenindo para o futuro, Pestalozzi determinara que em cada seção um certo número de alunos fossem especialmente preparados para a carreira do ensino.

O êxito do modo mútuo, que penetrara na França, em 1815, sob o patrocínio da Sociedade para a Instrução Elementar, fazia então (1819) grande ruído na Inglaterra e na França. Pestalozzi soube disso. Fez curta alusão ao método de Bell e Lancaster, explicando que em seu Instituto também os alunos mais adiantados instruíam seus camaradas mais jovens. Disse mais: “Nosso método de ensino elementar forneceu a prova de que alunos convenientemente preparados podem desde já, como crianças, ensinar com êxito a outras crianças o que elas próprias aprenderam (...).” (29)

(29) *F. Buisson*, ob. cit., 1ª parte, tomo segundo, p. 2345.

Por ter sido muito divulgado na França, máxime durante a 2ª Restauração (1815-1830), concorrendo para suprir a falta de professores qualificados, não é improvável que Rivail igualmente o tenha utilizado em suas casas de educação. Tal método, diga-se de passagem, mantinha-se ainda em 1867, em certas escolas de Paris.

Em fins de 1820, o insigne educador suíço escrevia haver conseguido, afinal, o verdadeiro espírito de família dentro do Instituto, dizendo-se, com isso, bastante feliz. Todavia, nem todas as famílias abastadas viam com bons olhos essa mistura de crianças ricas e pobres, e, em consequência, retiraram os seus filhos. Foi isso, em parte, responsável pelos embaraços financeiros que começaram em 1821.

Os deploráveis litígios que ex-colaboradores, como Niederer, Krüsi e Näf, sustentavam contra Schmid, e nos quais o velho Pestalozzi se achava em causa, só sustados em dezembro de 1823, deveriam afetar profundamente, como de fato afetaram, a própria existência do Instituto. Afora isso, corria desde 1817



Pestalozzi

escandaloso processo que Niederer moveu, em nome de sua mulher, por questões de dinheiro, contra Pestalozzi, processo que rolou sete anos, sendo afinal dado ganho de causa ao martirizado pedagogo.

Desde 1822, devido à má repercussão dessas e outras tristes ocorrências, tornadas públicas pela imprensa e por ela exageradas ou deturpadas, o número de alunos pensionários, isto é, os que pagavam pensão para estudar, comer e dormir, diminuíra bastante. Como era de esperar, a posição financeira do Instituto instabilizou-se mais e mais, entrando em decadência.

A situação piorou em 1824, e quando, no mês de outubro, os adversários de Schmid, cujos ânimos exaltados não haviam esmorecido, conseguiram do Conselho de Estado de Vaud, mediante hábil processo, a expulsão de Schmid do referido cantão, chegava-se ao fim de tudo. Numa carta escrita ao término de 1824 ou início de 1825, Pestalozzi confessava à sua irmã que o instituto de meninos praticamente não mais existia. Na verdade, segundo Roger de Guimps, apenas alguns pobres da cidade de Yverdon ali restavam. Os últimos estudantes pensionários tinham saído em fins de 1823 e princípios de 1824.

Falhadas as tentativas para revogar o decreto que expulsava Schmid, anunciou Pestalozzi a sua decisão de deixar o Instituto de Yverdon, concretizando-a, afinal, em 2 de março de 1825. Acompanhado de Schmid, partiu para Neuhof, sua propriedade na Argóvia. Aí viveria seus últimos dias, tendo desencarnado em 1827, em Brugg, para onde o haviam transportado.

11 — O pensamento religioso de Pestalozzi na formação de Rivail

No seu Instituto de Educação, em Yverdon, cidade de cantão protestante, Pestalozzi conviveu com professores calvinistas e luteranos extremados no zelo religioso, mas, apesar disso e não obstante pertencer também à igreja reformada, ele sempre se colocou equidistante do misticismo, dos preconceitos e das paixões religiosas.

Como dava à Bíblia, tão fundamental para a fé protestante, apenas um valor relativo, como tinha em pouco apreço o estudo do catecismo e as instruções verbais em geral no desenvolvimento do sentimento religioso das crianças, como praticava a moral ativa e intuitiva e não a moral de cartilha, tal procedimento devia escandalizar os reformados daquele tempo. Quanto ao “mistério da Trindade”, dizia não encontrá-lo na Bíblia. Admitia, sim, um Deus-Amor, Pai de todas as criaturas, e sob essa forma é que queria fosse apresentado às crianças. Jesus, a quem muitas vezes se dirigiu em deprecações, era para ele o Filho de Deus e o maior dos homens.

Talvez por causa de suas idéias próprias em matéria de religião, já em 1811 e 1812 desfechavam contra ele ataques causticantes, afirmando-se, caluniosamente, que o ensino religioso no Instituto de Yverdon era deficiente e que aos alunos se inspirava aversão ao cristianismo, ódio às autoridades, descontentamento com o estado das instituições sociais, bem como opiniões revolucionárias.

Pestalozzi rebatia pela imprensa essas imputações maldosas e inverídicas, mas os eternos forjadores de calúnias e os invejosos e os descontentes voltavam, de quando em vez, a

bater na mesma tecla, com isso alanceando o coração do velho lutador, sem, no entanto, esmorecer-lhe o ânimo. Sua linha de conduta, orientada segundo rígidos princípios éticos e morais, não o deixava desviar-se para ser agradável a esta ou àquela pessoa, a esta ou àquela facção, a esta ou àquela corrente religiosa.

J. Guillaume via em Pestalozzi “um filósofo que aceitava as formas do cristianismo, mas permanecia estranho a seus dogmas, particularmente àqueles do pecado original, da graça e da redenção”.

Outro biógrafo, Gabriel Compayré, também referiu que o mestre suíço aliava à sua fé o espírito do cristianismo, mas não os dogmas, com isto despertando a intolerância protestante contra ele: “Não lhe perdoavam por contentar-se com uma religião natural, com um deísmo filosófico à Rousseau, com um cristianismo racionalista.”

Rivail assistiu na Suíça ao “despertamento” (*réveil*) religioso, uma espécie de revivificação da fé protestante, e seu aparecimento coincidiu com a marcha decadente do Instituto de Yverdon.

Bem cedo, esse movimento se manifestava em desacordo com a obra de Pestalozzi. Os apóstolos do “réveil” pregavam uma teologia estreita e opressiva, que quase anulava o livre-arbítrio, que arrebatava ao homem o poder de trabalhar em sua própria santificação, e, sobretudo, que não queria reconhecer na criança o germe de nenhum bom sentimento. Essa teologia não podia ser a de Pestalozzi, conforme observou Roger de Guimps. Por isso, os adeptos do “réveil” acharam que ele não era verdadeiramente cristão. Julgamento semelhante encontra-se em todas as obras publicadas sobre Pestalozzi por homens que tinham o mesmo ponto de vista religioso, tais como Blochmann, Mlle. Chavannes e J. Paroz.

Houve, entretanto, quem discordasse desse severo julgamento, como Jorge Jayet, um dos primeiros alunos entrados em Yverdon. Apesar de pastor e ardoroso apóstolo do “réveil”, Jayet declarou que se era verdade que Pestalozzi ignorava ou não aceitava certos dogmas, e nem mesmo conhecia a fundo os Evangelhos, é inegável que ele “imitara o espírito do Evangelho na sua maneira de nos conduzir”. “*Glaube und Liebe* (fé e amor) era um pensamento que freqüentemente se reproduzia em seus discursos religiosos.” E Jayet acrescentava, mais adiante: “Sua disciplina era o *amor*. Quando ralhava conosco, fazia-o abraçando-nos. É pelo coração que ele ia à consciência. Com

isso, preparava, sem o saber, muitas almas à disciplina do Evangelho e aos caminhos de Deus, para a salvação delas.”

Na verdade, cristão ele o foi a vida toda, como o demonstram seus estabelecimentos e discursos, suas obras, lições e cartas, tudo “inspirado na fé religiosa mais constante”, mas “o seu cristianismo” — conforme acentuou o Prof. Luciano Lopes (30) — “era livre de qualquer dogma. O seu espírito era dotado de extrema tolerância para com as crenças dos outros”.

Na sua juventude, foi-lhe um dos mais queridos amigos o filósofo e teólogo místico João Gaspar Lavater, cinco anos mais velho, autor de interessantes cartas à imperatriz Maria Feodorowna, esposa do czar Paulo I da Rússia, em seis das quais expõe idéias concordes com a doutrina espírita, sobre o futuro reservado às almas após a morte. Esse pastor suíço, que se inclinaria ao ocultismo, distinguiu-se por uma grande tolerância e “aliou em suas obras, de maneira original, a espiritualidade pietista às tendências científicas do seu tempo” (31), tendo sido para Pestalozzi “um conselheiro e, às vezes, um protetor” (31). Esta profunda e bela amizade entre os dois perdurou até a morte de Lavater, em 1801.

Ex-aluno de Pestalozzi, Roger de Guimps atesta que o mestre “se mostrou cristão por suas ações, por sua ardente e universal caridade, durante a vida inteira. Jamais atacou algum dos dogmas cristãos, mas não os professava de maneira clara e precisa. Ele não apreciava o dogmatismo, cuja influência receava contrária, sobretudo, ao desenvolvimento do sentimento religioso. Depois, ainda que protestante, queria igualmente estar bem com os católicos, e eis porque ele, nos livros como nos discursos, evitava tudo que pudesse susceptibilizar quaisquer confissões religiosas”.

Em 25 de maio de 1817 (Festa do Pentecostes), diante de Pestalozzi, dos mestres, dos alunos e até mesmo de pessoas estranhas, João Niederer, acompanhado dos professores prussianos, que ainda não haviam deixado Yverdon, em vez de ater-se ao sermão religioso do dia, anunciou, em dado momento, a resolução que tomara, de se afastar do Instituto, passando a

(30) *Luciano Lopes* (da Academia Carioca de Letras, ex-inspetor do ensino federal, professor, por concurso, da Prefeitura do Rio de Janeiro): “Pestalozzi, o grande educador”; Depositário: Paulo de Azevedo & Cia., Rio de Janeiro, 1943, p. 139.

(31) *Jacqueline Cornaz-Besson*: “Qui êtes-vous, monsieur Pestalozzi?”, éditions de la Thièle, Yverdon, 1977, pp. 16 e 29.



Johann Caspar Lavater
(1741-1801)

desfiar publicamente os motivos do seu descontentamento em relação a Pestalozzi e seu Instituto, com alusões descorteses e ofensivas, o que levou Pestalozzi a chamá-lo a brios.

Um panfleto publicado em 1827, de autoria do professor von Eduard Biber, sob a inspiração de Niederer, revelou que este, no referido sermão, asseverara ter sido atacado no fundo do seu sentimento religioso. E Biber tece comentários, explicando que poucos dias antes Niederer declarara a Pestalozzi,

pela terceira vez, que não continuaria como mestre de religião, por causa das *opiniões religiosas* de Pestalozzi e da influência que Schmid exercia sobre os alunos *nesse particular*.

Niederer, doutor em filosofia, era protestante convicto e, mais do que isto, ministro evangélico; Schmid, embora criado no catolicismo, tornara-se, como Pestalozzi, indiferente aos dogmas religiosos.

Havia, com efeito, concluiu J. Guillaume (32), dissidência religiosa entre Pestalozzi e os antigos colaboradores que dele se separaram em 1816 e 1817: Niederer, Krüsi, Ramsauer e os alemães, os quais disseram, para justificar esse êxodo, que eles afinal se tinham apercebido de que Pestalozzi não era verdadeiramente cristão (!). Ramsauer, que após deixar o Instituto se tornara um pietista fervoroso, como o foram tantos outros pedagogos alemães, lamentava, entre outras coisas, não ter recebido de Pestalozzi a sã doutrina cristã, particularmente a do pecado original. O pietismo considerava as crianças como corrompidas, maculadas do pecado original, com o que jamais concordou Pestalozzi.

Mais tarde, Niederer, que ainda continuava em luta aberta contra o velho pedagogo suíço, modificaria um pouco o seu ponto de vista, escrevendo: “De um lado, por seu caráter e espírito, Pestalozzi era profundamente religioso, ao passo que, de outro lado, suas idéias, suas concepções eram irreligiosas e anticristãs.”

A verdadeira religião, dizia Pestalozzi, não é outra coisa senão a moralidade. Para ele, os exemplos, a vivência dos princípios cristãos é que teriam a força de conduzir, de modo frutificativo, a infância e a juventude ao fiel cumprimento de seus deveres individuais e coletivos.

Interessando ao mestre suíço quase que apenas o ensino moral contido nos Evangelhos, que, como diria Kardec, é livre de controvérsias e é aceito universalmente, achavam que isso é insuficiente para alguém ser cristão, tal como hoje sucede com os espíritas, que não são considerados cristãos pelas hierarquias católica e protestante pelo fato de não professarem os dogmas dessas igrejas.

A desinteligência religiosa entre Pestalozzi e ex-professores do Instituto, todos dedicadíssimos à causa da Educação, devia

(32) *F. Buisson*, ob. cit., 1ª parte, tomo segundo, p. 2337.

ter chocado o ânimo de muitos alunos, entre os quais se incluía Denizard Rivail, em cuja alma ficaria gravado para sempre o lamentável espetáculo da “despedida” de Niederer.

Individualidade positiva desde a adolescência, conforme ele mesmo frisou (33), Rivail sempre sobrepunha a razão a qualquer afirmativa dogmática, quer científica ou religiosa. Por isso, e porque prezava a liberdade de consciência como um direito natural imprescritível, do qual decorre o direito de livre exame em matéria de fé, já naquele tempo de estudante, e antes mesmo dos graves acontecimentos registados em 1817, o espírito do jovem lionês se identificava ao do velho mestre Pestalozzi no plano religioso e moral.

Os alunos protestantes, em maioria no Instituto, recebiam instrução religiosa protestante, extensiva, mas não obrigatória, aos alunos de outras crenças. Com o aumento do número de jovens católicos, informa P. P. Pompée que estes passaram a ter um sacerdote católico romano que lhes explicava o catecismo de Lausanne e, de acordo com o desejo dos pais, lhes completava a instrução religiosa em ensino especial. É possível que Rivail, descendente de família católica, houvesse freqüentado as aulas de catolicismo, mas, à imitação de Pestalozzi, e assimilando talvez o pensamento deste, colocaria seu espírito acima das doutrinas dogmáticas e das querelas religiosas, para cingir-se à moral do Cristo. E mais tarde, na posição de Codificador da Doutrina Espírita, salientaria a magnitude da parte moral na mensagem cristã, assim se pronunciando:

“É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas. (...) nele teriam as seitas encontrado sua própria condenação, visto que, na maioria, elas se agarram mais à parte mística do que à parte moral, que exige de cada um a reforma de si mesmo.”

As deploráveis ocorrências que, fruto da intolerância e do dogmatismo religioso, prejudicaram bastante o bom funcionamento do Instituto, as divergências observadas no próprio corpo discente, com alunos católicos romanos e ortodoxos, bem assim protestantes de diferentes seitas, a se desentenderem sobre a interpretação dos textos escriturísticos, sobre a validade dos

(33) *Allan Kardec*: “Obras Póstumas”, 13ª ed. FEB, p. 268.

dogmas e outras questões correlatas, embora, no fundo, todos formassem uma família unida pelos laços de amizade que sadio companheirismo gerara, — tudo isso levou Denizard Rivail a conceber, desde os quinze anos de idade, a idéia de uma reforma religiosa, com o propósito de conseguir a unificação das crenças. E escreve Maurice Lachâtre (34), de quem colhemos



Maurice Lachâtre

Maurice Lachâtre
(1814-1900)

(34) "Nouveau Dictionnaire Universel" — Panthéon Littéraire et Encyclopédie Illustrée — par *Maurice Lachâtre*, 1865-1870, Paris, tomo primeiro, p. 199.

essas informações, que por muitos anos Rivail trabalhou em silêncio nessa reforma, mas “lhe faltava o elemento indispensável à solução do grande problema, que só o Espiritismo lhe forneceu”.

A partir de meados de 1855 é que Rivail começou seus estudos sérios de Espiritismo, nele encontrando, afinal, o elemento que, com eliminar algumas das dificuldades impeditivas, facilitará o entendimento entre as religiões.

Tendo verificado que os fatos e os princípios do Espiritismo se perdem na noite dos tempos, pois que deles se encontram traços nas crenças de todos os povos, em todas as religiões, na maioria dos escritores sagrados e profanos; tendo observado que a própria doutrina que os Espíritos hoje ensinam nada tem de novo, pois que se encontra fragmentada na maioria dos filósofos da Índia, do Egito e da Grécia e toda inteira nos ensinamentos do Cristo; tendo chegado à conclusão de que, do ponto de vista religioso, o Espiritismo tem por base as verdades fundamentais de todas as religiões e que, como crença nos Espíritos, ele é igualmente de todas as religiões e de todos os povos, — houve da parte de Rivail (Allan Kardec) a tendência para fazer do Espiritismo [que a seu ver *não é uma religião especial ou constituída* (35)] como que uma ponte de ligação entre as religiões constituídas: “A Doutrina Espírita sobre o futuro (...) congregará, como já está acontecendo, as opiniões divergentes ou flutuantes e trará gradualmente, pela força das coisas, a unidade de crenças sobre esse ponto, não-já baseada em simples hipótese, mas na certeza. A unificação feita relativamente à sorte futura das almas será o primeiro ponto de contacto dos diversos cultos, um passo imenso para a tolerância religiosa em primeiro lugar e, mais tarde, para a completa fusão.”

Consolidou-se com o tempo o sonho acalentado, desde a adolescência, pelo ex-discípulo de Pestalozzi, apesar de ele observar, com tristeza, a incompreensão das religiões cristãs dominantes, que repeliram com injúrias e anátemas a Doutrina Espírita, arrolando seus adeptos como hereges.

(35) Allan Kardec: “Le Spiritisme à sa plus simple expression” — Exposé sommaire de l’enseignement des Esprits, Paris, Librairie des Sciences Psychiques, 1922 (150e mille), página 15; “Revue Spirite”, 1869, p. 260.

Se difícil lhe parecia, para a sua época, o cumprimento da profecia de Jesus: "um só rebanho e um único pastor", confiava, todavia, na sua concretização futura:

"(...) porque dia virá em que todas essas crenças tão diversas na forma, mas que repousam realmente sobre um mesmo princípio fundamental — *Deus e a imortalidade da alma*, se fundirão numa grande e vasta unidade, logo que a razão triunfe dos preconceitos."

Suas esperanças a respeito são renovadas em outros trechos de sua última obra, publicada em 1868:

"(...) a unidade se fará em religião, como já tende a fazer-se socialmente, politicamente, comercialmente, pela queda das barreiras que separam os povos, pela assimilação dos costumes, dos usos, da linguagem. (...) A fim de chegarem a esta unidade, as religiões terão que encontrar-se num terreno neutro, se bem que comum a todas." "(...) o progresso moral, secundado pelo da inteligência, confundirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a contravérsias e, em consequência, aceitáveis por todos."

Como já falamos atrás, desde os bancos colegiais no Instituto de Yverdon, ao presenciar ali as divergências religiosas que desuniam abnegados e respeitáveis educadores, chegando a intolerância a criar sérios problemas até mesmo para Pestalozzi, o jovem Rivail não só aspirava à união das religiões, como já dava tratos ao cérebro na busca de uma fórmula conciliatória.

Cerca de um ano antes de sua desencarnação, conservando ainda o mesmo ideal da mocidade, ele assim escrevia:

"A unidade de crença será o laço mais forte, o fundamento mais sólido da fraternidade universal, obstada, desde todos os tempos, pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem sejam uns, os dissidentes, vistos, pelos outros, como inimigos a serem evitados, combatidos, exterminados, em vez de irmãos a serem amados."

12 — De Yverdon a Paris

Não se sabe ao certo quando Rivail deixou Yverdon, de retorno à França. Conquanto Anna Blackwell tenha dito, no prefácio à sua tradução inglesa de "O Livro dos Espíritos" (1875), que Rivail retornara a Lião em 1824, de onde não demoraria a transferir-se para Paris, achamos, diante dos argumentos e dos fatos abaixo apresentados, que o destino do jovem Rivail, logo após a sua permanência em Yverdon, não foi Lião, e, sim, Paris. Assim o fez porque seus pais talvez houvessem fixado residência na capital francesa, hipótese não inverossímil se se lembrar que mais tarde seus progenitores estariam domiciliados em Château-du-Loir (36), sede de cantão do Departamento de Sarthe. Pode-se, ainda, supor que sua preferência por Paris, então o centro cultural do mundo, tenha sido a concretização de um sonho a que todo jovem instruído aspirava.

André Moreil escreve que Denizard Rivail provavelmente deixara a escola de Pestalozzi em 1819 e que teria chegado a Paris em 1820 (ob. cit., pp. 79 e 82), depois que se pôs em dia com a conscrição (id., pp. 81 e 99). Jean Vartier pergunta o que fez Rivail entre 1818, "data presumida do fim de seu ciclo de estudos junto a Pestalozzi" (37), e 1824. Já Henri Sausse, sem entrar em maiores esclarecimentos, declara que

(36) *Henri Sausse*, ob. cit., p. 22.

(37) *Jean Vartier*: "Allan Kardec, la naissance du spiritisme", Paris, Librairie Hachette, 1971, p. 27. Sobre esta obra e seu autor, leia-se em "Reformador", órgão da Federação Espírita Brasileira, abril de 1973, o admirável artigo de Hermínio C. de Miranda, intitulado: "Allan Kardec e o mistério de uma fidelidade secular", artigo reproduzido no capítulo 22 do livro "Reencarnação e Imortalidade", do mesmo escritor Hermínio C. Miranda, publicado pela FEB em 1976.

ANDRÉ MOREIL

LA VIE ET L'OEUVRE
D' ALLAN KARDEC

*Précédées d'une
Étude sur le Spiritisme*

SPERAR
5, Rue Lamartine, 5
PARIS
1961

A Honravel Presidente
 da Federação Espírita do Brasil
 homenagem fraternal de Rivail
 André Rivail

LA VIE ET L'OEUVRE
 D'ALLAN KARDEC

Ante-rostro do exemplar S. P. 53 ofertado pelo Autor ao Presidente da Federação Espírita Brasileira, em 1961.

Rivail veio para Paris dois anos após isentar-se do serviço militar (38).

Antes de emitirmos a nossa opinião a respeito, façamos brevíssimo histórico sobre o recrutamento militar na França daqueles tempos (39). Em 5 de setembro de 1798, ficou ins-

(38) *Henri Sausse*, ob. cit., p. 21.

(39) "Recrutement — Tirage au sort et révision", par *De Boyer de Sainte-Suzanne*, Paris, Imprimerie et Librairie administratives de Paul Dupont, 1860, diversas páginas; "Grand Dictionnaire Universel du XIXe Siècle", par *Pierre Larousse*, Paris, Administration du Grand Dictionnaire Universel, tomo XIII, página 799; *F. Buisson*, ob. cit., 1ª parte, tomo primeiro, p. 721; etc.

tituída, por lei, a conscrição, que abrangia todos os franceses de vinte anos completos até à idade de vinte e cinco anos feitos. Abolida em 14 de junho de 1814, a conscrição reapareceu quatro anos depois, com a lei de 10 de março de 1818, que substituiu a conscrição por um novo sistema, chamado recrutamento. O marechal Gouvion-Saint-Cyr propôs uma nova maneira de recrutamento, o sorteio, sendo votada a lei de 24 de abril de 1818, da qual a de 1832 reproduziria suas principais disposições.

Os jovens de vinte anos feitos (*révolus*) eram sorteados em janeiro do ano seguinte imediato e, quando convocados a prestar o serviço militar, podiam obter isenção ou dispensa, desde que apoiados em certos requisitos da lei.

À vista do que acabamos de expor, Denizard Rivail só podia ter sido sorteado para o serviço militar a partir de 1825, pois somente atingira, no ano precedente, a idade para o recrutamento.

Informa Henri Sausse que Rivail isentou-se do serviço militar. Cremos que ele, como *instituteur* (40) e *chef d'institution*, foi dispensado, pois a lei o permitia aos membros da instrução pública, aos institutores do 1º e 2º graus em função (41), aos institutores adjuntos, a certos mestres de ensino

(40) *Instituteur* (lat. *institutor*, deriv. de *instituire*) — Designação dada na França, a partir de 1792, ao mestre das escolas primárias, e que com o tempo ganhou certa elasticidade, estendendo-se também aos professores do ensino secundário. Na acepção moderna, *instituteur* (fem. *institutrice*) é aquele que ensina numa escola primária ou numa classe do primeiro grau (cf. Paul Foulquié, ob. cit.), o mesmo que mestre-escola.

Não há em outras línguas o equivalente exato de *instituteur*, que, no conceito de Dupanloup (*De l'éduc.*, II, 537), “é uma bela palavra, a mais nobre talvez de todas aquelas pelas quais se designa o homem que se devota à Educação da juventude”. De modo genérico, pode-se, em português, traduzi-la simplesmente por professor. Todavia, o sábio Prof. J. F. da Rocha Pombo registou no seu “Dicionário de Sinônimos da Língua Portuguesa” (1914), p. 179, o substantivo — *institutor*, que, segundo ele, sugere não só a arte de ensinar, senão também a idéia de criar, formar o espírito do educando, atribuindo-lhe Rocha Pombo mais extensão que o termo educador.

Conquanto *institutor* ainda não expresse o conteúdo real do vocábulo francês — “instituteur”, nós o empregaremos daqui para a frente.

(41) Cfr. *J. Leif et G. Rustin*: “Histoire des Institutions Scolaires”, Paris, Librairie Delagrave, 1954, p. 139.

livre cujas escolas preenchessem determinadas condições, bem assim aos diretores de escola (*chefs d'institution*) e a outras categorias funcionais ligadas ao ensino. Todos eles, porém, contraíam o compromisso de ficar dez anos a serviço do ensino.

É verdade, e o confirmamos logo a seguir, que Rivail estava em Paris antes da idade militar. De fato, ao menos em janeiro de 1823 ele já residia à rua da Harpa (*rue de la Harpe*) nº 117 (42), na capital francesa, para onde se teria transportado, não em 1820, como pensa Moreil, ou posteriormente a 1824, como se infere de Sausse e como pretende Anna Blackwell, mas, sim, segundo todas as probabilidades, em 1822.

Se bem que nada nos autorize a afirmá-lo categoricamente, é-nos lícito presumir que Rivail tenha permanecido no Instituto de Yverdon até 1822, talvez desempenhando ali as funções de submestre, senão, mesmo, de mestre. De qualquer forma, o diligente discípulo de Pestalozzi estaria em Paris no ano de 1822.

Na rua da Harpa, então um dos principais eixos da vida universitária parisiense, ficava o Liceu Saint-Louis (antigo "collège d'Harcourt"), estabelecimento escolar dos mais florescentes e mais bem reputados da Universidade. Rivail encontraria, assim, naquele local, excelentes oportunidades para continuar suas atividades educacionais.

(42) "Bibliographie de la France, ou Journal Général de l'Imprimerie et de la Librairie", Pillet-aîné, imprimeur-libraire, rue Christine, nº 5 (Reprinted with the permission of Cercle de la Librairie, Paris — Kraus reprint Ltd., Nendeln, Liechtenstein, 1966), douzième année (26^e de la Collection), nº 5, samedi, 1^{er} février 1823, pp. 71/72, item 558.

13 — Revelação mirabolante

Em fins da terceira década deste século XX, um certo Marcel Kardec — pseudônimo adotado por Louis-Henri-Ferdinand Dulier, de origem belga, nascido em 1873, filho de Victor Dulier e Catherine Jaussens, recém-falecidos àquela época, segundo a “Revue Spirite” de janeiro de 1929 —, fazendo-se passar por neto de Allan Kardec, realizou virulenta campanha contra as “mentiras do Espiritismo” e as “falsidades do Além”, com espetáculos de hipnotismo e prestidigitação, dados a um público pagante nos teatros, nas salas de concerto ou nos cafés. Encorajado por sacerdotes católicos, por pastores e até mesmo rabinos, ele realizou *tournées* por algumas cidades do litoral francês, da Tunísia, da Argélia, de Marrocos e da Espanha.

Dotado de fertilíssima imaginação, tentou até refazer e “enriquecer” a biografia de Allan Kardec, sessenta anos após a desencarnação deste, articulando uma série de inverdades que os fatos desmentem e a razão repele.

Assim, por exemplo, escreveu que Rivail, entre 1820 e 1824, fora enviado por Pestalozzi à Inglaterra, à Alemanha e à Holanda para fundar escolas semelhantes à de Yverdon. E no entanto, sobre essa fantasiosa viagem, até hoje nenhuma referência, mesmo ao de leve, foi feita pelos biógrafos de Pestalozzi e de Rivail-Kardec!

Foi na Holanda, segundo absurda história arquitetada por Dulier, que Rivail engravidou a avó dele, Dulier, abandonando-a, logo depois, ao deus-dará. Esta caluniosa “revelação”, feita só em 1930, aberrava de tal modo da integridade de caráter e da dignidade espartana de Allan Kardec, que até mesmo biógrafos contrários a este o defendem dessa pecha infamante.

Um deles, o Sr. Jean Vartier, conquanto intérprete sutil e malicioso de Kardec e sua obra, teve, não obstante, a lealdade de considerar estranhas as revelações mirabolantes de Dulier, acolhendo-as como falsas ou apaixonadas. E fez ainda este judicioso comentário à viagem acima referida: "Tal confiança da parte do famoso pedagogo teria feito de Rivail o discípulo escolhido, mas sobre isso nenhum dos biógrafos de Pestalozzi falou. É estranho!" (43)

Desse Monsieur Dulier, que costumava apresentar-se como o *Dr. Kardec*, sem ser formado em coisa alguma, o tempo encarregou-se de sepultar-lhe a triste memória, desacreditando-lhe as mentiras e calúnias.

Dando vazão a simples instintos exibicionistas, e de conluio com forças inimigas da obra kardequiana, o Sr. Dulier ficou na vaguidão do intuito clara e meramente difamador. Nunca apareceu um documento sequer, uma testemunha viva, que confirmasse, mesmo de longe, a inquinação de sedução assacada pelo infeliz contra a honra e a probidade moral do acusado.

(43) *Jean Vartier*, ob. cit., p. 281.

14 — Seu primeiro livro

Sem dúvida, chegando à capital da França, Denizard Rivail logo se pôs a exercer o magistério, aproveitando as horas vagas para traduzir obras inglesas e alemãs e para preparar o seu primeiro livro didático.

Não tardou que em 1º de fevereiro de 1823 fosse relacionado na “Bibliographie de la France” (44) o prospecto intitulado: “COURS Pratique et Théorique D'ARITHMÉTIQUE, d'après les principes de Pestalozzi, avec des modifications”, assinado por H. L. D. Rivail.

Nada mais sendo que um folheto destinado a dar o plano, a idéia, a descrição de alguma obra que ainda não fora publicada, mas que o havia de ser, o prospecto era distribuído com fins meramente publicitários. O a que nos referimos linhas atrás, in-8º, de uma folha (45), ou seja, de 16 páginas, foi impresso por *Pillet-aîné*, na época um dos mais conhecidos livreiros-editores de Paris. Rivail abriu então em sua casa, à rua da Harpa, nº 117, uma subscrição que se encerraria em 1º de junho. Para os subscritores, a obra seria vendida ao preço de 6 francos e, para os não subscritores, 7 francos.

Empenhado em seguir as pegadas do mestre Pestalozzi, cujo método permitia transmitir aos jovens estudantes uma

(44) Vide nota 42.

(45) Folha (*feuille*, em francês), como termo de tipografia: número de páginas fixado de acordo com a diferença de formato. Folha in-quarto, aquela que tem 8 páginas; folha in-oitavo, a que tem dezesseis páginas; folha in-doze, a que tem 24 páginas; etc. (*Apud Emile Littré*, “Dictionnaire de la langue française”, tomo 3.)

BIBLIOGRAPHIE

DE LA FRANCE,

OU

JOURNAL GÉNÉRAL

DE L'IMPRIMERIE ET DE LA LIBRAIRIE.

Le prix de l'abonnement est de 20 fr. par an avec les *Tables*, qui sont au nombre de trois, savoir : *Table alphabétique des ouvrages*, *Table alphabétique des auteurs* et *Table systématique des ouvrages*. On souscrit à Paris, chez PILLER aîné, imprimeur-libraire, rue Christine, n^o 5; et chez les principaux libraires de France et de l'étranger.

Tout ce qui est destiné à M. Beuchot doit lui être adressé, franc de port, à son domicile, rue de l'Abbaye, n. 6.

LIVRES FRANÇAIS.

5395. **D**escription hydrographique et historique des marais pontins; relief du sol cadastre, détails intérieurs, etc., analyse raisonnée des principaux projets proposés pour leur dessèchement; histoire critique des travaux exécutés d'après ces projets; état actuel (au mois de septembre 1811) du sol pontin, projets ultérieurs pour son dessèchement général et complet, avec l'exposition des principes fondés sur la théorie et l'expérience, qui ont servi de base à ces projets, rédigés d'après les renseignements recueillis sur les lieux, par l'auteur; l'examen détaillé des marais où il a séjourné et qu'il a visités et parcourus plusieurs fois, et les opérations de jaugeage, nivellement, etc., qu'il y a faites pendant les années 1811 et 1812. Par M. de Prony. In-4^o de 63 feuilles, plus un atlas in-folio de 2 feuilles et 39 planches. Imp. de F. Didot, à Paris. — A Paris, chez F. Didot. Prix. 40—0

5396. **H**ISTOIRE critique et littéraire des théâtres de Paris. Par A. P. Chaalons d'Argé, année 1822. In-8^o de 40 feuilles 3/4. Imprim. de Hocquet, à Paris. — A Paris, chez Pollet. Prix. 6—0

Voyez la lettre ci-dessus, page 719.

5397. **Précis historique de la guerre entre la France et l'Autriche en 1809.** Par le comte Alexandre de Laborde, membre de l'Institut. In-folio de 40 feuilles, plus 40 planches. Imprim. de J. Didot l'aîné (1822), à Paris. — A Paris, chez Masson et fils. Prix de chaque vol. 120—0

Le faux-titre porte : *Voyage pittoresque en Autriche*. Tome III. Les deux premiers volumes de ce Voyage ont paru en 1821. (Voyez u. 3284 de 1821.)

5398. **Cours pratique et théorique d'arithmétique**, d'après la méthode de Pestalozzi, avec des modifications; contenant des exercices de calcul de tête pour tous les âges; un grand nombre d'applications; des questions théoriques sur les diverses parties de l'arithmétique, et qui peu-

veut servir d'examen; une table de la réduction des monnaies étrangères en monnaies françaises; une théorie des logarithmes, etc., etc. *Cuvrage également propre aux instituteurs et aux mères de famille qui veulent donner à leurs enfans les premières notions de cette science, et dans lequel on n'a rien négligé de tout ce qui pouvait en rendre l'utilité plus générale.* Par H. L. D. Rivail. Deux volumes in-12, ensemble de 26 feuilles, plus 3 planches. Imp. de Pillet aîné (1824), à Paris. — A Paris, chez Pillet aîné. Prix. 6—0

5599. COLLECTION des *Mémoires* relatifs à l'Histoire de France depuis la fondation de la monarchie française jusqu'au 13^e siècle; avec une Introduction, des Supplémens, des Notices et des notes. Par M. Guizot. (Tome I^{er}). In-8^o de 31 feuilles 1/4. Imp. de Belin, à Paris. — A Paris, chez J. L. J. Brière.

Ce volume contient une *Notice sur Grégoire de Tours*, et les livres I à VIII de ses *Mémoires*. Il ne sera mis en vente que le 15 décembre avec le second volume. Prix de la livraison des deux volumes jusqu'à la mise en vente de la seconde. 12—0
Après cette époque. 14—0
Voyez n. 443a.

5400. DICTIONNAIRE universel de la langue française, avec le latin et les étymologies, etc., etc., etc. Par Pierre-Claude-Victoire Boiste. Sixième édition, revue, corrigée et augmentée par l'auteur, etc., etc., etc. In-4^o de 118 feuilles 1/2, plus un tableau. Imprim. de F. Didot, à Paris. — A Paris, chez Veidieres. Prix 27—0
Papier superfine. 56—0

Pour le développement du titre, voyez le n^o 5163 sous lequel a été annoncée l'édition in-8^o oblong en deux parties, imprimée, déposée, mise en vente en même temps que l'in-4^o sous le même titre de sixième édition.

5401. AVERTISSEMENS aux protestans, sur les lettres du ministre Juvieu. Tome II. In-8^o de 33 feuilles 1/4. Imp. de P. Didot l'aîné (1823), à Paris. — A Paris, chez Desestre-Boulage.

Le faux-titre porte : *Œuvres choisies de Bossuet*. (Tome XXI.) Ce volume est le dernier de la collection. Prix des 21 volumes, papier ordinaire. 105—0
Id. astiné. 113—50
Id. vélin. 200—0

5402. *Œuvres complètes de J. J. Rousseau*, mises dans un nouvel ordre, avec des notes historiques et des éclaircissemens. (Tome VI.) Philosophie. *Lettres de la montagne*, précédées de la *Lettre à M. de Beaumont*. In-8^o de 30 feuilles. Imp. de Gaultier Laguionie, à Paris. — A Paris, chez Dupont. Prix. 5—0
C'est la IV^e livraison.

5403. *Œuvres complètes de Machiavel*, traduites par J. V. Periers. Tomes III et IV. Deux volumes in-8^o, ensemble de 58 feuilles 1/4. Imp. de Rignoux, à Paris. — A Paris, chez L. G. Michaud.

5404. DICTIONNAIRE de médecine, de chirurgie, de pharmacie, des sciences accessoires, et de l'art vétérinaire. Par P. H. Nysten. Quatrième édition, par M. Bricheveau. In-8^o de 49 feuilles 3/4. Imprim. de Feuquieray, à Paris. — A Paris, chez Brosson et Chaudé. Prix. 8—0
Les 30 premières feuilles de ce volume, ont déjà été annoncées sous le n^o 4427.

5405. SIÈCLES de la monarchie française. Atlas. Deuxième livraison. In-folio de 2 feuilles, plus 8 planches.

Idem. Texte. Deuxième livraison. In-folio de 3 feuilles. Impr. de F. Didot, à Paris. — A Paris, chez F. Didot.

Voyez n. 2316.

5406. DESCRIPTION de l'Égypte, ou recueil des observations et des recherches qui ont été faites en Égypte, pendant l'expédition de l'armée française. Deuxième édition, dédiée au roi. 133 à 135 livraisons,

instrução prática, racional, funcional por assim dizer, Rivail não perdeu tempo: ainda reviu e aperfeiçoou a obra, limando-a e polindo-a, antes de entregá-la à impressão definitiva.

Em 6 de dezembro de 1823, a "Bibliographie de la France" (46) registava o aparecimento do "COURS pratique et théorique D'ARITHMÉTIQUE d'après la méthode de Pestalozzi, avec des modifications" — *par H.-L.-D. Rivail, disciple de Pestalozzi* (47). Publicou essa obra a Tipografia de *Pillet-aîné*, editor da "Collection des Moeurs Françaises", rua Christine, n° 5 (Paris). Vê-se que o título da obra foi levemente alterado por Rivail: substituiu "les principes", conforme consta no prospecto, por "la méthode". Eram dois tomos, formato in-12, num total de 26 folhas (624 páginas) e mais três tábuas. Observa-se que embora ambos estampassem no frontispício (48) o ano 1824, já em dezembro de 1823 estavam à venda na Tipografia de *Pillet-aîné*, ao preço de 6 francos.

O "Cours d'Arithmétique" constituiu a primeira obra de cunho pedagógico e a primeira entre todas as demais dadas a público por Rivail.

O futuro Codificador do Espiritismo, com apenas dezoito anos de idade, pois que nascera em 3 de outubro de 1804, empregara esforços e talento na preparação do utilíssimo livro, assentando-o em bases pestalozzianas, mas com muitas idéias originais e práticas do próprio autor.

A obra em questão era recomendada aos institutores e às mães de família que desejassem dar aos seus filhos as primeiras noções de Aritmética, e primava pela simplicidade e clareza, qualidades estas que são, aliás, o principal mérito de

(46) "Bibliographie de la France", douzième année, n° 49, 6 décembre 1823, pp. 721/722, item 5398.

(47) Tanto nesta quanto em todas as demais obras pedagógicas do mesmo autor, seu nome está sempre estampado abreviadamente, como se segue: *H.-L.-D. Rivail*, o que vem patentear, a olhos vistos, a maneira por que ele dispunha o seu nome, ou seja: Hippolyte Léon Denizard Rivail, fato para o qual o Dr. Canuto Abreu, ilustre espírita brasileiro, já chamava a atenção na revista "Metapsíquica" de 1936, p. 112, dizendo que Hippolyte aparecia ainda como prenome nos registros de batismo e de casamento, bem assim nos documentos públicos em que ele lançava o seu nome por extenso ou abreviado.

(48) Os clichês impressos nas pp. 89 e 90 são a reprodução de fotografias dos originais, obtidas por Zeus Wantuil quando de suas pesquisas na "Bibliothèque Nationale" de Paris, em 1951.

COURS
Pratique et Théorique
D'ARITHMÉTIQUE,

D'APRÈS LA MÉTHODE DE PESTALOZZI,

AVEC DES MODIFICATIONS.

Contenant des exercices de calcul de tête pour tous les âges ; un grand nombre d'applications ; des questions théoriques sur les diverses parties de l'arithmétique, et qui peuvent servir d'examen ; une table de la réduction des monnaies étrangères en monnaies françaises ; une théorie des logarithmes, etc., etc.

Ouvrage également propre aux instituteurs et aux mères de famille qui veulent donner à leurs enfants les premières notions de cette science, et dans lequel on n'a rien négligé de tout ce qui pouvait en rendre l'utilité plus générale.

PAR H. L. D. RIVAIL,

DISCIPLE DE PESTALOZZI.



Il ne s'agit pas d'être plus savant, mais mieux savant.
 MONTAIGNE.

TOME PREMIER.

A PARIS,
 DE L'IMPRIMERIE DE PILLET AINÉ,
 ÉDITEUR DE LA COLLECTION DES MŒURS FRANÇAISES,
 RUE CHRISTINE, N° 5.

1824.

todas as publicações de Rivail-Kardec. O método por ele empregado desenvolve gradualmente as faculdades intelectuais do aluno. Este não se limita a reter as fórmulas pela memória; penetra-lhes a essência, por assim dizer.

COURS

Pratique et Théorique

D'ARITHMÉTIQUE,

D'APRÈS LA METHODE DE PESTALOZZI,

AVEC DES MODIFICATIONS.

Contenant des exercices de calcul de tête pour tous les âges; un grand nombre d'applications; des questions théoriques sur les diverses parties de l'arithmétique, et qui peuvent servir d'examen; une table de la réduction des monnaies étrangères en monnaies françaises; une théorie des logarithmes, etc., etc.

Ouvrage également propre aux instituteurs et aux mères de famille qui veulent donner à leurs enfants les premières notions de cette science, et dans lequel on n'a rien négligé de tout ce qui pouvait en rendre l'utilité plus générale.

PAR H. L. D. RIVAIL,

DISCIPLE DE PESTALOZZI.

Associer de bonne heure le jugement à la mémoire, serait chef-d'œuvre de la première éducation, si l'on savait s'y prendre comme la nature.

LACROIX, *Essais sur l'Enseignement.*



DEUXIEME SECOND.

A PARIS,

DE L'IMPRIMERIE DE PILLET AINÉ,

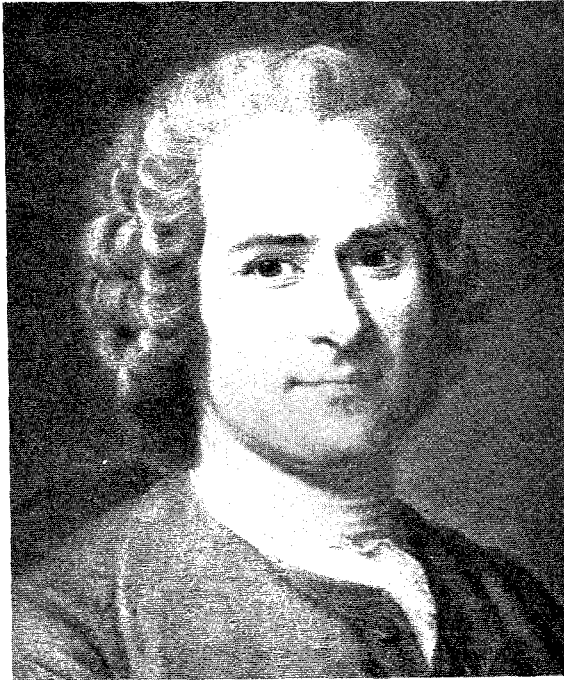
ÉDITEUR DE LA COLLECTION DES MŒURS FRANÇAISES,

RUE CHRISTINE, N° 5.

1824.

Na família, e sobretudo nas mães, é que Pestalozzi colocava o verdadeiro centro da educação infantil, a pedra angular sobre a qual queria repousar todo o edifício do seu sistema de educação e de instrução: "A mãe, em sua perfeição, é o

verdadeiro modelo, a imagem viva da educação. A perfeita educação, na essência de sua natureza, em seu ideal mais completo, deve ser a imagem da mãe de família." São elas, as mães, as primeiras mestras de seus filhos, e a quem também se pode encarregar da primeira instrução, embora esta parte esteja mais afeta às escolas. Rivail seguia, assim, as diretrizes do legislador da Escola Moderna, que, por sua vez, se inspirara nas seguintes palavras de Jean-Jacques Rousseau, a genial figura pedagógica do século XVIII: "A primeira educação é a que mais importa; e essa primeira educação compete incontestavelmente às mulheres."



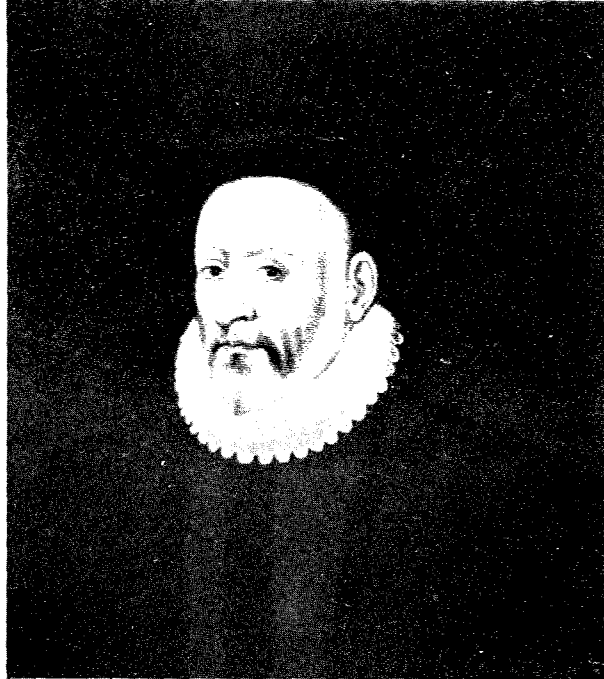
Jean-Jacques Rousseau
(1712-1778)

Era desejo de Rivail auxiliar os pequeninos nas difíceis e por vezes aborrecidas questões dos cálculos aritméticos. E vemos, nas XXVIII-192 páginas úteis do primeiro tomo, que o autor atrai docemente e com método o aluno, desde o conhecimento de que um mais um é igual a dois até as frações desen-

volvidas, fazendo seguir a cada lição exercícios demonstrativos. Todas as operações são discutidas, explicadas e exemplificadas com numerosas questões.

Nesses primeiros passos, Rivail traduz, em diferentes partes e no todo, como que renunciando os elevados rumos de sua atividade pedagógica, um espírito fecundo, pesquisador e amante da ciência, com a sadia ambição de tudo fazer em prol da educação na França.

O educador e moralista Montaigne era, à sua época, contra a erudição como objetivo pedagógico, sustentando que a experiência da vida é que deve dar o objetivo da educação. Rivail cita-lhe a seguinte frase no frontispício do tomo primeiro: "Não se trata de ser mais sábio, porém melhor sábio" (*Il ne*



Michel Eyquem de Montaigne
(1533-1592)

s'agit pas d'être plus savant, mais mieux savant), com isto talvez querendo assentar que à criança importa menos a soma de conhecimentos que o conhecimento esclarecido e inteligente, menos o saber que o juízo consciente e são. Não seria demais

acrescentar à frase acima o trecho a seguir, dos *Ensaíos* de Montaigne, expressado com profundo discernimento: "O saber, no seu verdadeiro e reto uso, é a mais nobre e mais poderosa aquisição dos homens (...). Mas toda e qualquer ciência é perigosa àquele que não tem a ciência da bondade."

Longe de formar doutores mirins em aritmética, pretensão que jamais alimentou, o jovem institutor visava tão-somente a introduzir as crianças no conhecimento dessa ciência, através de uma instrução sólida e bem digerida, salientando-lhe, ademais, o sentido prático e utilitário.

A obra é iniciada com um "Discurso Preliminar" em que Rivail — após render carinhosa homenagem a um dos seus primeiros e mais queridos mestres, o Prof. A. Boniface, do qual falamos páginas atrás, e agradecer, em seguida, as atenções do sábio físico e matemático André-Marie Ampère, nascido, como ele, em Lião, e a quem colocara a par de seus planos — explica o método de ação do professor pestalozziano e os princípios que lhe formam a base, revelando humildade e alto espírito altruístico ao declarar:

"Desejando tornar-me útil aos jovens e concorrer com todas as minhas forças para aplainar-lhes a trilha árdua dos estudos, aproveitarei, com empenho, os conselhos que de boa-vontade me chegarem de pessoas que me são superiores pelo saber e pela experiência, considerando ainda que a aprovação dos homens de bem sempre me será gratíssima recompensa."

Quem assim se expressava era um moço de apenas dezoito anos, mal saído dos bancos escolares, mas já vivamente interessado em libertar da ignorância, com todas as suas perniciosas conseqüências, a juventude de sua pátria.

Como dissemos acima, Rivail refere-se a Ampère, com reconhecimento. É bom que recordemos algo da vida desse grande matemático francês, a qual vem explicar o motivo por que o jovem idealista o procurara.

Membro do Instituto desde 1814 e, pouco depois, de todas as sociedades sábias da Europa, André-Marie Ampère foi também inspetor-geral da Universidade, de 1808 a 1836, ano de sua morte. A este último cargo estava afeto tudo que se relacionasse com o comportamento e aproveitamento de alunos e professores nos estabelecimentos de ensino em geral, da cidade de Paris.

Professor dos mais ilustres, Ampère formou, em 1815, ao lado de muitos outros nomes brilhantes, como Choron, Jullien de Paris, o geômetra Hachette, o duque de Broglie, Jomard,



André-Marie Ampère
(1775-1836)

etc., o primeiro conselho de administração da “Société pour l’instruction élémentaire”, associação que se destinava, entre outras coisas, a dar à classe popular o gênero de educação intelectual e moral mais apropriado às suas necessidades e em cujos quadros figuraria, mais tarde, o nome de Rivail.

Vê-se, assim, que Ampère esteve intimamente ligado às coisas do ensino, interessando-se pela sua implantação entre os menos favorecidos. Espírito de elevados dotes morais, bem jovem ainda inventou um idioma universal com que pretendia substituir todos os idiomas então usados, declarando que assim seria possível estabelecer a paz entre as nações do Globo.

Todos sabiam do amor sincero de Ampère pela Humanidade e de sua franca simpatia por todas as causas boas e justas. Talvez por isso é que Rivail não titubeara em comunicar, ao digno inspetor geral da Universidade e respeitável membro da "Société pour l'instruction élémentaire", o plano relacionado com o seu "Cours d'Arithmétique", obra que procuraria transmitir, em linguagem fácil e correta, os conhecimentos primários dessa ciência.

O segundo tomo, com 396 páginas impressas, obediente à mesma e magistral orientação seguida no primeiro, trata das raízes, dos logaritmos e de outras dificuldades dos estudos que levam ao conhecimento das sutilidades da Matemática. Com grande e regular cuidado quanto ao método, à ordem e à classificação, o autor, após cada explicação de nova operação, apresenta numerosíssimos exemplos, de modo a não deixar dúvida alguma no espírito do estudante. A objetividade, que é característico no método pestalozziano, penetra a exposição de todos os assuntos, de sorte que o aluno rapidamente fica preso à disciplina, tomando, mesmo, gosto por ela. Como ele próprio acentuou no "Discurso Preliminar" ao 1º tomo, às crianças devem-se demonstrar claramente todas as verdades, princípio este que forma, por assim dizer, a base material do seu "Curso de Aritmética". O jovem institutor procurava seguir as diretrizes traçadas por Pestalozzi, que em 1808 dizia a outro grande pedagogo suíço, o padre Grégoire Girard: "Eu quero que minhas crianças só creiam naquilo que lhes possa ser demonstrado, exatamente como dois e dois são quatro."

15 — Esboço do sistema pestalozziano

Por várias vezes temos feito referência ao método de Pestalozzi, cuja influência foi realmente benéfica à formação intellecto-moral de Rivail. Nossos leitores certamente desejam saber alguma coisa a respeito, e é justo esse desejo. Difícil é sintetizar toda a doutrina do eminente pedagogo. Vários biógrafos tentaram fazê-lo, mas sempre incompleta ou imperfeitamente.

Analisando o livro de Pestalozzi — “Como Gertrudes ensina seus filhos” (1801), H. Morf, considerado o autor de uma das melhores biografias do mestre zuriquense, sumariou-lhe assim os princípios pedagógicos:

- I — A intuição é o fundamento da instrução.
- II — A linguagem deve estar ligada à intuição.
- III — A época de ensinar não é a de julgar e criticar.
- IV — Em cada matéria, o ensino deve começar pelos elementos mais simples, e daí continuar gradualmente de acordo com o desenvolvimento da criança, isto é, por séries psicologicamente encadeadas.
- V — Deve-se insistir bastante tempo em cada ponto da lição, a fim de que a criança adquira sobre ela o completo domínio e a livre disposição.
- VI — O ensino deve seguir a via do desenvolvimento e jamais a da exposição dogmática.
- VII — A individualidade do aluno deve ser sagrada para o educador.
- VIII — O principal fim do ensino elementar não é sobre-carregar a criança de conhecimentos e talentos, mas

desenvolver e intensificar as forças de sua inteligência.

- IX — Ao saber é preciso aliar a ação; aos conhecimentos, o *savoir-faire*.
- X — As relações entre mestre e aluno, sobretudo no que concerne à disciplina, devem ser fundadas no amor e por ele governadas.
- XI — A instrução deve constituir o escopo superior da educação.

Acontece que a experiência de Pestalozzi em Berthoud, junto dos colaboradores, modificaria em alguns pontos o seu método. Ademais, novos ensaios e experiências realizados em Yverdon levariam-no a reformular conceitos, a desenvolver e desdobrar sua doutrina pedagógica. Daí a razão das dificuldades a que aludimos, o que faria um crítico dizer, com evidente exagero, que, sob o ponto de vista do método, o maior mérito de Pestalozzi foi não ter tido ele método.

O acadêmico lusitano Sousa Costa enunciou, em poucas palavras, os princípios basilares da educação pestalozziana: desenvolvimento da atenção, formação da consciência, enobrecimento do coração.

Segundo o biógrafo P. P. Pompée, Pestalozzi achava que todo bom método devia partir do conhecimento dos fatos adquiridos pela observação, pela experiência e pela analogia, para daí se extraírem, por indução, os resultados e se chegar a enunciados gerais que possam servir de base ao raciocínio, dispondo-se esses materiais com ordem, sem lacuna, harmoniosamente. Para Pestalozzi a arte da educação devia aproximar-se da natureza, e o melhor método de ensino seria aquele que dela mais se aproximasse.

16 — Princípios enunciados e seguidos pelo discípulo

Logo em sua primeira obra, Denizard Rivail relaciona em seis itens os princípios que lhe parecem mais adequados ao ensino à criança, fazendo-o em harmonia com o sistema pestalozziano, como era de se esperar de um discípulo do mestre suíço.

Eis os princípios (49) que o nortearam na elaboração do seu "Cours d'Arithmétique", alguns dos quais o guiariam, bem mais tarde, nos estudos e nas pesquisas espíritas e bem assim na Codificação da Doutrina:

1° — Cultivar o espírito natural de observação das crianças, dirigindo-lhes a atenção para os objetos que as cercam.

2° — Cultivar a inteligência, observando um comportamento que habilite o aluno a descobrir por si mesmo as regras.

3° — Proceder sempre do conhecido para o desconhecido, do simples para o composto.

4° — Evitar toda atitude mecânica (*mécanisme*), levando o aluno a conhecer o fim e a razão de tudo o que faz.

5° — Conduzi-lo a apalpar com os dedos e com os olhos todas as verdades. Este princípio forma, de algum modo, a base material deste curso de aritmética.

6° — Só confiar à memória aquilo que já tenha sido apreendido pela inteligência."

Rivail parece ter dado a este último princípio atenção toda especial. No frontispício do segundo tomo da obra aqui

em referência, ele chega a transcrever uma frase de "Essais sur l'enseignement en général et sur celui des mathématiques en particulier" (1805), de autoria do grande matemático francês Silvestre Francisco Lacroix, frase que destaca a importância, na primeira educação, da memória associada ao juízo: "*Associer de bonne heure le jugement à la mémoire, serait le chef-d'oeuvre de la première éducation, si l'on savait s'y rendre comme la nature.*"

Como bem explica a "Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira", "a condição essencial da memória é a atenção, a ordem, a inteligência, em suma, o juízo e o espírito crítico. Portanto, devem confiar-se à memória conhecimentos claros, bem ordenados e facilmente assimiláveis".

A criança traz consigo a curiosidade inata, mas esta precisa despertada, como o reconheceu Rivail no primeiro princípio acima enunciado. Deste empenho é que nascerá a atenção, a percepção e, por fim, a memória inteligente, não a memória papagueadora e pedantesca, segundo a expressão usada por Rui Barbosa. Seguindo a orientação de Pestalozzi, o jovem discípulo recomendava a memória raciocinada, que faz uso do juízo para reter as idéias assenhoreadas pela inteligência, ao contrário da memória puramente mecânica, que apenas retém as palavras.

Como não podia deixar de ser, Rivail utilizou-se do ensino intuitivo, processo didático preconizado por Pestalozzi e segundo o qual se transmite ao educando a realização, a atualização da idéia, recorrendo-se aos exercícios de intuição sensível (educação dos sentidos), com passagem natural a atividades mentais que preludiam a intuição intelectual. "A idéia existe originariamente na criança, e a intuição sensível é somente a sua realização concreta, único meio de a idéia se tornar compreensível, porque se encontra como força modeladora que vive e atua na criança."

O ensino intuitivo se funda na substituição do verbalismo e do ensino livresco pela observação, pelas experiências, pelas representações gráficas, etc., operando sobre todas as faculdades da criança. "A base da instrução elementar de Pestalozzi — afirmou Jullien de Paris — é a INTUIÇÃO, que ele considera como o fundamento geral de nossos conhecimentos e o meio mais adequado para desenvolver as forças do espírito humano, da maneira mais natural."

"A doutrina e a prática da escola ativa do nosso tempo baseiam-se nos princípios do grande educador suíço, traduzidos

na máxima — o respeito pela espontaneidade da criança.” Graças a esses princípios, permite-se à criança pensar a seu modo, em lugar de ser constrangida a pensar à nossa maneira, a caminhar com seus próprios pés e não com os pés do seu mestre; enfim, a criança é estimulada em sua iniciativa pessoal, desenvolvendo por si própria o gérmen que existe no íntimo de sua natureza. O método intuitivo na educação “é a criança vendo, tocando, descobrindo, não toda a ciência, mas sucessivamente tudo o que na ciência está a seu alcance”.

Na primeira obra que deu conhecimento aos franceses do método de educação de Pestalozzi, seu autor, Daniel Alexandre Chavannes, faz um estudo do significado da palavra intuição, do qual extraímos estes trechos: “A impressão recebida pelos sentidos exteriores, e principalmente pelo da visão, comunica-se imediatamente à alma, que adquire, por esse meio, o sentimento ou a consciência do objeto. Esta representação do objeto, colhida pela alma, é chamada *intuição*. (...) Uma *instrução intuitiva* é, então, a que permite a criança tocar com o dedo e com o olho aquilo que se lhe ensina, mesmo as verdades mais intrincadas (às quais só se chega, seguindo um desenvolvimento sempre gradual, após haver partido das noções elementares mais simples). É mister, pois, que a criança possa *ver com seus olhos* a evidência, que possa, por assim dizer, *apalpá-la*.”

Os processos intuitivos da pedagogia e da didática estabeleceram a transição entre o ensino abstrato e o ensino ativo dos dias atuais, mas este, na verdade, também se baseia na intuição e na maior soma possível de experiência dos alunos. Para René Hubert (50) não há entre a doutrina intuitiva, tal como era recomendada aos institutores do começo do século XIX, e a doutrina das escolas novas outras diferenças além das que dizem respeito à inserção, entre o princípio e suas aplicações, das descobertas da psicologia experimental da criança.

Não obstante adotar o método intuitivo pestalozziano, Rivail achou de bom alvitre não abandonar de todo o ensino abstrato, que ainda estava em voga na maioria das escolas francesas. Inteligentemente procurou conciliá-lo com a doutrina e a prática da escola intuitiva, de maneira que os alunos não teriam dificuldade em se adaptarem exclusivamente a um ou a outro ensino.

(50) René Hubert: “*Traité de Pédagogie Générale*”, nova edição revista por Gaston Mialaret, Presses Universitaires de France, Paris, 1959, p. 514.

Com o "Curso Prático e Teórico de Aritmética", Hippolyte Léon Denizard Rivail iniciou em França a sua grande missão patriótica e humanitária de educador e pedagogo emérito. Ali ele se afirmou como uma das maiores autoridades na aplicação do método de Pestalozzi, bastando dizer que a mencionada obra teve, até 1876, sucessivas reedições, sendo que a segunda edição nada mais foi que uma nova tiragem com a mesma composição e os mesmos clichês da primeira, inclusive com o mesmo frontispício, igualmente datado de 1824, o que leva a crer que saíra a lume ainda nesse ano. O Catálogo da Biblioteca Nacional de Paris consigna o aparecimento dessa 2ª edição apenas por dois vocábulos postos entre parêntesis: *estado diferente*.

17 — Rivail e o Magnetismo

O magnetismo animal, também conhecido por mesmerismo, visto ter sido Franz Anton Mesmer, doutor pela Universidade de Viena, o seu mais célebre renovador nos tempos modernos, esteve em voga nos fins do século XVIII, adquirindo maior impulso na primeira metade do XIX. Na França, sobretudo, sumidades médicas e ilustres prelados confirmavam a veracidade dos fenômenos magnéticos, principalmente no que diz respeito a curas psíquicas, a diagnósticos e prescrições terapêuticas fornecidos pelos sonâmbulos, com quem igualmente se observavam incontestáveis fatos de clarividência ou lucidez, de visão a distância, de visão através de corpos opacos, de previsão, etc.

Ao próprio Pestalozzi não teriam passado despercebidos os relatos de extraordinárias curas conseguidas pelos “passes” dos magnetizadores. Assim é que em fins do século XVIII, numa carta endereçada ao seu filho Jakob — portador de doença rebelde aos tratamentos médicos e sujeito a acessos epilépticos desde a infância —, Pestalozzi conta-lhe um curioso sonho que tivera, por ele mesmo não aceito como simplesmente um sonho, de tão real que lhe pareceu, e no qual um médico tomou-lhe as mãos, consolou-o e deu-lhe o seguinte recado: procurasse o doente refugiar-se em Jesus e na prece, e seria aliviado. E nessa mesma carta, mais adiante, Pestalozzi lembraria ao filho:

“Meu querido, venho achando que o magnetismo, do qual às vezes se abusa, tenha contribuído de certa forma, no último ano, para paralisar o teu mal. Se tens fé nesse

remédio, experimenta usá-lo de novo, e que Deus fortaleça a mão que te há de servir.” (51)

Jakob, porém, jamais se recuperaria completamente da doença, falecendo mais tarde, em 1801.



Franz Anton Mesmer
(1733-1815)

Ao que tudo indica, a Rivail seria desconhecida a simpatia do seu mestre Pestalozzi pelo mesmerismo, só sabida de alguns

(51) “Pestalozzi et son temps” — Publié à l’occasion du centenaire de sa mort par le Pestalozzianum et la Bibliothèque Centrale de Zurich, Édition Berichthaus (Zurich), Librairie Payot & Cie. (Lausanne), 1928, pp. 27/28.

poucos familiares e, talvez, de amigos mais íntimos do educador suíço.

Só depois que o jovem discípulo de Pestalozzi chegou a Paris é que teve a sua curiosidade despertada para o magnetismo animal, a que o marquês de Puységur, juntamente com d'Eslon, professor e regente da Faculdade de Medicina de Paris, e com o sábio naturalista Deleuze, haviam imprimido nova feição, ao modificarem os métodos de Mesmer, disso resultando na descoberta do sonambulismo provocado. Rivail refere-se elogiosamente a esses magnetistas franceses, colocando ao lado deles os nomes de dois outros grandes vultos: o barão Du Potet e o Sr. Millet.

A iniciação de Rivail nesse novo ramo dos conhecimentos humanos deu-se aproximadamente em 1823, segundo ele próprio o afirmou (52). E nos anos que se seguiram aplicaria parte do seu tempo, mas sem prejuízo de suas tarefas educacionais, no estudo criterioso e equilibrado, teórico e prático, de todas as fases ou graus do sonambulismo, testemunhando muitos prodígios provocados pela ação do agente magnético. Suas leituras não se circunscreveram às obras favoráveis ao magnetismo. No propósito de aquilatar o valor das objeções, leu, igualmente, conforme frisou na página 277 da "Revue Spirite" de 1858, grande número de livros contra essa ciência, "escritos por homens em evidência".

O barão Du Potet, que mais tarde seria amigo dos espíritos, tornara-se desde 1825 o chefe da escola magnética na França, tendo ido mais longe que seus predecessores na aplicação do magnetismo à terapêutica. Este justamente o lado que mais impressionou a Rivail, que com o tempo pôde inteirar-se bem da força magnética que todos os seres humanos possuem em graus diversos, vindo a ser, ele próprio, "experimentado magnetizador", segundo escreveu seu amigo pessoal e discípulo Pierre-Gaëtan Leymarie, na "Revue Spirite" de 1871. Este valoroso espírita lembraria ainda, pela "Revue Spirite" de 1886, página 631, que o mestre lionês conheceu as pesquisas do padre português José Custódio Faria (o *abbé Faria* dos franceses)

(52) "Revue Spirite", 1858, pp. 175/6; id., 1859, p. 134. — *Allan Kardec*: "Le Livre des Esprits", Paris, 1857, p. 24; id. ib., seconde édition (entièrement refondue et considérablement augmentée), Paris, 1860, p. XXXVI.

e lhe rendia as devidas homenagens. O padre Faria, iniciado nas práticas do Magnetismo pelo marquês de Puységur, a quem dedicou seu livro "De la cause du sommeil lucide, ou étude de la nature de l'homme" (1819), considerando-o seu mestre, foi o precursor do hipnotismo de Braid. Lecionou em liceus e academias de várias cidades francesas.

Despido dos preconceitos dominantes na época, o padre Faria pôs por terra o caráter sobrenatural com que a Igreja cercava o Magnetismo, iniciando em 1813 as suas concorridas conferências na rua de Clichy (Paris), seguidas de demonstrações práticas. "A Igreja condenava o Magnetismo. Tudo provinha da ação de fluidos de origem infernal. Um teólogo francês escreveu que "o sonambulismo e o magnetismo eram sobrenaturais e diabólicos, anticristãos, anticatólicos e antimorais". O padre Faria estudou as práticas magnéticas e convenceu-se da inanidade de tais interpretações. Crente e padre, não teve dúvida em afrontar as iras dos teólogos do seu tempo, para afirmar que nada havia de sobrenatural em tais fenômenos e que o sono hipnótico era, afinal, uma modalidade da sugestão." ("Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira", Lisboa — Rio de Janeiro, vol. X, p. 919.)

Diz Anna Blackwell, no prefácio à sua tradução inglesa (1875) de "O Livro dos Espíritos", que Rivail tomou parte ativa nos trabalhos da Sociedade de Magnetismo de Paris, a mais importante da França. Ele, porém, ficaria equidistante das rivalidades doutrinárias que haviam surgido entre os magnetizadores parisienses. Soube fazer amigos nessa e naquela corrente de idéias, e um deles, o magnetizador Fortier, a quem conhecia desde muito tempo, foi quem, em 1854, lhe falaria pela primeira vez das chamadas "mesas falantes".

Tendo, assim, adquirido sólidos conhecimentos de magnetismo, ciência que ele mais tarde, em diferentes ocasiões, demonstrou possuir em profundidade ao elaborar o corpo doutrinário do Espiritismo, foi capaz de perceber, logo ao início de suas observações pessoais junto às "mesas girantes e falantes", a íntima solidariedade entre Espiritismo e Magnetismo, o que o levaria a afirmar: "Dos fenômenos magnéticos, do sonambulismo e do êxtase às manifestações espíritas, não há senão um passo; sua conexão é tal, que é, por assim dizer, impossível falar de um sem falar do outro."

18 — Primeiros passos como diretor de escola

É em meados de 1825 que Denizard Rivail começa a dirigir a “Escola de Primeiro Grau” (*École de premier degré*), primeiro estabelecimento de ensino por ele fundado em Paris, e no qual as crianças recebiam a instrução primária dita superior.

Como era costume na época, Rivail deu notícia da organização da Escola em uma brochura de oito páginas, impressa por Pillet-ainé, brochura que a “Bibliographie de la France”, de 6 de agosto de 1825, registou no item 4380.

Não sabemos por quanto tempo a Escola de Rivail sobreviveu à forte concorrência e à animosidade das escolas congreganistas, especialmente as dos Irmãos das Escolas Cristãs, as quais, cercadas de privilégios e regalias, e mais bem providas de recursos, tudo faziam para arruinar as laicas.

Como “chef d’institution” da academia de Paris (53), título que requeria, para a sua obtenção, pelo menos o bacharelato em Ciências e o bacharelato em Letras, Rivail podia, com a autorização do grão-mestre da Universidade, fundar escolas,

(53) Desde 1808, a França foi dividida, sob o ponto de vista universitário, em *academias* ou circunscrições acadêmicas, quase uma vintena na época. Cada uma delas tinha à testa um reitor, assistido de um ou vários inspetores de academia, de um secretário acadêmico e de um conselho acadêmico. As funções de reitor da academia de Paris eram exercidas pelo grão-mestre (ministro da Instrução Pública), autoridade suprema da Universidade.

pensões (54) e “instituições”. O Prof. Octave Gréard (55), de quem colhemos essas informações, esclarece, ainda, que aos bacharéis em Letras só se dava o direito de ter pensão (um grau abaixo da “instituição”), e esses “maîtres-de-pension” não podiam ensinar além da quarta classe do ensino secundário livre.

Ao que parece, Rivail não foi submetido a exames para receber o certificado de capacidade (*brevet de capacité*) que a legislação francesa exigia, desde 1816, do aspirante à profissão de institutor (ou institutora) primário, público ou privado. Esta regra, entretanto, comportava várias exceções. Os diplomas de bacharel em Ciências e em Letras substituíam perfeitamente o “brevet”, e mais: permitiam ao institutor ensinar em todas as classes dos estabelecimentos de ensino secundário livre. Além do “brevet” acima, exigia-se ainda, do institutor, para que pudesse lecionar, um certificado de boa conduta, expedido pelos párocos e “maires” das comunas onde ele, institutor, residira nos três últimos anos.

Os certificados de capacidade correspondiam a três graus: primeiro, segundo e terceiro, ou inferior. O de primeiro grau, ou superior, só se concedia aos institutores que “em princípio conhecessem a fundo a gramática francesa e a aritmética, e que estivessem em condições de ministrar noções de geografia, de agrimensura e de outros conhecimentos úteis no ensino primário” (*J. Leif et G. Rustin*, ob. cit., p. 139). O candidato era examinado pelo inspetor da academia ou por outro funcionário da instrução pública que o reitor designasse. Este é quem conferia o certificado. Em 1818 ficou estatuído que os institutores munidos do “brevet” do terceiro grau não podiam ensinar na cidade de Paris.

Por falta de dados esclarecedores, não sabemos se Rivail necessitou da autorização especial que então se fazia mister para o exercício, em tal ou qual lugar, das funções de institutor, e que desde abril de 1824, por decreto do grão-mestre da Universidade, Denis Frayssinous, bispo de Hermópolis, era outorgada, para as escolas livres, pelo bispo diocesano e não mais

(54) Pensão (sin. pensionato, internato): estabelecimento, casa de educação que recebe internos ou pensionários. Estes são alojados, alimentados e instruídos, mediante certa quantia por eles paga. Dava-se ali o ensino secundário, porém em grau inferior ao ministrado nas instituições.

(55) Apud *F. Buisson*, ob. cit., 1ª parte, tomo segundo, p. 1751.



Denis Frayssinous
(1765-1841)

pelo reitor (56). O bispo também fiscalizava ou fazia fiscalizar as escolas. Tal estado de coisas só terminaria em 1828, com o ministro Vatimesnil, retomando o reitor suas antigas funções.

(56) Id. ib., p. 140; *F. Buisson*, ob. cit., 1.^a parte, tomo primeiro, p. 1064.

19 — Instituições pestalozzianas em Paris

Foi Konrad Näf, de Zurique, professor em Yverdon, o primeiro a introduzir na França, numa casa de órfãos de Paris, o sistema pestalozziano. Napoleão Bonaparte e seu ministro Talleyrand chegaram a visitar esse orfanato, a fim de conhecerem a aplicação de método tão elogiado, mas não lhe reconheceram nenhum valor, e Näf, pouco depois, partia para os Estados Unidos a convite do embaixador americano em Paris.



Maine de Biran
(1766-1824)

Seguiu-se a experiência do professor suíço João Francisco Barraud, que colaborou com Pestalozzi em Berthoud e Yverdon. A ele foi confiada pelo filósofo Maine de Biran, subprefeito de Bergerac (Dordonha), a direção de um estabelecimento onde se

fez a aplicação da doutrina pestalozziana. Todavia, esse novo esforço isolado não encontrou a devida ressonância nos meios educacionais franceses, sobrevivendo por pouco tempo.

Somente após 1815, conforme já mui sucintamente historiamos, é que começaram a aparecer na França, vacilantes ainda, as primeiras instituições pestalozzianas propriamente ditas. P. P. Pompée seleciona dois estabelecimentos, ambos em Paris, que se destacaram na propagação dos princípios que formam a base do sistema em apreço. Menciona a escola de primeiro grau, fundada por A. Boniface em 1822, sobre a qual falamos páginas atrás, e a pensão do Sr. H. Morin, antigo institutor parisiense e autor de várias obras de ensino. Tais foram os bons resultados conseguidos por essa pensão, que em 1829 o então ministro da Instrução Pública e grão-mestre da Universidade, Vatimesnil, lhe outorgava o título de *Instituição*, com todos os privilégios concedidos aos colégios reais. Surgia, assim, a “Instituição Morin e Belèze”. Há referência de que por volta de 1830 ela contou com meia dúzia de ex-professores do Instituto de Yverdon, inclusive Schmid.

Juntamente com esses dois estabelecimentos, P. P. Pompée fez figurar também a Escola ortomática (*École orthomatique*), fundada em 1829 ou 1830, em Paris, pela “Société des méthodes d’enseignement”, que, por sua vez, funcionava desde 19 de abril de 1819, dela tendo feito parte Jomard, de Gérando, Ed. Sylvestre, Sabatier, Achille Comte, etc. (57). Destinada a Escola ao ensaio dos métodos de ensino dignos de interesse, diz P. P. Pompée não saber as conseqüências da experiência com o sistema pestalozziano. Ali também se davam cursos gratuitos de física, astronomia, química, geologia, história natural, direito, pedagogia, literatura, história da música, etc.

Não esqueçamos, entretanto, mencionadas por alguns autores, a “Escola de primeiro grau” e a “Instituição Rivail”, ambas em Paris, fundadas pelo Prof. H. L. D. Rivail e por ele dirigidas segundo o método de Pestalozzi, com modificações. O primeiro educandário surgiu em 1825, e em torno dele já tecemos breves considerações. O segundo, um instituto técnico,

(57) P. P. Pompée, ob. cit., pp. 195/6; “Annuaire des sociétés savantes de la France et de l'étranger”, publié sous les auspices du Ministère de l'Instruction Publique. — Première année, 1846, Paris, Victor Masson, 1846, p. 321.

criado em 1826 (58), à rua de Sèvres n° 35, e modelado no extinto Instituto de Yverdon, teve uma vida longa para aquela época, adquirindo mesmo certo renome. Funcionou até 1834, sendo ministros da Instrução Pública, durante esse período, o



Rua de Sèvres, 35 (Paris). Há hoje, no local,
um moderno edifício comercial!

bispo Denis Frayssinous (1824-1828) e os estadistas Henri de Vatimesnil (1828-1832) e François Guizot (1832-1836).

É curioso registrar que essa “Instituição” apareceu justamente no ano em que Pestalozzi manifestava, por escrito, o ardente desejo de que a França conhecesse seus princípios e suas experiências na educação e na instrução, que lhe debatessem as idéias e os trabalhos antes de os repelirem a priori (59). Em sua humilde posição de discípulo, Rivail buscou corresponder da melhor forma ao apelo do mestre. Se não esteve dentro de suas possibilidades promover uma campanha de esclarecimento e propaganda do ensino pestalozziano na França, pôde, entretanto, contribuir com seu pequeno esforço, de modo prático e produtivo.

Até pelo menos 1833, o institutor tinha, em geral, uma vida muito modesta, ou melhor, mais miserável que modesta. Seu parco salário dependia da contribuição escolar e de condições fixadas pela municipalidade (60). Daí a maior parte dos insti-

(58) *J. Balteau, Barroux et Prevost: “Dictionnaire de Biographie Française”, Paris, tomo segundo, 1936, coluna 99.*

(59) *P. P. Pompée, ob. cit., p. 373.*

(60) *J. Leif e G. Rustin, ob. cit., p. 142.*

tutores terem outros empregos ou ocupações, com o que angariavam os recursos necessários à sobrevivência, possibilitando-lhes continuar na obra que mais lhes falava à alma: a educação dos jovens. Vê-se, assim, quanto eles se sacrificavam a essa nobre causa, votando-lhe desinteressada dedicação.

Segundo o "Dictionnaire de Pédagogie" de Buisson, a instituição (fr. *institution*) era o estabelecimento privado de educação, administrado por institutores particulares. Nele se dava o ensino secundário, em nível mais elevado que nas pensões, aproximando-se do ensino que se ministrava nos colégios comunitais. Entre as matérias lecionadas nas instituições, incluíam-se os elementos e a história da literatura francesa, com exercícios de gramática e de estilo, geografia, história antiga e moderna, elementos de cosmografia. Rivail, entretanto, não contente com esse programa, introduzira física e química entre as disciplinas da sua Instituição. Ainda pretendia dar aos seus alunos conhecimentos de anatomia e fisiologia, adquiridos no Instituto de Yverdon, mas sua casa de ensino encerrou as portas antes disso.

Nela morou, em sintonia com a doutrina pestalozziana, o espírito de família. Rivail era mais um segundo pai que um mestre, continuando, junto aos jovens, a tarefa educativa do lar. Ao mesmo tempo que lhes ministrava as lições escolares, preparava-os para a realidade do mundo social.

Essa empresa contou com o apoio financeiro de um de seus tios, e até 1834 o Prof. Rivail, ajudado posteriormente pela Prof^a Amélie Gabrielle Boudet, com quem se consorciara em 1832, desenvolveu ali notável trabalho de aprimoramento da inteligência de centenas de educandos, aos quais ele carinhosamente chamava "meus amigos". O ilustre "discípulo de Pestalozzi" concretizava, assim, de maneira espontânea, estas diretrizes enunciadas pelo mestre: "O amor é o eterno fundamento da educação. Por isso, a toda hora os meus pupilos devem ler no meu rosto que o meu coração está com eles, que é minha a sua ventura, que a sua alegria é a minha alegria." (61)

Consagrando-se às funções diretivas e educativas na "Instituição Rivail", o jovem Denizard ocupava as horas de lazer para preparar as aulas, para escrever sobre assuntos e problemas relacionados com a educação, para trocar idéias com seus colaboradores e amigos de magistério, num diálogo que visava sobretudo ao aperfeiçoamento da arte de ensinar. Tal

(61) *Sousa Costa*, ob. cit., p. 8.

propósito, ele mesmo o expressaria desse modo: "(...) esforço-me em reformar o que me parece defeituoso, em acrescentar o que se me afigura útil, em aproveitar, em suma, das observações que faço diariamente" (62). Em verdade, ornavam-lhe a personalidade de professor qualidades como o amor ao estudo, o culto do saber, o destemor das idéias, a força moral para se fazer respeitado e querido.

(62) *André Moreil*, ob. cit., p. 89.

20 — Madame Rivail

Como dizíamos acima, a esposa de Denizard Rivail deu-lhe todo o apoio na “Instituição” fundada em 1826. Sua colaboração se estenderia pelos anos afora, e seu nome pode figurar ao lado do de Mme. Pestalozzi, mulher admirada tanto por suas excelentes qualidades e doçura de caráter, quanto pela amenidade de suas maneiras e terna solicitude para com as crianças, e que secundou o marido por todos os meios, mormente na direção física e moral dos alunos mais jovens, necessitados de cuidados especiais. Essas duas senhoras pertencem ao número daquelas que a História regista como dedicadas e fiéis colaboradoras dos seus maridos, sem as quais talvez eles não levassem a termo as suas missões.

Madame Rivail nasceu em Thiais, comuna do departamento parisiense de Val-de-Marne (parte SE do antigo departamento do Sena), aos 2 do Frimário do ano IV, segundo o Calendário Republicano então vigente na França, e que corresponde a 23 de novembro de 1795.

Filha única de Julien-Louis Boudet, proprietário e tabelião, homem portanto bem colocado na vida, e de Julie-Louise Seigneat de Lacombe, recebeu na pia batismal o nome de *Amélie-Gabrielle Boudet*.

Aliando, desde cedo, grande vivacidade e forte interesse pelos estudos, ela não foi problema para os pais, que, a par de fina educação moral, lhe proporcionaram apurados dotes intelectuais. Após cursar a escola primária, estabeleceu-se em Paris com a família, ingressando numa Escola Normal, de onde saiu diplomada em professora de 1ª classe.

Revela-nos o Dr. Canuto Abreu (63) — cujas pesquisas espíritas em Paris, principalmente nos anos de 1921 e 22, o levaram a uma série de documentos — que a senhorinha Amélie também fora professora de Letras e Belas-Artes, trazendo de



Amélie-Gabrielle Boudet
(1795-1883)

encarnações passadas a tendência inata, por assim dizer, para a poesia e o desenho. Culta e inteligente, chegou a dar à luz três obras, assim nomeadas: “Contos Primaveris”, 1825; “Noções de Desenho”, 1826; “O Essencial em Belas-Artes”, 1828.

(63) “O Livro dos Espíritos e sua tradição histórica e lendária”, in “Unificação”, jornal espírita de S. Paulo, fevereiro de 1954.

Vivendo em Paris, no mundo das letras e do ensino, quis o Destino que um dia a Srta. Amélie Boudet deparasse com o Prof. Hippolyte Léon Denizard Rivail.

De estatura baixa, mas bem proporcionada, de olhos pardos e serenos, gentil e graciosa, vivaz nos gestos e na palavra, denunciando penetração de espírito, Amélie Boudet, aliando ainda a todos esses predicados um sorriso terno e bondoso, logo se fez notar pelo circunspecto Prof. Rivail, em quem reconheceu, de imediato, um homem verdadeiramente superior.

Em 6 de fevereiro de 1832, firmava-se o contrato de casamento. Ela tinha nove anos a mais do que ele, mas tal era a sua jovialidade física e espiritual, que a olhos vistos aparentava a mesma idade do marido. Jamais essa diferença constituiu entrave à felicidade de ambos. É curioso lembrar que Pestalozzi igualmente se consorciara com uma mulher de boa situação financeira e sete anos mais idosa que ele. Até nisto o discípulo quis seguir o mestre? ou foi apenas coincidência?

21 — A educação é uma ciência

Em junho de 1828, assinado por H. L. D. Rivail, discípulo de Pestalozzi, saía a público o "*Plan proposé pour l'amélioration de l'éducation publique*" (64), o primeiro trabalho em que o autor procura contribuir, da maneira mais elevada e racional, junto ao Parlamento francês, para que se obtivessem melhores resultados no ensino público dado às crianças, propondo, ainda, a criação de uma "Escola teórica e prática de Pedagogia", com três anos de duração, e onde "se estudaria tudo que diz respeito à arte de formar os homens".

Nas 56 páginas desse "Plano", que, na apreciação dos entendidos, "contém excelentes coisas", Rivail desenvolveu, em especial, a idéia de que a educação deve ser considerada como uma ciência. "Pode-se" — diz ele numa passagem que lhe resume a tese — "concluir, do que foi exposto, que: 1º) a educação é uma ciência bem caracterizada; 2º) se são pouquíssimas as pessoas que a encaram sob o seu verdadeiro aspecto, isto ocorre devido à ausência de estudos especiais sobre o assunto; 3º) o atraso da educação deve ser atribuído ao fato de que há poucas pessoas em condições de apreciar ao mesmo tempo o verdadeiro objetivo da educação, o que ela é, o que poderia ser, e, por conseguinte, o que se precisaria fazer para melhorá-la. Está atualmente a educação no estado em que, há um século, se achava a química. É ela uma ciência ainda não constituída e cujas bases são ainda incertas." (65)

(64) "Bibliographie de la France", dix-septième année (31e de la Collection), samedi, 21 juin 1828, it. 3843.

(65) Os trechos aspeados foram extraídos do artigo RIVAIL, estampado na p. 2617 do "Dictionnaire de Pédagogie et d'Instruction Primaire", de F. Buisson, 1ª parte, tomo segundo. Ferdinand

E Rivail, após outras considerações, declarava: "Três coisas me parecem de necessidade absoluta para a melhoria da educação em geral, a saber: 1º) a organização de estudos especiais relacionados com a arte da educação, ou, em outras palavras, o estabelecimento de escolas pedagógicas; 2º) a alteração do plano dos estudos clássicos; 3º) a isenção da obrigatoriedade em que se acham os "chefs d'institution" de conduzir seus alunos aos cursos dos colégios reais, obrigação mui prejudicial, visto que os institutores ficam forçados, a seu malgrado, a se entregarem à rotina." (65)



F.-É. Buisson
(1841-1932)

Por intermédio desta obra e de outras subseqüentes, ficamos sabendo que, pelo menos de 1828 a 1831, Denizard Rivail residiu à rua de Vaugirard n° 65, não nos tendo sido possível

Édouard Buisson, ilustre pedagogo, publicista e político francês, inspetor do ensino primário, ardoroso defensor da laicidade do ensino nas escolas do Estado, foi um dos fundadores da Liga dos Direitos do Homem, tendo recebido em 1927, com Ludwig Quidde, o prêmio Nobel da Paz.

averiguar se ele ainda morava, antes de 1828, à rua da Harpa nº 117 (66).

No longo discurso que Pestalozzi pronunciou diante do corpo docente e discente do Instituto de Yverdon, em 12 de janeiro de 1818, dia do seu 72º aniversário, discurso, aliás, dos mais importantes e curiosos, no qual sua doutrina educativa e filantrópica se acha exposta com mais vivacidade e clareza, ele explica o papel do educador, que, a seu ver, deve preservar e assistir o desenvolvimento das energias saudáveis da criança, como o jardineiro preserva e assiste o crescimento da planta.

A imagem de Pestalozzi (jardineiro = professor), no discurso que comoveu todo o auditório pela grandeza dalma estereotipada em cada trecho, ficou gravada no espírito do jovem Rivail, que dela se serviu por diversas vezes.

Ele a expõe e desenvolve no seu "Plano", a brochura que estamos superficialmente analisando, e considera importantíssimo que o institutor, com método e amor, busque evitar que a criança tenha ocasião ou meios de praticar o mal. Segundo escreve Piaget, Pestalozzi retornara, no último período de sua vida de educador, às noções correntes de que a criança contém em si todo o adulto, aceitando, inclusive, as doutrinas do preformismo mental. O pedagogo suíço admitia que a criança, desde a mais tenra idade, possuía, em germe, a razão com os sentimentos morais. Por isso é que Rivail, como discípulo de Pestalozzi, observava, na obra em apreço, a necessidade de fazer desabrochar na criança os germes das virtudes e de reprimir os do vício, acrescentando que se podem transmitir ao educando, mediante adequada educação, as impressões próprias ao desenvolvimento das virtudes.

Rivail propunha-se aprofundar esses assuntos numa "obra completa de Pedagogia" que ele tinha o propósito de escrever. É lamentável que essa obra jamais viesse a público. Sem dúvida, a falta de tempo foi o principal empecilho à projetada aspiração de Rivail, e é pena, porque nos sobra a certeza de que tal obra seria inscrita, com altos elogios, nos anais da Pedagogia mundial.

Ainda no "Plano" de 1828, seu autor condena as punições corporais, afirmando que não é com uma vara que se pode levar a criança a amar o trabalho e a virtude. Noutro trecho, denuncia aqueles homens que, só por saberem um pouco de

(66) Veja-se a nota 42.

latim, deixam as suas aldeias e se aventuram à educação dos jovens, sem possuírem condições para isso. Frisando que os meios para levar a efeito essa educação constituem uma ciência bem definida, Rivail encarecia a necessidade de estudá-la para se ser institutor, “do mesmo modo que se estuda medicina para se ser médico”.



H. L. D. Rivail, aos 25 anos

Nessa mesma obra, escrita no entusiasmo dos 24 anos de idade, ele dizia, com enaltecimento às ciências, que o estudioso destas “rirá da credulidade supersticiosa dos ignorantes... Não mais crerá em almas do outro mundo e em fantasmas. Não mais tomará fogos-fátuos por espíritos”. Ignorando as leis naturais que regem essas aparições, aparentemente contrárias aos postulados científicos, sua razão as repelia, arrolando-as entre as crendices populares.

Vê-se, por aí, que Rivail já era, na adolescência, uma criatura positiva, confiante no valor e na eficácia da ciência, e foi com este espírito que mais tarde investigaria o fenômeno das mesas girantes e falantes, e, de maneira racional, acabaria reconhecendo a realidade da manifestação dos Espíritos, ou seja, das almas dos chamados mortos, contrariando, ainda dentro daquela lealdade científica que sempre o caracterizou, o que escrevera no passado.

22 — Rivail como tradutor. Conhecimentos gramaticais e lingüísticos

O tempo do laborioso servidor da Educação também foi aplicado em traduções feitas de ou para diferentes línguas, dando Rivail preferência ao alemão, que ele sabia falar e escrever tão bem quanto o francês e que cultivara no Instituto



Fénelon
(1651-1715)

de Yverdon. Aí, segundo informou Roger de Guimps, os alunos franceses aprendiam o alemão, e os alemães, o francês.

Para o idioma germânico Rivail trasladou excertos de autores clássicos da França, especialmente os escritos de Fé-

nelon (François de Salignac de la Mothe), um dos quais — “Telêmaco” — recebeu inteligentes notas e comentários do tradutor e foi posteriormente publicado, em fevereiro de 1830, para uso nos educandários.

Como pedagogo e moralista, Fénelon teve incontestáveis qualidades, sendo muito apreciado por Voltaire e Rousseau. Aliás, de algumas doutrinas deste último, que tanta influência teve sobre Pestalozzi, ele foi como que o precursor. Cristãos e livres-pensadores o admiravam.

Fénelon escreveu o belo “Traité de l’Éducation des Filles”, uma das obras clássicas da pedagogia francesa. Dirigiu, depois, com êxito notável, a educação do duque de Borgonha, neto de Luís XIV e herdeiro do trono, publicando, nessa época, certo número de obras didáticas e, por assim dizer, escolares: “Recueil des Fables”, “Dialogues des Morts” e “Télémaque” (1699), um dos livros mais populares e mais admiráveis da literatura francesa, e no qual se mostrava partidário declarado da educação pública, ao tratar da organização da instrução.

“Telêmaco”, espécie de epopéia em prosa poética, verdadeiro “código de moral principesca”, no dizer de Gabriel Compayré, preparava o futuro rei, transformando-lhe o caráter agressivo e vicioso e levando-o, pela ficção das inúmeras experiências de uma longa viagem, a acautelar-se contra o luxo e os prazeres excessivos, contra a lisonja, as tentações do despotismo, o espírito de conquista, a ambição e a guerra.

Certamente essa obra de Fénelon, que até hoje merece lida, ecoou fundo na alma do talentoso educador Denizard Rivail, tanto que ele a distinguiu entre as demais, publicando-lhe, em 220 páginas, “os três primeiros livros” vertidos para o alemão, sendo que no terceiro há a confrontação dos textos francês e alemão.

É possível que “Telêmaco” tenha, em certos aspectos, aprimorado o espírito de Rivail, preparando-o para que mais tarde alçasse, condignamente, à posição de chefe de uma doutrina que viria revolucionar o pensamento religioso, filosófico e, até mesmo, científico, no que diz respeito ao ser humano integral.

* * *

“De toda a educação do espírito a gramática é a base” — assinalou Almeida Garrett, o grande escritor português. Empregar e usar as palavras — expressão material de nossas

idéias — requer correção e habilidade em suas combinações e ligações. Só um estudo sistemático, científico e lógico dos casos gerais do mecanismo lingüístico ou dos fenômenos lingüísticos permite o conhecimento das regras que presidem à correção da linguagem escrita ou falada.

Rivail deu a sua contribuição nesse particular, e em fins de janeiro de 1831 saía a público a sua "*Grammaire Française Classique sur un nouveau plan*", de 160 páginas, posta à venda em vários locais, inclusive na casa do autor, situada à rua Vaugirard, n° 65.

Nesse trabalho, didático sobretudo, Rivail expõe e explica os princípios e as regras da língua francesa, bem assim as leis naturais que a regulam, de acordo com o modo por que a falaram e escreveram os melhores autores clássicos e os homens mais doutos da França.

Esforçou-se ele em dar à obra clareza e concisão, pondo-a ao alcance de todas as inteligências, sem prejuízo das regras essenciais, apresentadas de maneira a se fixarem fácil e indelivelmente na memória.

Posto não seja parte integrante da gramática, Rivail acrescentou-lhe breves noções acerca das origens, formação e desenvolvimento da língua francesa, e aí revelou, segundo o estudioso Dr. Canuto Abreu (67), sólidos conhecimentos de diversas línguas mortas e vivas, firmando a sua reputação de professor emérito.

(67) "Metapsíquica", revista bimestral da Sociedade Metapsíquica de São Paulo, São Paulo, agosto-setembro 1936, p. 117.

23 — Rivail e a lei Guizot. Esforço recompensado

Quando o “governo de julho” (1830-1840), que se caracterizou por sérios esforços em prol do desenvolvimento da instrução primária em todos os seus graus, nomeou, por decreto de 3 de fevereiro de 1831, uma Comissão encarregada de revisar a legislação sobre a instrução pública e de preparar um projeto de lei referente à organização geral do ensino, de conformidade com as disposições da Carta Constitucional, Rivail dirigiu aos membros da dita Comissão uma “*Mémoire sur l’instruction publique*”, de dezesseis páginas, na qual pedia licença para sucintamente desenvolver suas reflexões em torno do assunto, baseadas num estudo aprofundado que fizera dos diversos sistemas de educação e na sua experiência de doze anos.

Ao expor observações e idéias próprias, com a formulação de princípios orientadores, o Prof. Rivail se colocava a favor da liberdade de ensino e contra o monopólio universitário, e lamentava que ainda não houvessem dado, nos estabelecimentos públicos, a devida atenção à educação moral, que, conforme diria mais tarde o Dr. Henri Marion, professor da Sorbona e ilustre educador, deve merecer primazia no objeto global da pedagogia. Mais de trinta anos depois, em 1864, Rivail ainda destacava a importância da educação moral dada à infância, assim concluindo longo artigo de sua lavra: “Um dia compreenderão que esse ramo da educação tem seus princípios, suas regras, tal qual a educação intelectual, em suma, que ela é uma verdadeira ciência.” (68)

(68) “Revue Spirite”, 1864, p. 40.

Na sua "Memória", vinda a lume em fins de fevereiro ou nos primeiros dias de março de 1831, Rivail discorda da Universidade por esta monopolizar o ensino de certas matérias, reservando-o apenas aos estabelecimentos públicos. Declara que isso coloca os alunos formados pelas instituições e pensões em posição inferior aos diplomados pelo Estado, contrariando o espírito de liberdade que deveria presidir à orientação do ensino. E mui naturalmente pergunta: De que serve ter o direito de abrir um estabelecimento, sem que nele seu diretor possa ensinar todas as matérias? (69)

É com inteligência e tino admiráveis que Rivail apresenta, em pouco mais de uma vintena de itens, suas reflexões e ponderações relativamente ao programa e planejamento do ensino. Como ele mesmo o disse, não lhe passou pelo espírito a estulta pretensão de equiparar-se aos doutos membros da Comissão, cuidando apenas, por um dever de consciência, em trazer sua humilde colaboração a tão importante assunto, alicerçada em doze anos de estudo e experiência.

Os trabalhos realizados pela Comissão, que o governo nomeara para estudar os problemas atinentes ao ensino, deram em resultado, após exame, discussão e aprovação nas Câmaras, a lei de 28 de junho de 1833, sancionada por Luís Filipe e que ligou para sempre o nome de Guizot, então Ministro da Instrução Pública, à história do ensino na França.



F.-P.-G. Guizot
(1787-1874)

Considerada a "carta da instrução primária na França", a lei marcou vigorosa reação contra o estado deplorável do

(69) *André Moreil*, ob. cit., p. 87.

ensino primário desde 1789, e criou, de fato, a instrução popular, gratuita, até então olhada com indiferença pelos poderes públicos.

Ficaram estabelecidos na nova lei dois tipos de instrução primária: elementar e superior, mas o legislador concentrou seus esforços nas escolas de meninos, não se preocupando com o ensino às meninas, lacuna que a lei de 1850 procurou sanar de modo imperfeito e que só a lei de 10 de abril de 1867 preencheria de todo.

Na primeira metade do século XIX não foram facilitadas às crianças do sexo feminino as mesmas oportunidades de instrução que se concediam às do sexo masculino. A maioria das escolas públicas, máxime as comunais, não tinham cursos para as jovens, que àquele tempo, e até muito depois, estudavam separadas dos rapazes e quase sempre em estabelecimentos exclusivos para elas, lembrando-se que a "ordonnance" de 16/2/1816 fora taxativa nesse ponto, com proibir terminantemente as escolas mistas.

Não estava em Rivail aceitar esse estado de coisas. Casado, em 1832, com a institutora primária Amélie Boudet, que enfrentou todas as dificuldades que sua condição feminina criara, ele tinha carradas de razões para discordar dessa desigualdade de direitos. Seus esforços em favor da educação feminina não puderam ir além de um pequeno pensionato de mocinhas (*démoiselles*) que ele e sua mulher fundaram e dirigiram, na zona suburbana de Paris (70). Muito fez em prol da instrução das jovens o Prof. Lévi-Alvarès (71). É possível que Rivail também tenha professorado nos cursos públicos que Lévi-Alvarès instituíra no Hôtel-de-Ville, cursos freqüentados por moças, em certos dias da semana, e que inauguraram em Paris um

(70) "L'illustration, Journal Universel", 27^e année, vol. LIII, Paris, samedi, 10 avril 1869, p. 237.

(71) *Lévi-Alvarès* (David-Eugène), ilustre professor e pedagogista francês, nascido de pais israelitas em Bordéus, no ano de 1794, e desencarnado em 1870.

Ainda bem jovem, criou cursos para elevar o nível de instrução das moças, seguindo um método que depois tomou o seu próprio nome. Em 1825 fundou, em Paris, um curso de educação maternal, que alcançou êxito e fama. Com o Sr. Lourmand, também instituiu, no *Hôtel-de-Ville*, em 1833, um curso normal, hebdomadário, freqüentado por professoras primárias.

Deixou mais de uma centena de livros publicados, e tanto o seu filho quanto um sobrinho continuaram abnegadamente a sua

regime de externato feminino que só entraria em moda após 1850. Rivail e Lévi-Alvarès eram colegas e amigos, e posteriormente publicaram, em conjunto, duas obras didáticas.

O empenho de Rivail pela educação feminina não decaiu no correr do tempo. E em 1847, ao ensejo de novo projeto de lei sobre o ensino, vemo-lo apresentar sugestões num "Projeto de Reforma", de sua autoria, no qual trazia a estudo interessantes proposições acerca da organização geral do ensino, em especial nos educandários para mocinhas (*jeunes personnes*).

O referido "Projeto" foi transcrito em "*Le Courrier de l'Enseignement (Journal des Réformes et des Progrès de l'Éducation)*", conceituado periódico parisiense cujo proprietário-gereente era o Professor A. Jullien (Adolfo Jullien?) e que aparecia três vezes por mês. É no seu número 44, de 20-30 de abril de 1848, que sai o final desse trabalho, firmado com a assinatura H.-L.-D. Rivail. Nele o autor faz referência à sua "Mémoire sur l'instruction publique", de 1831, quanto à necessidade, já ali proposta, de tornar obrigatório, para aspirantes a professoras de crianças, um estágio de três anos em um ou dois estabelecimentos de ensino, a fim de reunirem, com a experiência, os elementos que lhes possibilitassem dar realmente aos alunos uma boa e eficaz educação. Tanto no externato quanto no pensionato, a educação deveria ser ministrada do ponto de vista intelectual, físico, moral e religioso, como um todo, e, para se conseguirem bons resultados, as mestras teriam que estar bem preparadas, salientando Rivail, pelas suas observações, que as garantias exigidas para a carreira do ensino seriam de três naturezas: capacidade, moralidade e aptidão ou *savoir-faire*, as quais ele passa a desfiar, uma por uma, no propósito de tornar bem claro o seu pensamento a respeito.

Quando em Yverdon, Rivail teve oportunidade de tomar conhecimento do admirável trabalho desenvolvido no instituto para meninas e moças fundado por Pestalozzi, em 1806, nos Paços do Concelho daquela cidade, e onde se procurava preparar mestras da pequena infância, diretoras de educandários e

obra. Membro da Academia das Ciências de Bordéus, da Sociedade Geográfica, da Sociedade das Artes de Atenas, etc. (*Apud* G. Vapereau, "Dictionnaire Universel des Contemporains", Paris, 3ª edição, 1865; M. Pierre Larousse, "Grand Dictionnaire Universel du XIX Siècle", Paris, 1873; "Catalogue Général des livres imprimés de la Bibliothèque Nationale (Auteurs)", tomo XCVII, Paris, 1929.)

futuras mães de família, obra pioneira àquela época e que sobreviveu até pelo menos 1837 (72).

As alunas desse instituto participavam, várias vezes por ano, com os alunos do Castelo, na celebração de festas e aniversários, especialmente no Natal, no Ano Novo e na data natalícia de Pestalozzi. E acrescenta J. Cornaz-Besson que todas as tardes o mestre de Yverdon reunia seus pupilos, de ambos os sexos, para uma meditação religiosa, após o que se fazia ouvir um coral.

È assim que as atenções do jovem Rivail foram, desde cedo, despertadas para o problema da instrução e educação das meninas e moças, e ao retornar a Paris deu também a sua contribuição ativa nesse sentido, juntamente com outros abnegados mestres e mestras que colheram na obra de Pestalozzi as bases de uma boa formação pedagógica.

André Moreil escreve que a “Memória” de 1831, a respeito da qual falamos atrás, foi coroada pela Academia Real das Ciências de Arrás, mas ele não fornece qualquer adendo esclarecedor ou comprovador.

Ora, existe uma obra bibliográfica, publicada quando Rivail ainda estava encarnado, que parece discordar da afirmativa acima. Ela registra (72-a), em separado, a “*Mémoire sur l’instruction publique*”, já por nós comentada, e a “*Mémoire sur cette question: Quel est le système d’études le plus en harmonie avec les besoins de l’époque?*”, acrescentando que esta segunda trata da reforma dos estudos clássicos e é ela que foi premiada pela referida entidade cultural. Não apresenta, entretanto, datas ou algum outro dado complementar. A “*Revue Spirite*” de 1869, na página 131, é que explica ter Rivail participado de um concurso promovido em 1831 pela Academia de Arrás, do qual saiu vencedor com a “notável memória” a que por último nos reportamos.

A vitória de Rivail foi lembrada em 1834 pelo seu aluno Louis de Rouyer, em discurso de fim de ano letivo, perante colegas e professores da Instituição Rivail, fato que adiante reproduziremos.

(72) “L’Institut des jeunes filles à Yverdon”, de J. Cornaz-Besson, in *Bulletin* n.º 13 (Automne 1988) do *Centre de Documentation et de Recherche Pestalozzi*, Yverdon.

(72-a) “La France Littéraire, ou Dictionnaire Bibliographique”, par J.-M. Quérard, tome douzième, Paris, l’Éditeur, rue des Grands-Augustins, n.º 3, 1859-64, p. 457.

24 — O amigo dos alunos

A Instituição Rivail, a respeito da qual já tecemos algumas considerações, páginas atrás, foi criada em 1826 por Denizard Rivail, em sociedade com um de seus tios maternos, o qual entrara como financiador da empresa.

Conduzido com seriedade e dedicação, o trabalho de Rivail produzia os frutos desejados. Todos os anos, uma turma de alunos bem preparados intelectual e moralmente se despedia da Instituição que funcionava à rua de Sèvres n° 35.

Como o tio e associado tinha a paixão do jogo, por diversas vezes a Instituição correu o risco de fechar as portas por causa da freqüente instabilidade em suas finanças.

Acontece que os desmandos por parte do tio chegaram a tal ponto, em jogatinas nas estações balneárias de Aachen, em fr. Aix-la-Chapelle (Alemanha) e Spa (Bélgica), com perda crescente de grandes quantias, que não houve mais por onde sustentar o estabelecimento escolar que Rivail dirigia com zelo e verdadeiro espírito missionário.

Feita a liquidação, coube 45.000 francos a cada sócio. A conselho de sua esposa, que igualmente sofrera com esse revés, associada que estava às afanosas tarefas educacionais na Instituição, Rivail confia esse dinheiro a um amigo íntimo da família, negociante, que, infeliz nos negócios, entrou em falência, deixando o pobre professor sem um níquel. Tal qual sucedera com Pestalozzi, por várias vezes ainda Rivail seria vítima de sua bondade e de seu desprendimento.

Todos os anos, ao findar o período letivo, Rivail reunia colaboradores e alunos em solene festividade. Após o discurso por ele pronunciado, na qualidade de diretor do estabelecimento

(*chef d'institution*), um dos alunos, escolhido pelos colegas, fazia uma espécie de saudação gratulatória ao mestre. A solenidade terminava com a distribuição de prêmios aos primeiros colocados.

O ano de 1834 foi o último vivido pela Instituição, antes que suas portas fossem cerradas. No dia 14 de agosto, precedendo às férias escolares, Rivail prestou conta de sua gestão a todo o corpo de auxiliares, aos alunos e seus pais, como o fazia anualmente, passando, em seguida, a articular considerações em torno da educação dos jovens, seu tema favorito.

De novo se utiliza, em sintonia com o método pestalozziano, da imagem jardineiro = professor. Comparando o espírito da criança a um terreno cuja natureza o jardineiro hábil deve conhecer e estudar, a fim de semear com proveito, o Prof. Rivail acrescentava, em seu discurso (73): "E assim como as aptidões do jardineiro não se reduzem à ciência de meter plantas na terra, também o talento do institutor não deve limitar-se ao ensino dos rudimentos." Bem mais tarde (74), ele escreveria: "Para instruir a infância é preciso grande tato e muita experiência, pois não se imagina o alcance que pode ter uma única palavra imprudente, a qual, do mesmo modo que o grão de erva daninha, germina nessas jovens imaginações como em terra virgem."

Desenvolver a inteligência da criança, salientava ainda o Prof. Rivail, e não apenas fazer que ela adquira tal ou tal ciência, num processo exclusivo de memorização ininteligente e brutal. Este, aliás, era o pensamento de Pestalozzi, e constitui a base da educação primária moderna, o fundamento da escola ativa dos nossos dias. A reação contra os exageros de sobrecarga da memória vem de longe. Plutarco sintetiza-a nesta sentença lapidar: "A alma da criança não é uma ânfora que se deve encher, mas uma chama que é preciso alimentar."

O grande pedagogo alemão Fröbel, que de 1808 a 1810 travara estreita amizade com Pestalozzi, pensava de modo semelhante, e daí ter criado, em 1837, os famosos "jardins de infância" (*kindergarten*), nos quais visava a cultivar o espírito da criança como se cultivava uma planta no jardim, sem sufocá-la com excessos de conhecimentos.

Ainda no seu discurso de fim de ano, Rivail expôs, em síntese, os princípios educacionais que vinha adotando, sempre

(73) *André Moreil*, ob. cit., p. 89.

(74) "Revue Spirite", 1864, pp. 184/5.

corrigidos e aperfeiçoados por suas observações diárias, dizendo-se feliz quando defrontava com algum novo processo de ensino ou quando descobria novas verdades que pudessem ser utilizadas na educação. E ei-lo a confessar para a posteridade: “a educação é a obra da minha vida, e todos os meus instantes eu os dedico para meditar sobre essa matéria” (*Pédication*



Friedrich Fröbel
(1782-1852)

est l'oeuvre de ma vie, et tous mes instants sont employés à méditer sur cette matière).

O orador diz, mais além, das qualidades que o professor deve possuir, a fim de bem exercer o magistério e conseguir, dessa forma, resultados positivos junto ao educando. Assinala que o professor tem sobre os ombros uma das mais importantes e difíceis tarefas: a arte de formar homens. A violência e o temor, que então freqüentemente impunham, sob a forma de castigos corporais, às crianças que estudavam, não eram admitidos no ensino pestalozziano, em que predominava a força do espírito e do amor.

Dirigindo-se aos alunos, os quais tratava por “amigos”, Rivail lhes faz ver as responsabilidades que também lhes tocam. Lamentando que muitas criaturas ainda continuam a viver nas

trevas da ignorância, lembrou àqueles jovens o dever de renderem graças a Deus pela oportunidade que lhes fora concedida.

No discurso em pauta, consta haver a seguinte frase de Rivail, que colhemos na obra de Vartier (75): “A fonte das qualidades se encontra nas impressões que a criança recebe ao nascer, talvez antes.” (*La source des qualités se trouve dans les impressions que l'enfant reçoit à sa naissance, peut-être avant.*)

Esse final — “talvez antes” — levou certos críticos a afirmarem, precipitadamente, que o pedagogo Denizard Rivail se convencera da reencarnação bem antes do nascimento do Espiritismo. Nada mais tendencioso! Primeiro, o vocábulo “talvez” já por si assinala a dúvida que morava no espírito do discípulo de Pestalozzi, não exprimindo, assim, nenhuma convicção. Em segundo lugar, o próprio Rivail (76) declarou, mais de uma vez, haver relutado em aceitar a teoria das vidas sucessivas que, cerca de vinte anos mais tarde, os Espíritos lhe transmitiram, tendo ele mesmo combatido-a por algum tempo, antes que a evidência dela lhe fosse demonstrada. Já em 1858, o Codificador do Espiritismo frisava (77): “(...) esta teoria estava tão longe do nosso pensamento quando os Espíritos no-la revelaram, que ela nos surpreendeu de maneira estranha, porque, confessamo-lo com toda a humildade, o que Platão havia escrito sobre esse assunto especial nos era então totalmente desconhecido, mais uma prova, entre mil outras, de que as comunicações que nos têm sido dadas não refletem, absolutamente, a nossa opinião pessoal.” “A doutrina dos Espíritos acerca da reencarnação nos surpreendeu, pois; diremos mais: contrariou-nos, porque lançava por terra nossas próprias idéias.”

Impõe-se, dessa forma, outra explicação para o final do trecho acima. Professor estudioso que era, lendo tudo que dissesse respeito a assuntos pedagógicos, Rivail não desconhecera, pelo menos no que concerne à educação, as idéias de Aristóteles e Platão, os geniais filósofos-pedagogos que influenciaram várias gerações e que até hoje são incluídos nos Tratados de Pedagogia e de Psicologia.

Como Rousseau no “Emílio”, Aristóteles detalha os cuidados que importa dar à primeira infância. Ele quer, entretanto, como Platão, que se prepare a educação da criança mesmo antes do seu nascimento, prescrevendo às mães, durante a

(75) Jean Vartier, ob. cit., p. 156.

(76) “Revue Spirite”, 1862, p. 51.

(77) Idem, 1858, pp. 243 e 295/6.

gravidez, o regime que elas devem seguir, porque, diz ele, "as crianças ressentem as impressões da mãe, tanto quanto os frutos se ressentem do solo que os nutre" (78).

"O sistema platoniano de educação (79) é um sistema de dois graus, de dois ciclos, como diríamos hoje, em que o primeiro começa com o nascimento da criança, *antes mesmo do seu nascimento* (grifos nossos), e termina aos 20 anos (...)." Pelo que diz Platão, não se deve esperar que a criança venha ao mundo para que sobre ela se exerça a educação. O embrião já é sensível a certas impressões; alma e corpo podem receber, nesse período, impressões duradouras. E o filósofo grego chega a dar às mulheres grávidas vários conselhos, úteis indiretamente ao nascituro.

Ao estudar a psicologia infantil, René Hubert (80) registra este pronunciamento de Minkowsky, quanto ao crescimento físico e mental do ser (in *Encycl. fr.* 8.16, 14 b): "Não há razão séria para não julgar possível, senão provável, a existência no feto de um fundo nascente, vago e obscuro, de elementos psíquicos próprios, inconscientes ou pré-conscientes, ou, para falar como Aristóteles, de uma alma obscura, vegetativa e nutritiva no começo, sensitiva (sobretudo íntero e proprioceptiva) em seguida. Não se percebe, com efeito, em que momento particular da história ontogênica do individuo se deva assentar o aparecimento de elementos psíquicos subjetivos. Nada, na verdade, nos obriga a colocar esse momento após o nascimento, e não antes." De qualquer maneira, "a experiência particular adquirida pelo feto no curso de sua evolução, experiência que ele traz consigo ao vir ao mundo, constitui uma base indelével na qual se inserirão todas as impressões ulteriores" (in *Encycl. fr.*, 8.16, 15 b).

Diante do que expusemos, não se precisa pensar que Rivail se antecipara, por um fenômeno premonitório, às doutrinas de Freud, W. Green e outros, acerca das "percepções intra-uterinas", e nem concluir, abruptamente, que "peut-être avant" faz

(78) *F. Buisson*: "Nouveau Dictionnaire de Pédagogie et d'Instruction Primaire", 1911, p. 100.

(79) *Id.*, *ib.*, p. 1640.

(80) *René Hubert*: "Traité de Pédagogie Générale", Presses Universitaires de France, 1949, pp. 118 e 119.

alusão direta a existências anteriores e sua incidência na formação do caráter.

Rivail, com efeito, na frase aqui em estudo, não teve o mais remoto propósito de se referir à doutrina reencarnacionista. Tanto é assim — repetimos —, que quatro lustros mais tarde, quando os Espíritos lhe falaram sobre o assunto, ele se mostrou surpreso e ao mesmo tempo cauteloso, só firmando opinião favorável à pluralidade das existências após consciencioso estudo e racional exame.

Quase ao término da sua preleção na Instituição Rivail, o circunspecto diretor deixou impresso na alma daqueles adolescentes este conselho de real significado: “instruindo-vos, trabalhai em prol da vossa própria felicidade.”

Depois do edificante discurso de Rivail, que ainda não tinha em mente fechar a sua Instituição, tanto assim que programara para o ano seguinte a introdução de conhecimentos de anatomia e fisiologia entre as matérias ali ensinadas, tomou da palavra o escolar Louis Rouyer, de quinze anos de idade. Em sua alocução elogiou o mestre e diretor, recordando-lhe o triunfo na Academia Real das Ciências de Arrás.

Se não fora a publicação dos sucessos acima relatados, ignoraríamos talvez esse lado da atividade pedagógica de Rivail. Por essa ou aquela razão, apenas a solenidade de 1834 ficou registada numa brochura, de doze páginas, impressa em Paris, e anunciada na “Bibliographie de la France” de 23 de agosto do mesmo ano. Intitulava-se: “*Discours prononcé à la distribution des prix du 14 août 1834, par M. Rivail, chef d'institution, membre de l'Académie d'industrie. (Suivi d'un Discours prononcé par le jeune Louis Rouyer, âgé de quinze ans.)*”

25 — Dia e noite no trabalho

Os infaustos acontecimentos que levaram à bancarrota a Instituição Rivail, seguidos da perda de todo o dinheiro que coubera a Rivail na liquidação do referido estabelecimento, tudo isso não conseguiu arrastar o casal ao desânimo ou ao desalento. Possuindo esposa altamente compreensiva, resignada e corajosa, foi fácil ao professor sobrepor-se a esses infelizes sucessos. Mme. Rivail seguia os mesmos passos de Ana Schulthess, aquela que compartilhara, em diferentes ocasiões e durante quarenta e seis anos, os sonhos, as lutas e as vicissitudes de Pestalozzi.

Demonstrando firme vontade e inquebrantável energia, Rivail empregou-se como contabilista de três casas comerciais, trabalho que lhe rendia, segundo Henri Sausse, cerca de 7.000 francos por ano.

Ocupado durante o dia, destinava as noites à elaboração de novos livros de ensino, à tradução de obras inglesas e alemãs, e à preparação de todos os cursos que ele, juntamente com o Prof. Lévi-Alvarès, dava a alunos de ambos os sexos no *faubourg* de Saint-Germain.

Não ficava nisto o seu incansável labor: em sua própria casa — certamente com o pensamento voltado para Pestalozzi, o grande amigo dos órfãos e do povo, e ciente de que, conforme proclamou Vítor Hugo, “quem diz instrução, diz, conseqüentemente, luzes, humanidade, moralidade, liberdade, justiça, bem-estar e prosperidade” — organizou e ministrou, de 1835 a 1840, cursos gratuitos de química, física, astronomia, fisiologia, anatomia comparada, etc., “empreendimento digno de encômios em todos os tempos, principalmente numa época

em que só um número muito reduzido de inteligências ousava enveredar por esse caminho”. Anna Blackwell diverge dos demais biógrafos ao escrever, em 1875, que as referidas aulas, “a que assistiram mais de quinhentas pessoas de todos os níveis sociais, muitas das quais posteriormente se destacaram no mundo científico”, tiveram início em 1830, num grande salão à rua de Sèvres, alugado a expensas do próprio Rivail. Seja como for, a essa obra filantrópica igualmente não faltou a colaboração zelosa, discreta e espontânea da Sra. Rivail, que dava ao marido todo o apoio possível para que ele pudesse desempenhar, sem tropeços de qualquer espécie, a sua tarefa educacional. Observa Jean Vartier, com certa estranheza, “a predileção desses pedagogos missionários para as matérias



Léopold Dauvil

essencialmente científicas”, distanciados da agitação literária da época.

De 1843 a 1848, Rivail deu também cursos públicos, bissemanais, de matemáticas e astronomia. E Léopold Dauvil, que foi um dos redatores da *Revue Spirite*, conta que os alunos e até mesmo os professores que freqüentaram os referidos cursos admiravam a simplicidade das demonstrações do mestre e a

facilidade de sua elocução. “Tenho entre as mãos — acrescentava L. Dauvil (81) — um questionário, manuscrito, de retórica (a mim ofertado por Mme. Leymarie), redigido por ele quando professava essa ciência, e que patenteia o quanto de espírito lúcido possuía aquele que nenhuma calúnia jamais pôde ferir.”

(81) “Revue Spirite”, 47^e année, 1^{er} Octobre 1904, p. 579.

26 — Educação e instrução

Comenta Augustin Cochin, um dos biógrafos de Pestalozzi, que a educação, e, por ela, a regeneração do povo, foi o pensamento constante do "Descartes da Pedagogia", a paixão mais ardente de seu espírito. No seu entender, era o remédio mais eficaz para atalhar o estado de miséria do mundo, decorrente sobretudo da nudez moral e intelectual dos homens. Pestalozzi chegara à convicção, escreveu P.P. Pompée, de que para se conseguir estancar a miséria do povo, em sua fonte, precisar-se-ia cultivar, desde a infância, as faculdades físicas, intelectuais e morais do homem, e desenvolver pela educação os bons sentimentos que Deus depositou em gérmen no coração de todos os seus filhos. "O único meio de pôr termo à desordem social, às fermentações e revoltas populares, assim como aos abusos do despotismo dos príncipes e das multidões, é enobrecer o homem" — eis como pensava sobre o assunto o famoso educador suíço, em citação feita pelo biógrafo Gabriel Compayré.

Rivail soube bem compreender essas profundas lições, conservando-as e aplicando-as durante toda a sua vida. Já no fim de sua frutuosa passagem pela Terra, dirigindo-se aos homens em geral, e aos espíritas em particular, ele demonstrou não nas ter esquecido, ao escrever (82):

"A questão social não tem, pois, por ponto de partida a forma de tal ou qual instituição; ela está toda no melhoramento moral dos indivíduos e das massas. Aí é que se acha o princí-

(82) *Allan Kardec*: "Obras Póstumas", 13ª ed. FEB, p. 384.

pio, a verdadeira chave da felicidade do gênero humano, porque então os homens não mais cogitarão de se prejudicarem reciprocamente. Não basta se cubra de verniz a corrupção, é indispensável extirpar a corrupção.

“O princípio do melhoramento está na natureza das crenças, porque estas constituem o móvel das ações e modificam os sentimentos. Também está nas idéias inculcadas desde a infância e que se identificam com o espírito; está ainda nas idéias que o desenvolvimento ulterior da inteligência e da razão pode fortalecer, nunca destruir. E pela educação, mais do que pela instrução, que se transformará a Humanidade.”

Embora na linguagem escrita e falada se confundam os vocábulos educação e instrução, usando-se comumente o primeiro pelo segundo, eles se diferenciam em seus significados, e Rivail sabia disso, como é exemplo o final do trecho que acabamos de transcrever.

A respeito desses dois vocábulos, eis como se expressou A. Cochin: “A instrução é mais especialmente a aprendizagem da ciência, a educação é a aprendizagem da vida; a instrução desenvolve e enriquece a inteligência, a educação dirige e fortifica o coração; a instrução forma o talento; a educação, o caráter. A missão da educação é mais elevada, mais difícil a sua arte.”

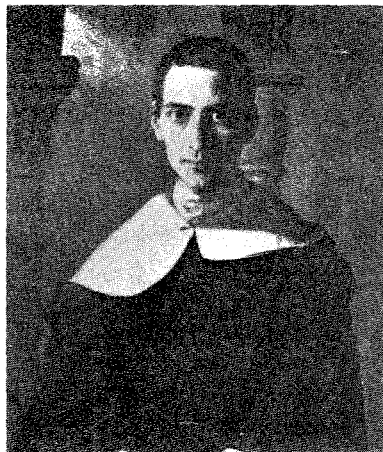
27 — Rivail e a liberdade de ensino

Constituída pela lei de 1806 e pelos decretos orgânicos de 1808, a Universidade de Paris foi posteriormente (Decreto 15/11/1811) investida de um monopólio que pôs em suas mãos o ensino livre. As instituições e as pensões foram também colocadas diretamente sob a autoridade do grão-mestre, e eram como que satélites ou auxiliares dos colégios e liceus, havendo mal disfarçada tirania destes sobre aquelas. Nas instituições e pensões os alunos tinham que usar o uniforme dos liceus; o ensino só podia ser dado até a quarta classe (classe de humanidades) nas cidades onde houvesse pelo menos um colégio ou liceu, ficando aquelas na obrigação de remeter seus alunos a esses estabelecimentos públicos, a fim de cursarem as classes seguintes; pagava-se à Universidade o imposto de 1/20 do valor da pensão de cada aluno, além de um outro, pessoal, por parte do “chef d’institution”, de 150 francos em Paris e de 100 francos na província; o certificado de estudos universitários era exigido para a obtenção dos graus; o programa de ensino de cada estabelecimento era submetido à aprovação do reitor e do conselho acadêmico; enfim, seria renovável, de dez em dez anos, a autorização para o funcionamento de uma pensão ou instituição. Eis, expostos de modo sucinto, alguns dos motivos que explicam a má recordação que deixou no ensino livre o regime do monopólio.

Os “maîtres-de-pension” e os “chefs d’institution” não se contentaram em protestar e em invocar os princípios de equidade e de liberdade. Mais tarde se uniram para defender seus direitos e formaram, sucessivamente, duas sociedades em Paris: a “*Société d’Éducation Nationale*” (1831), que abrangia todo

o país, e a cujos quadros pertenceu Rivail; a "*Société des chefs d'institution*" (1843), sucessora da anterior, circunscrita aos departamentos do Sena, do Seine-et-Oise e do Seine-et-Marne, embora os "chefs d'institution" dos outros departamentos pudessem ligar-se a ela como membros correspondentes. Conquanto não se conheça documento a respeito, é bem provável que Denizard Rivail igualmente tenha sido membro dessa última Sociedade, como antigo e conceituado "chef d'institution" que era.

Com palavras ponderadas e desapassionadas, como era do seu feitio, Rivail igualmente se bateu pela liberdade de ensino, ou seja, o direito igual para todos de dar esse ensino, a interdição de todo monopólio nas mãos quer de indivíduos privilegiados, quer de corporações, quer, inclusive, do Estado. Chegou mesmo a tratar, com destemor, dessa questão na Memória que em 1831 dirigiu à Comissão nomeada pelo governo para preparar um projeto relativo às coisas do ensino, Memória que foi por nós apreciada, páginas atrás, em "Rivail e a lei Guizot. Esforço recompensado".



J.-B.-H. Lacordaire
(1802-1861)

Justamente nessa época surgiram em Paris três grandes vultos do catolicismo liberal, Montalembert, Lamennais e Lacordaire, que empreenderam movimentada campanha contra o monopólio da Universidade, propugnando pelo princípio da liberdade de ensino. Graças a eles, graças sobretudo aos esforços das Sociedades acima citadas, conforme acentuou De Ménorval no "Dictionnaire de Pédagogie" de F. Buisson, graças às manifestações dos próprios liberais e da "Société pour l'instruction élémentaire", contrários ao clero e à Universidade,

os ideais liberais no ensino foram triunfando e os entraves impostos às instituições, desaparecendo. Já no fim da monarquia de julho, a liberdade estava quase assegurada, embora não legalmente, e a prosperidade das instituições, relaxados os laços que as faziam subordinadas aos liceus e colégios, era um fato.

Nesse segundo período de sua história, o ensino livre (então oficialmente designado ensino privado) prestou relevantes



Conde de Montalembert
(1810-1870)

F. R. de Lamennais
(1782-1854)

serviços à causa da educação. Em Paris, o número de instituições e pensões, respectivamente de 29 e 77 em 1842, aumentou bastante, e nelas homens muito ilustres fizeram seus estudos.

Após a revolução de 1848, o triunfo do partido clerical permitiu, àqueles que reclamavam a liberdade de ensino, realizar seu objetivo. Eleito presidente da França Luís Napoleão Bonaparte, sobrinho de Napoleão I, ele procurou agradar de todas as maneiras os católicos, e logo confiara ao conde de Falloux, um dos chefes do ultramontanismo, a pasta da Instrução Pública e dos Cultos. O novo ministro instituiu, então, comissões para preparar novo projeto de lei sobre o ensino. Afinal, a chamada lei Falloux foi votada e aprovada em 15 de março de 1850, já na gestão do ministro de Parieu.

Mas essa lei, que parecia corresponder às aspirações do ensino livre e que deveria fortalecê-lo, só foi realmente útil às escolas eclesiásticas. Apresentada como uma lei de liberdade, ela apenas transferia um monopólio, o da Universidade, que se pretendia impugnar, para a esfera de um outro, o das con-

gregações, que se ia instituir. O grande escritor Vitor Hugo pôs, na Assembléa Legislativa, toda a sua eloquência contra a lei, dizendo que ele esperava a liberdade de ensino sob a fiscalização do Estado laico e não dos bispos e dos delegados dos bispos introduzidos nos conselhos.

Com essa lei, inaugurou-se o terceiro período, o da decadência do ensino laico, e cujo traço principal se constituiu no



F.-A.-P. Falloux
(1811-1886)

aumento sensível de estabelecimentos congregacionais, que receberam todo o apoio do clero e da política do Segundo Império, além de facilidades financeiras, levando os estabelecimentos laicos a fecharem suas portas. Aliás, havia muito que as escolas congregacionais tinham as laicas como rivais, em vez de aliadas, e procuravam, antes de tudo, eclipsá-las, depreciá-las e colocá-las em suspeição. A situação agora piorara, tornando-se mais opressiva para os institutores laicos, que desde algum tempo vinham sendo apontados até como agentes da revolução e da desordem. Contrariou-os bastante, máxime aos "chefs d'institution", o privilégio dado aos bispos de poderem criar, em suas dioceses, estabelecimentos secundários privados, sob a responsabilidade dessas mesmas autoridades eclesiásticas, sem se subordinarem a nenhuma condição ou exigência do Estado, embora deste recebessem auxílios ou subvenções. Não se falando nas escolas primárias, de 1850 a 1852 fundaram-se, em Paris, 257 escolas secundárias católicas, e em 1854 o número

de alunos das 1081 existentes já era igual à metade do das escolas secundárias públicas (liceus).

A nova lei do ensino chegou na ocasião a ser tachada de "iliberal, porque impunha condições à liberdade que ela própria dava, e fazia a Igreja cúmplice do monopólio, ao lhe entregar parte desse monopólio, consagrando, assim, a aliança do clero com a Universidade". Até mesmo a disposição liberal contida no artigo 3º da lei de 28 de junho de 1833 desapareceu na lei Falloux. E eram estes os seus termos: "A vontade dos pais será sempre consultada e seguida no que diz respeito à participação dos filhos na instrução religiosa."

Com a lei de 1850, suprimiram-se vários entraves ao ensino livre, cujos mestres tiveram ampliadas suas garantias, mas o institutor tornou-se um subordinado do sacerdote: sob seus olhos vigilantes, ele recitava o catecismo, velava pela igreja e pela sacristia, numa cumulação de encargos por vezes incompatíveis com o seu modo de pensar. O pároco, como ministro do culto, tinha a fiscalização e a direção moral da escola; como delegado cantonal, podia até exercer a fiscalização e a direção pedagógicas. E de tal forma ficou constituída a administração geral do ensino primário e secundário, que, em qualquer desinteligência entre o pároco e o institutor, este quase sempre levaria a pior.

O clero cantou vitória e, como assinalou Maurice Pellisson (83), sobre as ruínas da antiga Universidade o que triunfava não era a liberdade, era a idéia ultramontana. Resultado: as instituições e as pensões laicas entraram em declínio e grande parte sucumbiu.

Certamente em virtude dessa lei, contrária aos seus sentimentos e à sua formação liberal, é que Rivail resolveu, como tantos outros velhos e respeitáveis institutores e "chefs d'institution", afastar-se do magistério após haver dedicado a ele trinta anos de sua existência.

Ainda em 1850, cedia ao Sr. A. Pitolet, que posteriormente ocuparia em Paris o cargo de inspetor de ensino primário, a instituição conhecida pelo nome de Liceu Polimático (84), da

(83) In "Nouveau Dictionnaire de Pédagogie et d'Instruction Primaire", publicado sob a direção de *F. Buisson*, Paris, Librairie Hachette et Cie., 1911, p. 661.

(84) Isto é, estabelecimento de ensino secundário em que se ensinam muitas ciências. Segundo *René Hubert* (ob. cit.), era permitido aos diretores das instituições livres de ensino secundário dar

qual era diretor, localizada na rua de Sèvres n° 35 (85). O ensino ali, análogo ao professado nos liceus públicos, incluía ciências naturais, bem como noções de anatomia e fisiologia.

O grande educador pestalozziano encerrava, assim, um tanto melancolicamente, a primeira etapa de sua existência,



J.-M. Quérard
(1797-1865)

durante a qual — como escreveu o bibliógrafo e escritor José Maria Quérard, seu contemporâneo (86) — ele esteve “especialmente ocupado com o estudo pedagógico em todos os seus desdobramentos e sob todos os pontos de vista, inclusive em suas aplicações ao cultivo do moral, do físico e da inteligência”

a elas a denominação de liceus ou colégios, o que foi interdito pelo decreto de 25 de fevereiro de 1860.

Os liceus públicos, dependentes do Estado, foram criados pela lei de 1° de maio de 1802. Durante a Restauração tomaram o nome de *colégios reais*, retomando a antiga denominação em 1848. Pelos termos da lei, os liceus se consagravam ao ensino das letras e das ciências. Aí estavam compreendidas as línguas antigas, a história, a retórica, a lógica, a moral e os elementos das ciências matemáticas e físicas.

(85) J.-M. Quérard: “La France Littéraire ou Dictionnaire Bibliographique (...)”, tomo XII — Século XIX (tomo II), Paris, l’Éditeur, 1859-1864, p. 456.

(86) Idem, *ibidem*.

(*spécialement occupé de l'étude pédagogique dans tous ses développements et sous tous les points de vue, ainsi que de ses applications à la culture du moral, du physique et de l'intelligence*).

Como se não bastasse a caótica situação das instituições laicas, consequência da lei de 1850, os anos seguintes vieram acrescentar novos percalços ao ensino, vivendo os mestres em sobressalto constante, cerceados no exercício pleno de suas funções, o medo e a incerteza a lhes afligirem as almas. Tudo isso sobreveio após o golpe de Estado de Luís Napoleão Bonaparte, em 2 de dezembro de 1851, com a instauração, na França, de uma política ditatorial e clerical, ficando abolidas a liberdade de imprensa e outras liberdades públicas.

De 1851 a 1856, o novo Ministro da Instrução Pública e dos Cultos, Hippolyte Fortoul, fez reinar na Universidade o despotismo e o terror. Quando, em fins de 1852, Luís Bonaparte avocou a si o título de imperador Napoleão III, os professores tiveram que prestar-lhe juramento de fidelidade (*serment de fidélité*). Aqueles que se recusaram a isso foram demitidos, sendo citados, entre os nomes mais famosos, Villemain, Cousin, Michelet, Quinet, etc. A espionagem policial entrou na Universidade, iniciando sistemática perseguição nos estabelecimentos escolares públicos e privados, excluídos os congregacionais, que se beneficiavam da proteção do governo imperial. Tanto quanto os professores de faculdades, os institutores eram igualmente tratados como suspeitos. Calcula-se em cerca de oitocentos o número daqueles que foram destituídos de suas funções, após o golpe de Estado (87). Manifestando hostilidade ao desenvolvimento da instrução popular, o ministro Fortoul delimitou o número de alunos gratuitos nas escolas primárias, fato que também foi frontalmente de encontro aos ideais de muitos mestres, entre eles Rivail, que sempre propugnara pela maior expansão da educação popular, consentâneo, aliás, com o pensamento do seu mestre Pestalozzi.

A lei Falloux regeu o ensino primário e secundário até 1860, ano que inaugurou, no governo absolutista de Napoleão III, um período de certas liberdades e garantias parciais aos cidadãos, em regime que se tornou ainda mais liberal, de 1867 a 1870.

Como se vê de tudo o que foi exposto, não houve mais campo nem condições que permitissem ao Prof. Denizard Rivail

(87) J. Leif et G. Rustin, ob. cit., p. 172.

retomasse suas atividades no ensino, durante essa primeira fase do Segundo Império, que foi até 1860. De 1851 a 1854, justamente os anos mais opressivos, quando, por simples desconfiança, se dava a invasão policial de estabelecimentos escolares, a índole e o caráter de Rivail impediram-no de voltar às atividades pedagógicas. Nesse meio tempo, infausto acontecimento veio aumentar-lhe as aflições. Por volta de 1852 ou 53, sua percepção visual diminuía sensivelmente, a ponto de não poder ler nem escrever e de não reconhecer as pessoas às quais estendia a mão. Parecia caminhar rapidamente para a cegueira. “Consultei” — narrou ele na página 230 da “Revue Spirite” de 1862 — “notabilidades da ciência, entre outras o Doutor L. . ., professor de clínica para moléstias dos olhos, o qual, após exame muito atento e muito consciencioso, declarou que eu sofria de amaurose e que só me cabia resignar-me. Fui ver uma sonâmbula, que me disse não se tratar de amaurose, mas de apoplexia nos olhos, que poderia degenerar em amaurose se não fosse cuidada convenientemente. Ela declarou responder pela cura, dizendo: em quinze dias experimentareis ligeira melhora; em um mês começareis a ver, e em dois ou três meses estareis são.” Rivail sabia muito bem, como velho estudioso do Magnetismo (ver cap. 17), que o sonâmbulo, em estado de lucidez ou dupla vista, tem às vezes a faculdade de prever a evolução ou a cura de doenças ou moléstias, com o fornecimento até mesmo de prescrições médicas. E, no caso, tudo realmente se passou tal qual a sonâmbula havia predito. Assistido, sem dúvida, por Espíritos superiores, Rivail teve a visão completa e definitivamente restabelecida, e pelos anos afora, desde a sua convocação pelo Alto até o seu desenlace, os olhos lhe foram quais janelas abertas que lhe possibilitaram erigir a monumental obra do Consolador.

Como se verá no segundo volume desta obra, a partir de 1854 é que ele seria chamado, qual “vaso de eleição”, a trilhar novos rumos em sua existência. De educador da juventude de sua pátria, passaria, mediante homérico trabalho missionário, a educador da Humanidade.

28 — A didática rivailiana

Razão tinha o acadêmico francês Augustin Cochin, quando declarava que “para todo homem que pensa, que ama a Humanidade, que crê em sua reforma, em seus progressos, que tem fé em Deus e em seus desígnios soberanamente bons, a educação foi sempre e é mais do que nunca a grande questão, a suprema esperança, a salvação da posteridade”. Rivail fora um destes homens, e, como Pestalozzi, durante a sua existência procurou educar, educar sempre, intelectual e moralmente, objetivando a construção de um mundo melhor.

O laborioso institutor-filantropo tudo fazia para facilitar aos alunos o aprendizado das matérias que geralmente causam certo cansaço cerebral. Evitava todas as abstrações e tudo quanto pudesse criar confusão nas mentes juvenis. Com engenho e arte, arquitetava, então, métodos e processos especiais, tendo em vista obter maior rendimento do aluno, com o menor dispêndio de energias intelectuais por este último. Procurava, a todo o transe, impedir que a criança viesse a sofrer, no futuro, de lamentáveis complexos de inferioridade, ao mesmo tempo que punha por terra a ojeriza que certas disciplinas escolares inspiram nos estudantes.

Aceitando o professor como simples mediador na obra educativa, reconhecia no aluno um colaborador nessa mesma obra, incentivando-lhe a iniciativa pessoal e a atividade espontânea.

Rivail dirigiu críticas ao método pelo qual se aprendia a História, em que se dava demasiada importância a datas, a filiações e a fatos políticos, salientando que o verdadeiro objeto da História deve ser “o estudo dos usos e costumes, do pro-

gresso artístico e científico das diversas épocas". A fim de obter melhor aproveitamento dos alunos, chegou a inventar habilidoso método de calcular, bem como um quadro mnemônico da História da França, que facilmente permitia memorizar as datas e os sucessos mais relevantes, inclusive as descobertas que ilustraram cada época.

Por essas e outras iniciativas em prol da educação, Rivail bem poderia subscrever, como dele, este pronunciamento de um dos seus mais queridos mestres, A. Boniface (88): "É o próprio amor pela minha pátria, é a filantropia mesma que me dirigem e me sustêm na afanosa, porém gloriosa, carreira a que me votei inteiramente. *Amo a infância, e quero viver com ela e por ela.* Apresentar às crianças os elementos das ciências sob uma forma menos árida, desenvolver-lhes as aptidões intelectuais, habituando-as a fazer continuamente uso da razão e do discernimento, a fazer que amem o estudo por seus próprios atrativos, e a verdade pelo prazer que encontram em descobri-la por si mesmas; enfim, esclarecer-lhes o espírito, formando-lhes o coração: tal será o escopo a que tenderão todos os meus esforços."

(88) A. Boniface: "Cours élémentaire et pratique de dessin linéaire, d'après (...)", Paris, 1823, p. IX.

29 — O educador por excelência

Não faltaram a Rivail oportunidades para demonstrar suas reais qualidades de emérito educador. Assim, por exemplo, todas as vezes que se falava em alterar a lei do ensino, ele saía a campo para expor suas idéias, seus planos e projetos, levado apenas pelo interesse de servir à obra da educação.

N.-A. Salvandy
(1795-1856)



Em 1847, o Ministro da Instrução Pública, Achille Salvandy, apresentou às Câmaras vários projetos de lei relacionados com o ensino, sendo que dois deles dispunham acerca do ensino primário e da liberdade de ensino em matéria de instrução

secundária, mas a Revolução de fevereiro de 1848, que inaugurou a Segunda República, abortou a quase totalidade.

Foi com o propósito de colaborar junto a um desses malogrados projetos de lei que Rivail publicaria, em 1847, um opúsculo com algumas sugestões suas, intitulado "*Projet de réforme concernant les examens et les maisons d'éducation des jeunes personnes (...)*". Em suas páginas, ele sugeria medidas concretas relativamente à organização e orientação do ensino, medidas que, no seu entender, trariam melhoras sensíveis à redação de livros escolares.

O "Projeto" de Rivail trata ainda de vários temas que dizem respeito à formação do estudante e do próprio institutor, e propõe, afinal, modificações na adoção das obras clássicas pela Universidade.

Na acepção aqui usada, "obras clássicas" ou "livros clássicos" eram assim chamados os compêndios escolares que o Conselho da Universidade escolhia e adotava para o ensino nas escolas dos diversos graus. Já em 1808, o decreto imperial de 17 de março prescrevia as atribuições do Conselho nesse sentido, e esse texto fez lei na questão dos livros escolares em todos os regimes que se sucederam, de 1808 até a lei de 1850. As obras novas que fossem propostas para uso dos alunos nos estabelecimentos de instrução eram, após examinadas pelo Conselho, admitidas ou rejeitadas. Mais tarde, fez-se a publicação quinquenal dos livros adotados no ensino, mas logo essa medida caiu em esquecimento. Salvandy, em 1845, retomou a questão, decidindo pela publicação anual das obras destinadas às três ordens de ensino: primário, secundário e superior. A portaria que tratou do assunto concluía assim: "essas obras serão as únicas de que se poderá fazer uso nos estabelecimentos colocados sob a autoridade ou fiscalização da Universidade".

Como vimos linhas atrás, ciente dos novos projetos de lei apresentados pelo ministro Salvandy em 1847, Rivail achou também oportuno sugerir reformas nas disposições relativas à adoção dos livros clássicos pela Universidade, assentando-as no seu "Projet de réforme" como uma espécie de suplemento.

Tanto esta brochura, quanto duas outras subseqüentes, do mesmo autor, revelam que ele esteve residindo, pelo menos em 1847 e 1848, à rua Mauconseil n° 18.

Ainda em 1847, sob o patrocínio do referido Ministro da Instrução Pública, inaugurava-se em Paris a primeira Escola

Normal Maternal, destinada a formar professoras de escolas maternas, estabelecimentos então conhecidos por *salles d'asile*. Foi convidada a dirigir a novel Escola a Srta. Marie Pape-Carpantier, discípula e continuadora das doutrinas de Fröbel e Pestalozzi, e que já se destacava como notável educadora e pedagoga francesa. Comparticipou nesse trabalho Mme. René Caillé, viúva do célebre viajante e explorador René Caillé, fale-



Marie Pape-Carpantier
(1815-1878)

cido em 1838. Esta senhora também devotou toda a sua existência à educação das crianças, por quem foi muito amada, tendo deixado nos Departamentos do Haut-Rhin e do Bas-Rhin uma obra imperecível. Pela "Revue Spirite" de 1870, ficamos sabendo que Rivail fora amicíssimo de Mme. René Caillé, unindo-os uma amizade de muitos anos, fortalecida posteriormente pelos ideais espíritas que ambos compartilharam.

Em meados de julho de 1848 aparecia à venda o "*Catéchisme grammatical de la langue française*", de 108 páginas, destinado às crianças do primeiro ciclo primário. Clareza e simplicidade são os principais méritos desta obra. H. L. D. Rivail evidencia

mais uma vez o seu admirável espírito didático quanto à transmissão de conhecimentos.

É curioso registrar que o "Catecismo" foi impresso na cidade de Sèvres (*arrondissement* de Versalhes), a 2 km SW de Paris. É possível que Rivail assim tenha procedido em virtude das condições adversas criadas com a revolução operária que ensanguentou, em junho de 1848, a cidade de Paris, onde ele habitualmente mandava imprimir seus livros. De fato, talvez tenha sido este o motivo, pois não há outra obra dele, antes ou depois do "Catecismo", publicada fora da capital francesa.

Respectivamente em 26 de janeiro e 13 de abril de 1850, a "Bibliographie de la France" estampava em suas páginas o aparecimento de "*Dictées du premier âge*" e "*Dictées du second âge*", ambos para uso nos estudos primários e como introdução aos "*Dictées normales des examens*", obra também sua, publicada em 1849.

No tomo XII de "La France Littéraire, ou Dictionnaire Bibliographique", de J.-M. Quérard, seguem-se, após a citação dos "*Dictées du second âge*", estes comentários:

"Os exercícios se distinguem por uma gradação extremamente metódica, mas sem dúvida o que não será menos apreciada é a utilização dos ditados da segunda idade em proveito de uma ciência difícil de ser tratada de maneira seguida nos primeiros estudos, e que será, por esse meio, aprendida sem esforço e sem que seja preciso consagrar-lhe um tempo especial. A *Mitologia*, com efeito, é tão necessária para a inteligência da antiguidade quanto para a dos monumentos, dos objetos de arte que maravilham constantemente os nossos olhos, e das alusões sem número que ela fornece à poesia e até mesmo à linguagem ordinária. Encarada sob esse ponto de vista e pelo que diz respeito às conseqüências morais e religiosas que dela se possam tirar, a *Mitologia*, tratada com a *simplicidade* devida, torna-se atraente e instrutiva ao mesmo tempo."

30 — Vasta erudição polimática

Aplicando todos os seus esforços no desenvolvimento das virtualidades intelectivas e morais da juventude, não lhe pode ser contraditada a formação de humanista cristão.

De cultura vasta e multifária, verdadeiro polimata, Rivail ensinou, com exceção da Sociologia (e Rivail seria dentro do Espiritismo um sociólogo por excelência), todas as chamadas ciências fundamentais de Augusto Comte, seu contemporâneo. Ensinou, também, como pedagogo de incontestável autoridade, Lógica e Retórica, além de outras matérias que arrolamos no decorrer deste trabalho, por exemplo a Anatomia Comparada ou Comparativa e a Fisiologia.

Poliglota, conhecia bem o alemão, sua língua adotiva, o inglês, o holandês, assim como eram sólidos seus conhecimentos do latim e do grego, do gaulês e de algumas línguas novilatinas, nas quais se exprimia corretamente.

Por serem reais os valores do desenho no desenvolvimento da faculdade de percepção, sendo, no dizer de Jullien de Paris, “uma espécie de língua universal”, Pestalozzi dava ao desenho, em sentido mais amplo, um lugar muito importante no seu sistema educacional e teve em Ramsauer um excelente professor de perspectiva e desenho linear. Esta última disciplina, pelo seu lado positivo na educação das crianças, foi introduzida no ensino das escolas primárias da França, graças aos primeiros esforços de Boniface e Rivail (89), que tornaram conhecidos em Paris os modelos de Ramsauer, com numerosas modificações.

(89) *Roger de Guimps*, ob. cit., p. 374.

Enfileirando-se entre os melhores gramáticos franceses da época, como Boniface, Chapsal, Lemaire, Lefranc, Lévi-Alvarès, etc., são extensos os seus conhecimentos de lingüística e gramática, qual o provam algumas obras de sua autoria. Na "Revue Spirite" de 1861, a páginas 216/17, ele refuta, com citações de respeitados escritores, uma crítica feita a certa construção usada pelos Espíritos, encaminhando o crítico à leitura da regra que se encontra na gramática de Boniface e na "Grammaire normale des examens" (1849), da qual foi co-autor, juntamente com Lévi-Alvarès.

Rivail recomendou o desenho geométrico, a leitura ponderada, os exercícios práticos de redação, e considerou útil o estudo e o exercício da música vocal. Aliás, o canto desempenhou importante papel no Instituto de Yverdon, conforme já tivemos ocasião de referir.

31 — Rivail médico?

Quem primeiro declarou publicamente que Rivail fez o curso completo de Medicina foi P.-G. Leymarie, seu sucessor na direção da "Revue Spirite", e esta declaração data de vinte anos aproximados após o decesso do mesmo Rivail.

O biógrafo H. Sausse deu mais ênfase ao pronunciamento de Leymarie, em quem se apoiou, chegando a escrever que Rivail era "Doutor em Medicina", grau obtido com brilhante defesa de tese. Nesse ponto, Gabriel Delanne, Léopold Dauvil, Charles Richet e outros ilustres estudiosos do Espiritismo na França simplesmente seguiram as pegadas de Sausse.

Não obstante os depoimentos acima, pairam sérias dúvidas sobre o assunto em pauta.

Albert L. Caillet, por exemplo, que diz ter pessoalmente pesquisado essa delicada questão, frisa em sua obra "Manuel Bibliographique des Sciences Psychiques ou Occultes", que, embora Rivail tivesse "conhecimentos médicos incontestáveis", ele não se doutorara em Medicina, asserção esta partilhada por outros pesquisadores, inclusive André Moreil, cujo pronunciamento a respeito está assim expresso: "Que o jovem Rivail teve boa cultura humanista e grande desejo de instruir-se, não há dúvida. As "humanidades" bem como as "ciências" o interessavam de igual modo. (...) Mas daí a afirmar que ele estudou medicina e defendeu tese, isso nos parece duvidoso." (Ob. cit., p. 80.)

Como já o esclareceu o artigo — "Kardec teria sido médico?", publicado em "Reformador" de março de 1958 (90),

(90) Veja-se transcrição no APÊNDICE deste volume.

não apareceu, até hoje, nenhum documento que pelo menos prove haver Rivail freqüentado, como aluno ou mesmo como ouvinte, alguma Faculdade de Medicina, não existindo em seus escritos nenhuma nota ou referência que possa dirimir a questão. Jamais, em lugar algum, Rivail-Kardec se disse formado em Medicina, jamais antecedeu ao seu nome o título de Doutor. Apenas lembraria, mais tarde (“Revue Spirite”, 1859, p. 145), haver realizado “estudos especiais de Anatomia”, acrescentando ter tido *a honra* de ensinar não só essa matéria, que também ciências físicas e naturais.

Seja como for, uma coisa é certa: ele veio a ser um dos maiores “médicos da alma” no século passado, abrindo novos horizontes à compreensão do complexo mente-corpo e suas inter-relações no espaço e no tempo. Sabendo que o fator psíquico-emocional participa de todas as enfermidades, pôs ao alcance das criaturas humanas o remédio que efetivamente cura, pelas vidas sucessivas afora, os males físicos e espirituais.

32 — Rivail maçom?

Querem alguns biógrafos que Rivail pertenceu à franco-maçonaria, “ainda que nenhum traço de sua iniciação tenha sido descoberto”, conforme ressaltou Jean Vartier. Tudo porque na sua obra espírita se encontram termos e expressões maçônicas, como “grande Arquiteto” (que é imitação de Platão), e, mais amiúde, “tolerância”, “liberdade”, “igualdade”, “solidariedade”, etc.

Com esse raciocínio, ninguém deixaria de ser maçom, inclusive o nosso Padre Antônio Vieira, que igualmente usou, no século XVII, a expressão “supremo Arquiteto” como sinônimo de Deus.

Consideramos, assim, bastante insuficientes essas alegações, e mais: se na França daquela época todo mundo era maçom (91), logicamente se achavam muito disseminadas a linguagem e as idéias maçônicas. E Rivail, como é natural e compreensível, poderia ou deveria ter sofrido a influência do pensamento maçônico.

Parece que a primeira pessoa a maçonzar Rivail teria sido Mme. Claude Varèze, em sua obra “Les Grands Illuminés” (Paris, 1948), e foi mais longe: afirmou que ele se iniciara na maçonaria martinista por intermédio do lionês Jean-Baptiste Willermoz (1730-1824), discípulo do fundador Martinès de Pasqually (1727-1774). Este místico, filho de gentil-homem francês de origem portuguesa, nascido em Grenoble, teve também outros seguidores ilustres, como Louis-Claude de Saint-Martin. Nas lojas martinesistas, os maçons altamente gra-

(91) *André Moreil*, ob. cit., p. 95.

duados se punham em comunicação com os seres invisíveis, que, no entender deles, não eram senão os chamados anjos das igrejas.

Willermoz mantivera correspondência epistolar com Pasqually, Joseph de Maistre, Saint-Germain, Cagliostro, Savalette



L.-C. de Saint-Martin
(1743-1803)

de Lange e outros notáveis místicos e ocultistas da época. Segundo René Le Forestier (92), Willermoz “foi um desses magnetizadores espiritualistas que acreditaram encontrar no sonambulismo provocado o meio de comunicação com o mundo

(92) *René Le Forestier*: “La Franc-Maçonnerie Templière et Occultiste aux XVIIIe et XIXe siècles”, publié par Antoine Faivre (Aubier-Montaigne, Paris VIe, et Éditions Nauwelaerts, Louvain), 1970, p. 277.

supra-sensível". Realizavam-se nas lojas martinistas e willermozistas, em salas convenientemente preparadas, verdadeiras sessões espíritas, nas quais manifestações físicas e inteligentes do Além coroavam as reuniões dos irmãos "eleitos".

Em razão, talvez, de tudo o que expomos é que Mme. Claude Varêze se adiantara em estabelecer uma ligação entre Rivail e Willermoz, ligação que Jean Vartier contrariava frontalmente, demonstrando a sua inaceitabilidade (93) e reconhecendo na autora excesso de imaginação. Todavia, Vartier não acha improvável que Rivail tenha tido formação maçônica, e pergunta se ele não teria sido obscuro irmão de uma loja ao mesmo tempo deísta e iluminista (94), ressaltando, no entanto, como o faz A. Moreil, que o ilustre pedagogo francês renunciara aos formalismos e simbolismos e a todo o aspecto ritual e secreto da maçonaria.

Recentemente, o fascículo 58 da coleção "As Grandes Religiões", publicada por Abril Cultural S. A., de S. Paulo, registou na margem da página 916 que Rivail, antes de vir a ser o Codificador do Espiritismo, pertencera à Grande Loja Escocesa de Paris. O ilustre confrade Dr. Canuto Abreu investigou o assunto e foi informado de que o autor daquela nota é o Prof. Dr. G. Mândelo, da Universidade de Turim (Itália), especialista em história de religiões e seitas. O referido fascículo chegou a estampar, em página inteira, os paramentos maçônicos que Rivail teria usado (?), fotografados, segundo a mesma publicação, na Sociedade dos Direitos Humanos, de Paris.

A nosso ver, porém, e escudados na longa e afanosa pesquisa que fizemos, inclusive nas coleções da "Revue Spirite", apenas existiu, entre Rivail e maçonaria, afinidade de princípios e ideais, sem jamais haver ele ingressado em loja alguma. É certo que sempre viu com simpatia a franco-maçonaria, mas isto não implica nem prova qualquer adesão oficial da parte dele.

Amigos maçons, alguns íntimos, ele os teve, antes e depois de codificar a Doutrina Espírita. A "Revue Spirite" de 1881, p. 101, cita, por exemplo, o nome de J. P. Mazaroz, autor de várias obras sobre a franco-maçonaria e cuja grande preocupação fora a reivindicação dos direitos do trabalhador.

Em 25 de fevereiro de 1864, estando presentes na Sociedade Espírita de Paris vários maçons estrangeiros (inclusive maçons

(93) *Jean Vartier*, ob. cit., pp. 114 a 116 e 151.

(94) *Id.*, *ib.*, p. 35.

espíritas), Rivail (Kardec) pergunta aos Espíritos acerca da cooperação que o Espiritismo pode encontrar na franco-maçonaria. Em três mensagens recebidas por médiuns diferentes, foi-lhe respondido que a doutrina espírita pode perfeitamente vincular-se às das grandes lojas do Oriente, e vice-versa, exatamente porque o Espiritismo realiza todas as aspirações generosas e caritativas da maçonaria, porque ele sanciona as crenças por ela professadas, fornecendo provas insofismáveis da imortalidade da alma, e, afinal, porque ele conduz a Humanidade ao mesmo fim que ela (maçonaria) se propõe: a união, a paz, a fraternidade universal, pela fé em Deus e no porvir (95).

Na verdade, as relações entre espíritas e maçons sempre foram as melhores possíveis, tanto assim que, em 1889, a abertura do Congresso Espírita e Espiritualista Internacional, em Paris, se deu precisamente no salão de festas do Grande Oriente da França, onde Jules Lermina foi empossado como presidente do mesmo Congresso.

(95) "Revue Spirite", 1864, pp. 123/28.

33 — Rivail e o teatro

Houve em Paris — esclarecem dicionários e enciclopédias franceses — vários teatros com o nome de “Délassements-Comiques”. O primeiro, construído em 1785, no *boulevard du Temple*, esquina do *faubourg du Temple*, funcionou com esse nome até cerca de 1804, com períodos de interrupção por vezes longos.

Em 1815, a célebre Mme. Saqui reabriu um dos teatros abandonados do *boulevard du Temple*, com espetáculos de acrobacia e de pantomimas-arlequinadas. Por volta de 1830, ela o passou às mãos de Dorsay, que ali representou o drama e o *vaudeville* (96) até 1840. Em 1841, Ferdinand Laloue e Edmond Triquery reconstruíram inteiramente o teatro, situado no *boulevard du Temple*, e reabriram a sala de espetáculos a 6 de outubro de 1841, sob o título renovado de “Théâtre des Délassements-Comiques”. A sala, elegante e de bom gosto, podia conter cerca de 1.200 pessoas. Ali se representavam dramas, comédias, *vaudevilles*, de preferência mágicas (97) e revistas.

(96) Só na atualidade, e no sentido antigo da designação, o *vaudeville* desceu a gênero de café-concerto ou de sala de variedades, com obras desprovidas de categoria artística e, muitas vezes, de duvidoso conteúdo moral. (Apud “Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira”, vol. 34.)

(97) Mágica (*féerie*, em francês): peça teatral considerada de grande espetáculo e que, em geral baseada sobre um tema maravilhoso, se presta, na sua exibição, a fantasiosas transformações cênicas, a rápidas mutações de cenários e imprevistos mecanismos. (Id., vol. 15.)

A F. Laloue sucederam, como diretores, Ducré (1842), Lajariette e, depois, Raimbeau, que se arruinou e teve que fechar o teatro em 1848. Émile Taigny, antigo ator do "Vaudeville", reabriu-o em 1849, mantendo-o em boas condições de funcionamento por algum tempo. Cedeu-o, em 1853, a um dentista chamado Jamet. Com a morte deste, o teatro foi dirigido por Hiltbrunner e, em seguida, por Léon Sari, que introduziu as chamadas "pièces à femmes" no repertório. Quando, em 1862, se processou a demolição do *boulevard du Temple*, o prédio

Théâtre des
"Délassements-Comiques"



onde funcionava o referido teatro desapareceu. Sari instalou o "Délassements-Comiques" à rua de Provence, onde cedo deixou de existir.

Em 1864 surgiu o "Théâtre des Nouveautés", cujo nome foi, pouco depois, mudado para "Théâtre des Délassements-Comiques". Teve existência efêmera. Em 1866, no *boulevard du Prince-Eugène* (posteriormente, Voltaire), construiu-se uma nova sala com o mesmo nome "Délassements-Comiques", a qual se incendiou em 1871.

A razão deste breve histórico em torno do mencionado teatro está no fato de que Rivail teria exercido ali as funções de "contrôleur" (98). Esta informação partiu do jornalista René du Merzer, que escrevia em "L'Illustration", famoso hebdo-

(98) Segundo os melhores dicionários da língua francesa, *contrôleur* é o funcionário encarregado de uma inspeção, de uma verificação administrativa; inspetor, verificador. O *contrôleur* do teatro é mais especificamente a pessoa que, geralmente postada à entrada, fiscaliza bilhetes e contramarcas, sendo que estas são

madário parisiense (99), e ela ganharia foros de verdade inconcussa na boca de cétricos e adversários do Espiritismo. Dentre eles, lembramos o nome do Dr. José Grasset, ilustre professor de Clínica Médica na Universidade de Montpellier, o qual, na nova edição (1904) de sua obra "Le Spiritisme devant la science", prefaciada por Pierre Janet, ao citar, na página 77, informação colhida em Jules Bois — de que Rivail, antes de se interessar pelas manifestações dos Espíritos, fora guarda-livros no jornal "L'Univers" —, não se esqueceu de também apresentá-lo como "vendedor de senhas" (*vendeur de contre-marques*).

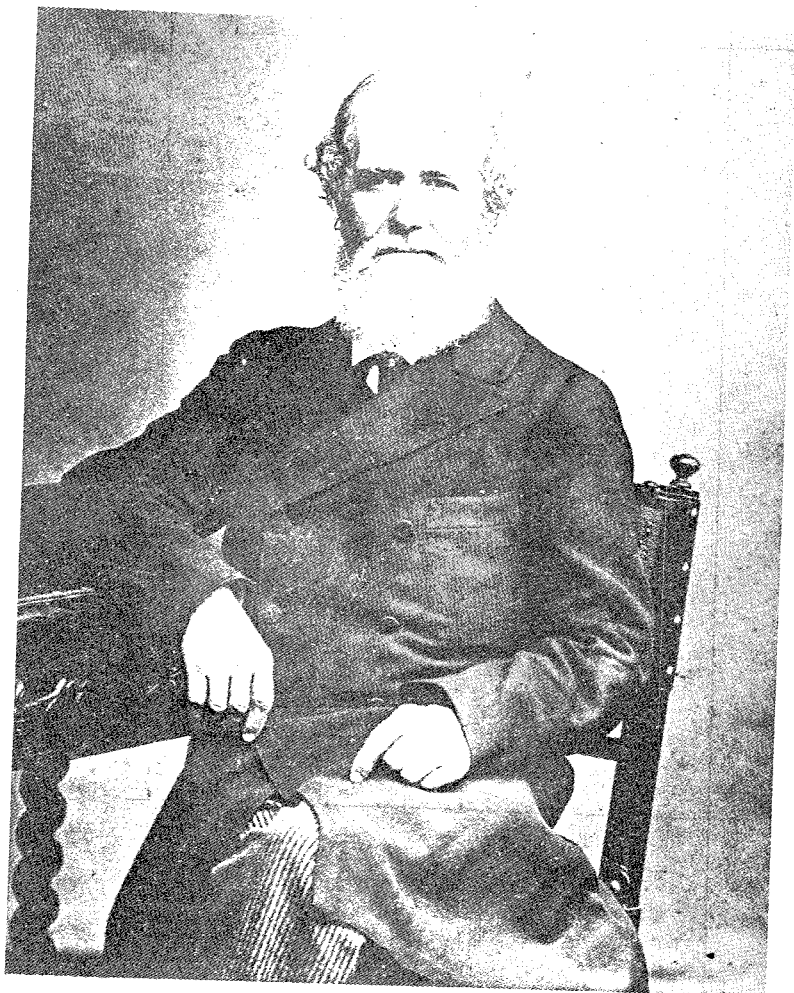
Era evidente o propósito do Dr. Grasset em depreciar a figura do Codificador do Espiritismo, e isto a Sra. Marina Leymarie, voz autorizada no meio espírita francês, não deixaria passar em brancas nuvens. Pela "Revue Spirite" de 1904, que então dirigia, ela manifestou na página 55 a sua repulsa, afirmando ser inteiramente falsa a última qualificação dada a Rivail, e acrescentou que este tinha sido por várias vezes, entre 1830 e 1858, membro de júri e que, sem dúvida, não escolheriam "vendedores de contramarcas" para desempenhar a função de jurados.

Num depoimento prestado perante a Justiça, em 1875 (100), por Pierre-Gaëtan Leymarie, que conheceu Kardec desde 1858, freqüentando-lhe até mesmo as sessões espíritas, há o desmentido formal aos que caluniosamente repetem que Rivail vendia contramarcas em teatros parisienses. Leymarie afirma peremptoriamente que isto é "um erro", e explica o que de fato sucedera na época: Rivail confiara a certo amigo, diretor de um teatro, parte de seus recursos. Prejuízos consideráveis havidos com o teatro deixaram o professor em apuros, obrigando-o a aceitar um emprego de guarda-livros nesse mesmo

fornecidas pelo próprio *contrôleur*. Poderíamos, em português, traduzir o vocábulo francês por fiscal ou inspetor, como se faria para "*contrôleur des douanes*", "*c. des contributions*", "*c. d'autobus*", "*c. des wagons-lits*", "*c. des chemins-de-fer*", etc.

(99) "L'Illustration", Journal Universel, Paris, 27e année, vol. LIII, samedi, 10 avril 1869, p. 237.

(100) "Procès des Spirites", édité par *Madame P.-G. Leymarie*, Paris, à la Librairie Spirite, 1875, p. 10. Esta obra foi reimpressa em 1976, em reprodução fotomecânica, pela Federação Espírita Brasileira, que igualmente publicou, em livro, um resumo em português — "Processo dos Espíritas" — feito por *Herminio C. Miranda*.



Pierre-Gaétan Leymarie
(1827-1901)

teatro. Emprego de guarda-livros, e não de *contrôleur*, como o dissera René du Merzer.

Prevendo o que mais tarde ainda assacariam contra a memória de Rivail-Kardec, P.-G. Leymarie finalizava aquele seu depoimento com estas palavras incisivas: "Ele sempre ganhou a vida muito honestamente" (*Il a toujours gagné très-honnêtement sa vie*).

Ao que tudo indica, inclusive pelas próprias palavras de René du Merzer, Rivail teria trabalhado para o "Théâtre des

Délassements-Comiques” após 1850. Seu voluntário afastamento do magistério também o deixara, nessa época, com uma fonte de renda a menos.

O modesto emprego de guarda-livros seria, assim, um “bico” ou biscate para equilibrar, provisoriamente, suas despesas, até que conseguisse coisa melhor, o que efetivamente aconteceu, como veremos adiante. É preciso lembrar que Rivail já ultrapassava a casa dos 45 anos.

Foram, assim, suas relações com gente de teatro que, de certa forma, o ajudaram naquela aflitiva contingência. Pelo menos, desde 1845 existia tal relacionamento. Sabemos que a 22 de dezembro de 1845 era apresentada em *première*, no “Théâtre des Délassements-Comiques”, uma comédia-vaudeville, em um ato de 13 cenas, de autoria de N. Gallois (101) e H. Rivail. Intitulava-se “*Une passion de salon*” e foi divulgada em folheto de 16 páginas. Tivemos oportunidade de ter entre as mãos esta brochura, editada em Le Mans, pela tipografia de Julien, Lanier et Cie., s. d., e se acha registada no tomo CLII, p. 758, do “Catalogue Général des livres imprimés de la Bibliothèque Nationale”. Essa curta incursão de Rivail nos domínios da arte teatral, talvez a primeira e única, não lhe modificara, em coisa alguma, a vida normal de professor, e, por um lustro ainda, ele continuaria a dedicar-se às atividades pedagógicas, com a publicação de novas e importantes obras nesse particular.

Esclarece René du Merzer, com algumas pitadas de ironia, que Rivail esteve pouco tempo no “Théâtre des Délassements-Comiques”, de onde saiu para trabalhar na livraria religiosa de Pélagaud e nos escritórios de “L’Univers”, influente folha católica fundada em 1836, e que tinha então como redator-chefe o talentoso jornalista Louis Veillot. Estes dois empregos, de guarda-livros, Rivail os teria ocupado por volta de 1853, pois, segundo o mesmo informante, “era a época em que as mesas girantes faziam girar as cabeças, em Paris”. E ao iniciar seus estudos sérios de Espiritismo, nas sessões com as senhoritas Baudin, em 1855, Rivail ainda tinha aqueles mesmos empregos, como se pode depreender do articulista de “L’Illustration”, conservando-os pelo menos até o final de 1857, consoante decla-

(101) Trata-se de Léonard Joseph Urbain Napoléon Gallois (1789-1851), publicista, jornalista e historiador francês, autor de algumas peças teatrais e de várias obras sobre a história política e militar da França.

ração do próprio Rivail (102), que voltaria ao assunto na "Revue Spirite" de junho de 1865: posteriormente a 57, ele se limitara apenas a "um modesto emprego", que abandonaria quando os trabalhos da doutrina espírita absorveram todo o seu tempo.

Assoalhado pelos detratores do Espiritismo, consta também que Rivail fora diretor do "Théâtre des Folies-Marigny", sem, contudo, mencionarem a época. Henri Sausse (ob. cit., página 23) refere-se, ao de leve, a esse episódio, escrevendo que um dramaturgo altamente despeitado fez Rivail passar por diretor de um teatro de mulheres (*théâtre à femmes*).

Não se levando em conta a evidente malícia do dramaturgo, o "Théâtre des Folies-Marigny", um dos menores e dos mais elegantes de Paris, situado na avenida dos Campos Elísios, *carré* Marigny, só bem mais tarde é que poderia ser chamado prosaicamente de "teatro de mulheres", e nessa ocasião Rivail já estava empenhado em coisas muito mais importantes para a Humanidade.

Esse teatro, a princípio um simples pavilhão, foi construído por um prestidigitador chamado Lacaze, pouco tempo depois da revolução de 1848, segundo o "Grand Dictionnaire Universel du XIX^e Siècle", ou por volta de 1850, conforme escreve P. A. Touchard (103). Espetáculos de fantasmagoria, de prestidigitação e de física recreativa (*physique amusante*) eram ali exibidos. Com o passar do tempo o movimento caiu, e a sala ficaria desocupada. Em 1855, Jacques Offenbach transformou a sala Lacaze em teatrículo lírico, com o nome de Bouffes-Parisiens. Fechado em 1856, Deburau filho reabriu-o em 1858, e surgiu, assim, o Teatro Deburau, onde era representada a pantomima e a opereta. De mãos em mãos, fechando e reabrindo, só em 1862 (1864?) essa casa, sob a direção de Montrouge, ganhou o seu nome definitivo de "Théâtre des Folies-Marigny", nome que ela conservou até 1869. Aí se levava à cena o vaudeville e a opereta, não faltando, nos últimos anos, as revistas e as "pièces à femmes".

Se Denizard Rivail exerceu alguma função ou cargo nesse teatro, não o foi como diretor ou gerente, e sua passagem por ali poderia ter-se dado na sala Lacaze, quando o respeitável discípulo de Pestalozzi não mais se dedicava a trabalhos peda-

(102) Allan Kardec: "Obras Póstumas", 13^a ed. FEB, p. 293, in "A Revista Espírita".

(103) Pierre Aimé Touchard: "Grandes Heures de Théâtre à Paris", Librairie Académique Perrin, Paris, 1965, p. 391.

gógicos. Mesmo que se considerasse fora de toda a dúvida a participação ativa de Rivail no "Théâtre des Folies-Marigny" ou em qualquer outro, isto não lhe terá alterado um til sequer no caráter e na reta conduta. E ante as insinuações maldosas de alguns antiespíritas, tecidas em torno do caso, André Moreil chegou a comentar, com muito acerto: "Como se esse episódio, sem significação alguma para a formação intelectual e humana de Denizard Rivail, tivesse a mínima importância na fundação do espiritismo científico."

Da mesma forma que muitos outros fatos ligados à vida de Rivail, também aqui, no que diz respeito às relações dele com o teatro, os dados informativos são raros e obscuros.

34 — No Teatro Odéon

Logo no limiar dos seus estudos espíritas, Rivail conheceu aquele que seria um dos mais famosos dramaturgos franceses, Victorien Sardou (104). O encontro entre os dois se deu na casa do Sr. Roustan, situada na rua Tiquetonne n° 14, onde a Srta. Japhet recebia excelentes comunicações mediúnicas.

Sardou tornou-se grande amigo de Rivail e, pouco mais tarde, revelava-se como médium, de que deram mostra os desenhos estampados na "Revue Spirite" de 1858. Não é improvável que, por intermédio de Sardou, as relações do professor com gente de teatro se ampliassem. Isso em nada desprestigiaria nem desmereceria o caráter adamantino do futuro Codificador do Espiritismo, que permanece impoluto pelos tempos afora.

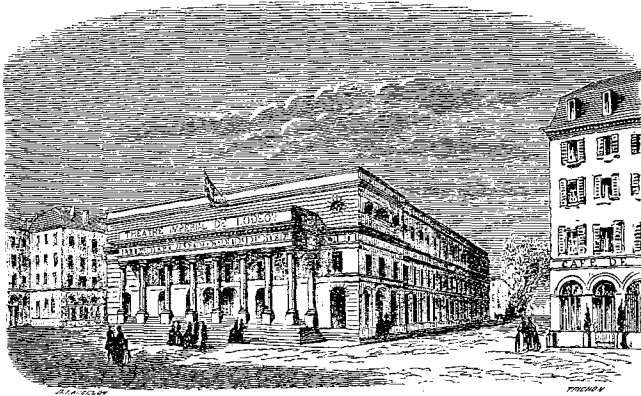
Desde a sua primeira mocidade, Rivail apreciava os espetáculos teatrais nos quais houvesse o espírito filosófico e moral. Em 1862 lembrou o enredo de curiosa peça a que assistira, em Paris, cerca de quarenta anos atrás, ou seja, por volta de 1822 (105). Em apenas um ato, a peça se intitulava "Les Ephémères" e fora representada no célebre Teatro Odéon, de Paris. Esta casa de espetáculos teve suas origens em 1782, quando começou a funcionar sob o nome de Teatro Francês (*Théâtre-Français*). Só em 1797 recebeu a denominação de

(104) *Zéus Wantuil*: "As Mesas Girantes e o Espiritismo", 2ª ed. (1978), FEB, p. 55.

(105) "Revue Spirite", julho de 1862, p. 198. Quanto à presença de Rivail na capital francesa, em 1822, releia-se o capítulo 12, na página 78 deste volume.

Théâtre Odéon. Dois incêndios o consumiram nos anos de 1799 e 1818, voltando a reabrir em 1819.

Embora Rivail houvesse assistido à referida peça em tão recuado tempo, não na esqueceu jamais, pois retrata, segundo ele, “o quadro da vida humana visto do alto”. “A cena se passa no país dos Efêmeros, cujos habitantes só vivem vinte e quatro horas. No espaço de um ato, vemo-los passar do berço à adolescência, à mocidade, à maturidade, à velhice, à decrepitude



Théâtre Odéon

e à morte.” Nesse meio tempo se realizam todos os atos da vida, em prodigiosa rapidez, o que não impede a eclosão de intrigas, de ambições desmedidas e da inveja, com todas as suas conseqüências desastrosas. Com essa peça, explica Rivail, o espectador é levado a refletir sobre a incompreensão e a tolice daqueles habitantes que tanto mal faziam entre si em tão pouco tempo de vida, ao invés de procurarem viver felizes, em harmonia e paz, sem os antagonismos gerados pelo egoísmo e pelo orgulho.

35 — Diplomas e recompensas

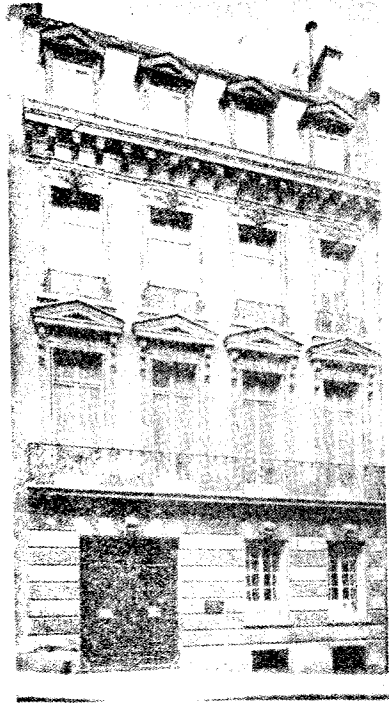
Veza por outra, Rivail apunha ao seu nome alguns dos títulos que lhe ilustraram a carreira magisterial. No “Plan proposé pour l'amélioration (...)”, de 1828, ele apenas lembra sua condição de “membro de várias sociedades sábias” sem, contudo, nomeá-las. Em seu “Discours prononcé à la distribution des prix du 14 août 1834”, declara-se “membro da academia de indústria” (*académie d'industrie*). É, entretanto, no “Projet de réforme concernant les examens (...)”, publicado em 1847, que Rivail alinha maior número de títulos: “membro da Academia Real das Ciências de Arrás, do Instituto Histórico, da Sociedade das Ciências Naturais de França, etc.”

Fundada por Jean Meyer em 1923, à rua Copernic, 8, em Paris, a “Maison des Spirités” conservava em seus arquivos, além de relíquias, retratos e preciosos documentos referentes a Kardec e a outros ilustres espíritas franceses, um dossiê com os títulos (diplomas e recompensas) outorgados ao Prof. Rivail. Este dossiê e boa parte do resto desapareceram, pilhados pelos nazistas durante a ocupação alemã, na Segunda Guerra Mundial (106).

Membro efetivo e correspondente de muitas associações culturais e de caráter econômico, *sociedades sábias* (107) em

(106) “La Revue Spirite”, 1954, pp. 167/8.

(107) *Sociétés savantes* — eram assim chamadas as associações livremente formadas, mas aprovadas pela administração prefeitoral, muitas delas posteriormente reconhecidas de utilidade pública, e que tinham por mira levar adiante tais e tais estudos, desenvolver tais e tais ciências, favorecer tais e tais artes, fomentar



Maison des Spirites
(Rua Copernic, 8, Paris)

sua maioria, Rivail evidenciou o interesse que tinha pelos mais variados assuntos que dizem respeito ao progresso de uma nação. Nas referidas sociedades, todos os membros, exceto os honorários, pagavam uma cota, mensal ou anual, estipulada pelos estatutos.

Relacionamos, a seguir, os principais diplomas que lhe foram concedidos no decorrer de sua existência como institutor e “chef d’institution” da academia de Paris:

1) Diploma de membro residente da Sociedade Gramatical (*Société grammaticale*), concedido em 1829. Foi fundada, em Paris, por François-Urbain Domergue, notável professor e gramático francês, membro do Instituto desde a sua organização, em 1795.

tais e tais indústrias, objetivos geralmente indicados pelo próprio título da sociedade ou determinados pelos seus estatutos.

Em 1793, todas as antigas academias haviam sido extintas. Formaram-se, então, várias sociedades científicas e literárias, compostas de estudiosos, de ilustres filantropos e de alguns ex-acadêmicos. É assim que surgiu, em 27 de outubro 1807, a Academia Gramatical. Colegas e ex-alunos de Domergue, “chefs d’institution” a maioria, bem assim filólogos de reconhecido saber, uniram-se a ele naquela empresa. Domergue presidiu-a até 1810, ano do seu decesso.

Em 1816, Luís XVIII restabelece o nome de academia para as diversas classes do Instituto. Os membros da Academia Gramatical resolveram, de comum acordo, abandonar esse título, substituindo-o pelo título mais modesto de *Sociedade Gramatical*. Pelo artigo primeiro do seu regulamento, ela se ocupava da gramática geral e da gramática particular, e se dedicava principalmente a resolver as dificuldades da língua francesa. Ao “Journal de la langue française”, redigido por Domergue, e que veiculava as atividades da Sociedade, sucedeu o “Journal grammatical”. A este seguiram-se, depois, outros periódicos. Em 1830, uma deputação da Sociedade foi recebida pelo rei Luís Filipe, que mostrava interesse pelos trabalhos ali realizados. Com reais serviços prestados ao ensino, a Sociedade Gramatical existia ainda em 1846 (108), ano em que era seu presidente o Prof. Lévi-Alvarès, cujas ligações com Rivail já foram por nós comentadas.

2) Diploma de “membro” da Sociedade para a Instrução Elementar (*Société pour l’instruction élémentaire*), expedido em 1847, quando era secretário geral Lázaro Hipólito Carnot, presidente em 1848. Em 16 de junho de 1815, por iniciativa de Lasteyrie, Alexandre de Laborde, o abade Gaultier, De Gérando, João Batista Say, Jomard, etc., realizou-se em Paris a primeira assembléia geral da Sociedade para a melhoria do ensino elementar, cuja fundação definitiva se deu no dia seguinte. As sessões de 18 de junho e 14 de julho foram consagradas à formação da Sociedade, que teve por primeiro presidente De Gérando.

(108) “Annuaire des sociétés savantes de la France et de l’étranger”, publié sous les auspices du Ministère de l’Instruction Publique. — Première année, 1846, Paris, Victor Masson, 1846, p. 235.

A Sociedade prestou assinalados serviços à causa da educação popular, tendo contado entre seus membros as mais destacadas personalidades, francesas e estrangeiras, ligadas à instrução e à educação, inclusive Pestalozzi, membro correspondente. De acordo com os seus estatutos, a Sociedade também se propunha fundar escolas, editar obras de ensino, conceder medalhas e prêmios. Tinha como órgão o "Journal d'éducation populaire". Era favorável ao ensino primário obrigatório, que teve em Jomard um ardoroso propagandista. Este homem de ciência foi, durante 47 anos, uma das mais vivas personificações da referida Sociedade.

3) Diploma de membro fundador da Sociedade de Previdência dos Diretores de Instituições e Pensões de Paris (*Société de prévoyance des chefs d'institution et des maîtres-de-pension de Paris*). Constituída em 1829 por 41 diretores de instituições e pensionatos da capital francesa, entre os quais figuravam, além de Rivail, os nomes de Pelassy de l'Ousle, Massin, Barbet, Bourdon, Chastagner, Landry, De Lanneau, Loriol, Muron, Favard, Dupras, Jubé, etc., a Sociedade destinava-se a socorrer os membros dessa classe, quando estivessem necessitados financeiramente, quer por velhice, quer por doença ou outra infelicidade momentânea.

4) Diploma da Sociedade de Educação Nacional (*Société d'éducation nationale*), constituída por diretores de instituições e pensões de toda a França e até mesmo das colônias. Abraçou um campo de atividades muito vasto. Organizada em 1º de janeiro de 1831, em substituição à Sociedade de Previdência de Paris. Cessou de existir em 1843, mas logo renasceu, nesse mesmo ano, com o nome de "Société des chefs d'institution", que ganhou existência oficial em 1847.

5) Diploma do Instituto de Línguas (*Institut des langues*), fundado em 1837, com sede em Paris. Presidente: Conde Lepeletier d'Aunay, que em 1834 foi vice-presidente da Terceira Classe (História das Línguas e das Literaturas) do Instituto Histórico, no qual, ainda em 1846, continuava como membro residente (*membre résidant*). Existiram, na mesma época, três condes com o nome de família *Lepeletier d'Aunay*, conforme o regista o tomo XCV do Catálogo Geral da Biblioteca Nacional, de Paris. Não sabemos qual deles fundou o "Institut des langues".

6) Diploma da Sociedade das Ciências Naturais de França (*Société des sciences naturelles de France*), em 1835, quando presidente o sábio naturalista Geoffroy Saint-Hilaire.

7) Diploma de membro correspondente da Sociedade Real de Emulação, de Agricultura, Ciências, Letras e Artes do Departamento do Ain (*Société royale d'émulation, d'agriculture, sciences, lettres et arts du département de l'Ain*), outorgado a Rivail em 1828. Estabelecida em Bourg, e uma das mais antigas da França, a referida Sociedade foi reconstituída em 1801 por decreto consular, quando então tomou o título e o caráter de Sociedade departamental. Reconhecida por decreto de Luís Filipe, em 18 de outubro de 1829, ela passou a gozar das prerrogativas associadas ao título de "Sociedade Real".

Os estudos dessa entidade abrangiam as ciências, as letras e as artes, mais especialmente a agricultura, sem descurar as questões de utilidade pública e local. Possuía museu, biblioteca e uma fazenda experimental (109).

8) Diploma de membro da Sociedade Promotora da Indústria Nacional (*Société d'encouragement pour l'industrie nationale*), fundada em Paris, em 1789, e reorganizada em 1802 por vários homens de ciência e filantropos, como Berthollet, Brillat-Savarin, Delessert, Chaptal, de Gérando, de Lasteyrie, Montmorency, José Montgolfier, Jomard, etc., etc. Reconhecida de utilidade pública pelo decreto real (*ordonnance royale*) de 21 de abril de 1824.

Contribuindo para fomentar todos os ramos da indústria francesa, com a distribuição de prêmios aos melhores trabalhos escritos, a Sociedade contou em seu seio a elite dos espíritos esclarecidos e liberais do Primeiro Império. Durante cerca de três quartos de século, ligou o seu nome a quase todas as conquistas industriais de que a França se enriqueceu. Publicava um "Boletim" mensal, que acompanhou *pari passu* toda a existência da Sociedade.

9) Diploma de membro titular da Sociedade Francesa de Estatística Universal (*Société française de statistique universelle*), criada em Paris, aos 22 de novembro de 1829, com o concurso de ilustres figuras da época e dos homens mais re-

(109) "Annuaire des sociétés savantes de la France (...)", 1846, p. 363.

comendáveis. Foi seu principal fundador o economista francês César Moreau, notável estatístico, vice-cônsul em Londres, sob a Restauração, membro da Sociedade Real de Londres, do Instituto da Grã-Bretanha, da Sociedade de Geografia de Paris, do Instituto Histórico, etc.

Desde a sua origem, a Sociedade fora aprovada pelo Ministério, e, depois de 1830, pelo rei Luís Filipe, que dela se tornou protetor. Segundo os estatutos, o fim da Sociedade era contribuir para o progresso da estatística geral, que, em suas vastas aplicações, abarca todos os ramos dos conhecimentos humanos. Estimulava os estudos estatísticos através de prêmios e medalhas, publicando num Boletim os trabalhos considerados mais importantes.

10) Diploma de membro titular da Academia da Indústria Agrícola, Manufatureira e Comercial (*Académie de l'industrie agricole, manufacturière et commerciale*), da qual César Moreau foi um dos principais fundadores. Desde o seu estabelecimento, em Paris, aos 26 de dezembro de 1830 (110), foi honrada com a proteção do rei e a aprovação do Ministério. O objetivo da Academia era favorecer a agricultura, as manufaturas e o comércio, promovendo, acima de tudo, os interesses industriais do país. Realizou exposições anuais, muito concorridas, na *orangerie* do palácio das Tulherias (111). Tinha suas publicações mensais e uma vez por ano concedia prêmios aos industriais que mais se destacassem. A Sociedade era abreviadamente conhecida por "Académie de l'industrie". Embora uma das obras de Rivail, já por nós mencionada, escreva "académie d'industrie", o certo é mesmo "Académie de l'industrie", conforme o regista "La France Littéraire", de J.-M. Quérard, nos tomos VIII (1836) e XII (1859-64), respectivamente nas páginas 57 e 456.

11) Diploma de membro titular do Instituto Histórico (*Institut historique*), fundado em Paris, a 24 de dezembro de 1833, e autorizado pela portaria do Ministro do Interior, de 6 de abril de 1834. Efetuou a sua primeira sessão geral em 23 de

(110) "La France Littéraire, ou (...)", por J.-M. Quérard, tomo sexto, Paris, 1834, p. 295; "La Littérature Française Contemporaine", tomo V, Paris, 1854, por Félix Bourquelot e Alfred Maury, p. 460.

(111) "Annuaire des sociétés savantes de la France et (...)", 1846, p. 257.

março de 1834, sob a presidência de José Francisco Michaud, da Academia Francesa. O Instituto aplicava-se a promover, orientar e difundir os estudos históricos na França e no estrangeiro, sob os mais diferentes aspectos, abrangendo, nas suas seis classes, todas as facetas da atividade humana que têm conexão com a ciência histórica. Foi seu órgão de imprensa o "Journal de l'Institut Historique". Publicava também o *Investigateur*, folha mensal.

Na relação dos membros componentes do Instituto, datada de 31 de dezembro de 1834, entre os nomes mais representativos da cultura francesa, bem assim alguns do estrangeiro, inclusive do Brasil, já figurava o de H. L. D. Rivail como membro titular da Quarta Classe (História das Ciências Físicas e Matemáticas), cujo presidente era então o Cel. Bory de Saint-Vincent, da Academia de Ciências, tendo por vice-presidente J. Bouillaud, da Academia de Medicina, professor na Faculdade (112). Eram titulares, segundo os estatutos, os associados que residiam em Paris e cooperavam nos trabalhos do Instituto.

Em 1845, último ano que nos foi possível apurar, Rivail continuava como membro da mesma classe, então transformada em Terceira e com designação mais extensa: História das Ciências Físicas, Matemáticas, Sociais e Filosóficas (113). Nessa mesma época, Lévi-Alvarès figurava como membro da Primeira Classe (História Geral e História da França). D. Pedro II, imperador do Brasil, foi um dos membros protetores do Instituto Histórico.

12) Diploma de membro da Academia de Arrás, concedido a Rivail em 1831, pela sua vitória num concurso sobre ensino e educação, promovido pela mesma Academia. A senhora Marina Leymarie (114) faz menção de uma medalha de ouro com que ele também fora premiado.

A referida Academia, cuja existência remonta ao ano de 1737, recebeu em 1773 o título de *Académie royale des belles-lettres*. O decreto da Convenção, que suprimiu todas as "sociedades sábias", atingiu igualmente a Academia real de Arrás. Em 1817 foi restabelecida a antiga Academia, agora sob a

(112) "Journal de l'Institut Historique", tome premier, première année, Paris, à l'Administration de l'Institut Historique, 1834, p. 319.

(113) "Annuaire des sociétés savantes (...)", 1846, p. 269.

(114) "Revue Spirite", 1904, p. 54.

denominação de *Société royale d'Arras pour l'encouragement des sciences, des lettres et des arts*, simplificada por *Société royale d'Arras*.

Em 1831, essa "société savante" do Departamento de Pas-de-Calais passou a aparecer com o título: *Académie d'Arras, société royale des sciences, des lettres et des arts*, e pelo menos durante uma década (até onde nos foi possível pesquisar) as suas memórias saíram publicadas com o mesmo título acima.

A sociedade em pauta tinha por fim fomentar o cultivo das ciências, das letras e das artes, incentivar a emulação, despertar a atenção dos estudiosos para as questões que interessavam mais particularmente à França, etc. Todos os anos propunha a distribuição de prêmios para questões de utilidade pública, de moral, de economia social, de história ou de arqueologia, e para peças de eloquência e de poesia. Esses prêmios consistiam em medalhas de ouro, e, se a obra digna de recompensa apresentasse defeitos, às vezes a Academia concedia ao autor apenas menção honrosa. Composta de membros residentes em número fixo, a Academia tinha ilimitado número de membros honorários e correspondentes.

36 — Secretário da Sociedade Frenológica de Paris?

Segundo informa Anna Blackwell, no prefácio à sua tradução inglesa de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, o Prof. Denizard Rivail foi por vários anos secretário da Sociedade Frenológica de Paris (*Société phrénologique de Paris*). Esta “société savante” parece ter sido fundada em 1831, e se reunia na segunda e na quarta terça-feira de cada mês, na casa do Sr. Appert, no *quai d’Orsay*, n° 3. Seu vice-presidente era então o Sr. Emmanuel de Las Cases, membro da Câmara dos Deputados. Os interesses dessa sociedade estendiam-se às coisas do ensino, e tanto é verdade que em 1837 era publicada uma comunicação que ali fora feita quanto ao método de ensino usado pelo Cel. Raucourt, sendo presidente, na ocasião, o Prof. Francisco Broussais, da Academia de Medicina, apaixonado seguidor da teoria de Francisco José Gall acerca das chamadas bossas cranianas e suas relações com as faculdades intelectuais, afetivas e instintivas.

É bem possível tenha ocorrido a participação do Prof. Rivail na referida sociedade, pois ele possuía suficientes conhecimentos de anatomia e fisiologia, matérias que lecionou. E mais tarde, na *Revue Spirite* de 1860 e 1862, analisaria, com plena ciência do assunto, a teoria frenológica, precursora do estudo das localizações cerebrais, pondo em relevo a posição dos frenologistas espiritualistas (pois os havia materialistas), que associavam a alma com a morfologia cerebral, ou seja, em outros termos: os órgãos não são senão os instrumentos da manifestação das faculdades da alma, e o pensamento é atributo da alma e não do cérebro.

Homens de alto valor aceitaram a doutrina frenológica de Gall e a ela se juntariam as concepções do fisiognomista João

Gaspar Lavater. Mais tarde, César Lombroso retomaria essas investigações, aplicando-as ao estudo dos loucos e dos criminosos, e criaria, assim, a Antropologia Criminal.

Modificada e afeiçoada por seus continuadores, inclusive por Broussais, acima citado, a doutrina de Gall "estabeleceu os princípios de um materialismo muito grosseiro e de um indubitável fatalismo. Virtudes e vícios dependeriam, apenas, da fatal



Franz Josef Gall
(1758-1828)

forma craniana. Todavia, Gall, por si, não admitia tal fatalismo e materialismo. Essa foi, mesmo, uma das feições mais curiosas e discutidas do seu espírito".

Mesmo que Rivail tenha feito parte da Sociedade Frenológica de Paris, sem dúvida não aceitava o pensamento como um produto do cérebro, conforme o demonstram estes tópicos de sua autoria.

"Das relações existentes entre o desenvolvimento do cérebro e o de certas faculdades deve-se concluir não que os órgãos cerebrais sejam a fonte das faculdades, mas, sim, que o desenvolvimento em tal ou qual parte do cérebro é o resultado do desenvolvimento da faculdade à qual essa parte serve de órgão. (...) Há casos em que a influência do organismo sobre a manifestação do pensamento é incontestável. Isto acontece porque o órgão que servia às manifestações do pensamento ficou alterado; contudo, o pensamento não deixa de existir, e ele retorna se for restabelecido o seu instrumento de manifestação."

37 — Fertilidade pedagógica

Não temos a pretensão de dizer que na relação abaixo se acham todas as obras subscritas por H. L. D. Rivail, algumas das quais tiveram perto de uma dezena de edições. Não se falando de suas traduções inéditas, acreditamos que outras produções tenham sido publicadas, quicá não inscritas em obras bibliográficas ou nos catálogos de biblioteca e de livraria. Cumpre mesmo lembrar que o Dr. S. Canuto Abreu, douto confrade de S. Paulo, em seu trabalho intitulado "O Livro dos Espíritos e sua tradição histórica e lendária" (115), arrolou algumas obras didáticas por nós não relacionadas (116), das quais ele provavelmente se informara em Paris, quando de sua estada naquela cidade. André Moreil cita o "Questionnaire grammatical, littéraire et philosophique" como tendo sido escrito por Rivail "em colaboração com Lévy-Alvarès". Todavia, o que pudemos averiguar é que este "Questionnaire", de 252 páginas in-12, publicado em 1843, está registado como de autoria exclusiva de D. Lévi (Alvarès). Assim o faz, por exemplo, o tomo 97 do Catálogo da Biblioteca Nacional de Paris.

(115) "Unificação", órgão da "União das Sociedades Espíritas do Estado de S. Paulo", São Paulo, fevereiro de 1954, p. 4.

(116) Entre elas: "Aritmética do 1º Grau", 1824; "Plano de uma Escola Graduada, segundo o método Pestalozzi", 1825; "Aritmética do 2º Grau", 1829; "Aritmética do 3º Grau", 1830; "Manual de Geografia, para Professores", 1833; "Instrução Prática para Concursos Públicos", 3 vols., 1845-1847.

Apresentamos, logo adiante, o nosso pequeno esforço, relativamente às obras de H. L. D. Rivail, compilado dos seguintes livros, entre outros:

“*La France Littéraire, ou Dictionnaire Bibliographique des savants, historiens et gens de lettres da la France*”, por J.-M. Quérard, Paris, tomo VIII (1836), pp. 57 e 58; tomo XII (século XIX, tomo 2º), Paris, 1859-64, pp. 456 a 458.

“*La Littérature Française Contemporaine*” (1827-1849), continuação de “*La France Littéraire*”, por Félix Bourquelot, tomo VI, Paris, 1857, p. 194.

“*Catalogue Général de la Librairie Française, pendant 25 ans (1840-1865)*”, redigido por Otto Lorenz, Livreiro, Paris, tomo III, 1869, p. 277; tomo IV, 1871, pp. 240/41.

“*Bibliographie de la France, ou Journal Général de l’Imprimerie et de la Librairie [et des cartes géographiques, gravures, — lithographies, — oeuvres de musique]*”, Pillet-aîné, imprimeur-libraire, rue Christine, n° 5, Paris. Consultadas as coleções de 1819 a 1854.

“*Catalogue Général des Livres Imprimés de la Bibliothèque Nationale (Auteurs)*”, Imprimerie Nationale, Paris, MDCCCC, tomo II, colunas 319 a 327.

I) *Curso Prático e Teórico de Aritmética* (Cours pratique et théorique d’arithmétique), segundo o método de Pestalozzi, com modificações, encerrando exercícios de cálculo mental (*calcul de tête*) para todas as idades; um grande número de aplicações; questões teóricas acerca das diversas partes da aritmética, e que podem fazer as vezes de exame; uma tábua de redução das moedas estrangeiras em moedas francesas; uma teoria dos logaritmos, etc., etc. Obra igualmente própria para os institutores e para as mães de família que desejem dar a seus filhos as primeiras noções dessa ciência, e na qual nada foi omitido de tudo aquilo que pudesse exprimir a utilidade mais geral. Por H.-L.-D. Rivail, discípulo de Pestalozzi. Dois volumes in-12, total de 624 páginas, mais 3 tábuas. Imp. de Pillet-aîné, Paris, 1824. — Em Paris, com Pillet-aîné; II) a mesma obra, sob o título: *Curso Completo Teórico e Prático de Aritmética* (Cours complet théorique et pratique d’arithmétique), em continuação ao “Curso de cálculo mental, etc”. Compreendendo perto de três mil exercícios e problemas graduados; o único que contém o método adotado no comércio e nos bancos para o cálculo dos juros. Por H.-L.-D. Rivail. Terceira edição, 1845. In-12, de 336 pp. Imp. de Pillet-aîné, Paris. — Em Paris, com Pillet-aîné, rue des Grands-Augustins, 7; com Bachelier, com Maire-Nyon, com Roret. (A quarta edição, com o mesmo número de páginas,

apareceu em maio de 1847.); III) *Escola de Primeiro Grau* (École de premier degré), fundada e dirigida por H.-L.-D. Rivail. In-4°, de 8 pp., mais a capa. Imp. de Pillet-ainé, Paris, 1825; IV) *Plano Proposto para a Melhoria da Educação Pública* (Plan proposé pour l'amélioration de l'éducation publique). Por H.-L.-D. Rivail, discípulo de Pestalozzi. In-8°, de 56 pp. Imp. de Tastu, Paris, 1828. — Em Paris, com Dentu, e com o autor, rue de Vaugirard, n° 65; V) *Os Três Primeiros Livros de Télémaco* (Les trois premiers livres de Télémaque), em alemão, com a tradução literal dos dois primeiros e o texto francês e alemão do terceiro, com notas acerca das raízes das palavras, etc.; para uso nas casas de educação. Por H.-L.-D. Rivail. In-12, de 220 pp. Imp. de Renouard, Paris, 1830. — Em Paris, com Bobée, com Théophile Barrois, com Baudry; VI) *Gramática Francesa Clássica de acordo com um novo plano* (Grammaire française classique sur un nouveau plan). Primeira parte, com, etc. Por H.-L.-D. Rivail. In-12, de 160 pp. Imprim. de Ducessois, Paris, 1831. — Em Paris, com Hachette, rue Pierre-Sarrazin; com Ferra Jeune, com Pillet-ainé, com o autor, rue de Vaugirard, n° 65; VII) *Memória sobre a Instrução Pública* (Mémoire sur l'instruction publique), dirigida aos senhores membros da comissão encarregada de revisar a legislação universitária e de preparar um projeto de lei sobre o ensino. Por H.-L.-D. Rivail. In-4°, de 16 pp., mais a capa. Imp. de Plassan, Paris, 1831. — Em Paris, com o autor, rue de Vaugirard, n° 65; VIII) *Memória a respeito desta questão: Qual o Sistema de Estudos Mais em Harmonia com as Necessidades da Época?* (Mémoire sur cette question: Quel est le système d'études le plus en harmonie avec les besoins de l'époque?) Trata da reforma dos estudos clássicos. Premiada pela Academia de Arráș, 1831; IX) *Discurso Pronunciado por Ocasão da Distribuição dos Prêmios de 14 de agosto de 1834* (Discours prononcé à la distribution des prix du 14 août 1834), pelo Sr. Rivail, diretor de instituição, membro da Academia de Indústria. In-4°, de 12 pp., mais a capa. Imp. de Plassan, Paris. Institution Rivail, 1834. (Sobre o seu plano geral de educação. Seguido de um Discurso pronunciado pelo jovem Louis Rouyer, de quinze anos de idade.); X) *Programa dos Estudos segundo o Plano de Instrução de H.-L.-D. Rivail* (Programme des études selon le plan d'instruction de H.-L.-D. Rivail). 1° caderno. Ensino primário. Paris, 1838. In-8°. — Em Paris, com o autor; XI) *Manual dos Exames para os Certificados de Capacidade* (Manuel des examens pour les brevets de capacité). Soluções racionadas das

questões e dos problemas de aritmética e de geometria usual, propostos nos exames do Hôtel-de-Ville e da Sorbona. Por H.-L.-D. Rivail. In-12, de 144 pp. Imp. de Pillet-ainé, Paris, 1846. — Em Paris, com Pillet-ainé, rue des Grands-Augustins, 7; com Bachelier, com Maire-Nyon, com Roret. Esta obra existe também sob o título: *Memento aritmético dos exames* (Mémento arithmétique des examens), ou Soluções, etc.; XII) *Soluções dos Exercícios e Problemas do "Tratado Completo de Aritmética" de H.-L.-D. Rivail* (Solutions des exercices et problèmes du "Traité complet d'arithmétique" de H.-L.-D. Rivail). In-12, de 36 pp. Imprim. de Pillet fils aîné, Paris, 1847. — Em Paris, com Pillet-ainé, rue des Grands-Augustins, 7; com Bachelier, com Maire-Nyon, com Roret, com o autor, rue Mauconseil, 18; XIII) *Projeto de Reforma referente aos Exames e aos Educandários para mocinhas* (Projet de réforme concernant les examens et les maisons d'éducation des jeunes personnes), seguido de uma proposição relativa à adoção das obras clássicas pela Universidade, ao ensejo do novo projeto de lei sobre o ensino. In-8°. Paris, 1847. — Em Paris, com o autor, rue Mauconseil, 18; XIV) *Catecismo Gramatical da Língua Francesa* (Catechisme grammatical de la langue française), para uso nos estudos primários. Obra posta ao alcance de todas as inteligências por sua simplicidade; com um Questionário segundo novas regras. Por H.-L.-D. Rivail. In-12, de 108 pp. Impr. de Cerf, em Sèvres, 1848. — Em Paris, com Borrani, rue des Saints-Pères, 7; com o autor, rue Mauconseil, 18; XV) *Gramática Normal dos Exames* (Grammaire normale des examens), ou Soluções racionadas de todas as questões sobre a gramática francesa, propostas nos exames da Sorbona, do Hôtel-de-Ville de Paris e de todas as academias de França, para a obtenção dos certificados e diplomas de capacidade e para a admissão nos serviços públicos, resumindo a opinião da Academia e dos diferentes gramáticos acerca dos princípios e das dificuldades da língua francesa; para uso dos candidatos e das candidatas e nos estudos secundários e superiores. Pelos Srs. D. Lévi-Alvarès e H.-L.-D. Rivail. In-12, de II-248 pp. Paris, Borrani et Droz, 1849. (A capa traz: 1848.) A 2ª ed., aumentada de um índice alfabético das matérias e de grande número de regras, in-12, saiu em 1856; a nona, também in-12, foi dada a lume em 1883, com X-450 pp.; XVI) *Ditados Normais dos Exames* (Dictées normales des examens) recolhidos e escolhidos nos exames da Sorbona, do Hôtel-de-Ville de Paris, e das outras academias de França, com notas gramaticais, etimológicas,

históricas e anedóticas quanto à origem e à ortografia de grande número de palavras, acompanhados, 1º de ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas, etc. Pelos Srs. Lévi-Alvarès e H.-L.-D. Rivail. In-12, de 224 pp. Impr. de Crapelet, Paris, 1849 (117). — Em Paris, com Borrani et Droz, rue des Saints-Pères, 7. (Com oito edições até 1879, sempre ampliadas.); XVII) *Ditados da Primeira e da Segunda Idade* (Dictées du premier et du second âge), encerrando, etc.; para uso nos estudos primários, e servindo de introdução aos “Ditados normais dos exames”. Por H.-L.-D. Rivail. *Primeira idade*. In-12, de 120 pp. Impr. de Crapelet, Paris, 1850. — Em Paris, com Borrani et Droz, rue des Saints-Pères, 7. (A “Bibliographie de la France” registou seu aparecimento em 26 de janeiro de 1850.); XVIII) *Ditados da Primeira e da Segunda Idade* (Dictées du premier et du second âge), encerrando, etc.; para uso nos estudos primários, e servindo de introdução aos “Ditados normais dos exames”. Por H.-L.-D. Rivail. *Segunda idade*, com: 1º) exercícios a respeito das regras ortográficas de segunda ordem e sobre os homônimos; 2º) ditados correntes, formando um curso elementar de mitologia. In-12, de 164 pp. Impr. de Crapelet, Paris, 1850. Em Paris, com Borrani et Droz, rue des Saints-Pères, 7. (A “Bibliographie de la France” registou seu aparecimento em 13 de abril de 1850.) — Os dois volumes dos “Ditados” tiveram novas edições, e a de 1876 recebeu a colaboração de Auguste Demkès; XIX) *Curso de Cálculo Mental* (Cours de calcul de tête), ou Introdução ao estudo da aritmética, segundo o método de Pestalozzi, para uso das mães de família e dos institutores no ensino às criancinhas. In-12 (118); XX) *Programa dos Cursos Usuais de Física, Química, Astronomia e Fisiologia* (Programme des cours usuels de physique, de chimie, d’astronomie et de physiologie), professados pelo Sr. Rivail no Liceu Polimático (119); XXI) *Programa dos Estudos de Instrução Primária* (Programme des études d’instruction primaire), compreendendo um questionário completo

(117) Veja-se “Bibliographie de la France”, 17 de novembro de 1849, it. 6401.

(118) É possível que tenha saído em ou antes de 1845. Não conseguimos outros dados.

(119) Citado por *J.-M. Quérard* no tomo VI de “La Littérature Française Contemporaine” e no tomo XII de “La France Littéraire”.

sobre cada ramo de ensino (120); XXII) *Tratado de Aritmética* (Traité d'arithmétique), Paris, Borrani et Droz, 1847, in-12. (121)

Como se vê, não foi pequeno o número de livros escolares publicados pelo insigne discípulo de Pestalozzi, os quais, sobretudo pelo seu valor prático, beneficiaram a estudantes e mestres.

Votando cérebro e coração às atividades educacionais, acreditamos que, com o talento e a capacidade que lhe sobejavam, ele teria deixado obra maior, se não fora constantemente solicitado para os problemas de subsistência material, que por várias vezes o obrigaram a desviar-se dos seus mais caros ideais.

Destinados à instrução primária, secundária e até mesmo superior, algumas de suas obras foram adotadas pela Universidade de França, em estabelecimentos públicos.

Nos planos e projetos apresentados aos membros do Parlamento, às Comissões encarregadas da reforma do ensino e à Universidade, nota-se que o autor se adiantara de muitos anos aos processos pedagógicos então em voga, aproximando-se, em diversos pontos, da "escola ativa".

(120) Id. ibidem.

(121) Mencionado por alguns autores, como Otto Lorenz e André Moreil, e inscrito no "Grand Dictionnaire Universel du XIX^e Siècle", de *Pierre Larousse*, tomo 16 (Primeiro Suplemento), s. d., p. 1019.

38 — Fim da primeira fase

Durante trinta anos, de 1819 (122) a 1850, muitas vezes se sobrepondo às incompreensões e aos reveses, Hippolyte Léon Denizard Rivail empenhou-se de corpo e alma em instruir e educar um sem número de crianças e jovens parisienses, segundo o método pestalozziano, com modificações, acrescido de práticas pedagógicas por ele mesmo criadas ou desenvolvidas, algumas das quais só mais tarde, no século XX, seriam retomadas e largamente difundidas por ilustres reformadores do ensino.

Esse primeiro período da vida de Rivail foi pródigo em benefícios para a coletividade francesa, e preparou-o convenientemente para ser o homem universal, novo Cristóvão Colombo que, arrostando lutas e escolhos sem conto, patentearia ao espírito humano um outro mundo que até então vivia envolto em denso mistério: o mundo dos Espíritos.

Toda essa fase existencial de Rivail, bem como a seguinte, sofreram a influência dos ensinamentos colhidos no Instituto de Yverdon. “Foi nessa escola” — acentuou Henri Sausse — “que se lhe desenvolveram as idéias que mais tarde deviam fazer dele um observador atento e meticoloso, um pensador prudente e profundo.” Nesse estabelecimento, em que a coação não existia, permitindo ao aluno expandir naturalmente suas forças em gérmen, Rivail aprendeu a pedagogia inteligente, não atrofiadora da mente juvenil. Ele, afinal, podia fazer suas estas palavras de Fröbel, o genial criador dos “jardins-de-infância”: “O tempo que passei em Yverdon foi decisivo em minha vida.”

(122) Releia-se o capítulo 9, p. 60.

Dai a observação do biógrafo Jean Vartier (123): "Pestalozzi pode ser considerado como o pai espiritual de Rivail, da mesma forma que Jean-Jacques Rousseau foi o pai espiritual de Pestalozzi."

No decorrer de sua frutuosa carreira pedagógica de institutor-filantropo, Rivail exercitou "a paciência, a abnegação, o trabalho, a observação, a força de vontade e o amor às boas causas, a fim de melhor poder desempenhar a gloriosa missão que lhe estava reservada". Diga-se, de passagem, que quase todas as realizações posteriores a 1832, ano do seu casamento, se originaram ou se fortaleceram nas palestras costumeiras entre ele e a esposa. A mulher, conforme salientou a Condessa de Ségur, é que se devem principalmente as inspirações que os homens concretizam.

Antes que o Espiritismo lhe popularizasse e imortalizasse o pseudônimo Allan Kardec, já havia Rivail firmado bem alto, no conceito do povo francês e no respeito de autoridades e professores, a sua reputação de distinguido mestre da Pedagogia moderna, com o seu nome inscrito em importantes obras biobibliográficas.

(123) *Jean Vartier*, ob. cit., p. 21.

APÊNDICE

Aqui figuram alguns artigos da autoria de Zêus Wantuil, publicados em "Reformador", órgão da Federação Espírita Brasileira.

Todos eles se relacionam com o assunto tratado nessa primeira parte, correspondentes às notas (1), (2) e (90), tendo sofrido, na sua transcrição, pequenos retoques, corrigendas, acréscimos e supressões pela mão do próprio autor.

Kardec e seu nome civil

Em dezembro de 1955, "Reformador" publicava um estudo com o título — "*Denisard ou Denizard?*", estudo em que demonstramos, através de provas de peso, que se deve escrever — *Denizard* no nome civil de Allan Kardec.

Em apoio de nossa afirmação, veio o Dr. S. Canuto Abreu numa carta datada de 22 de dezembro de 1955. Muito embora ele houvesse dado preferência à grafia Denizart, com "t" final, reconhecia que ela "é *errônea*, porque, em matéria de nomes próprios com vários derivados regionais ou tribais, a melhor regra é seguir a grafia do registro civil ou a usualmente adotada pelo dono do nome". "Tanto o registro civil quanto a assinatura usual do Mestre" — prosseguia o Dr. Canuto em suas ponderações judiciosas — "adotaram a grafia com "z" e "d", isto é, *Denizard*. Portanto, as demais formas, embora corretas em si mesmas, não convêm ao nome próprio do Professor RIVAIL."

No tocante à ordem seguida pela firma civil de Allan Kardec, o nosso ilustre e culto Confrade Dr. Canuto sempre preferiu, firmado em documentação irretorquível ("Metapsíquica", órgão da Sociedade Metapsíquica de S. Paulo, 1936, página 112), a que procuramos defender em "Reformador" de 1955, qual seja: HIPPOLYTE LÉON DENIZARD RIVAIL.

Ultimamente vimos recebendo cartas solicitando-nos a republicação do estudo que há sete anos escrevemos para as colunas deste órgão. Fazemo-lo agora, com alguns acréscimos que vêm corroborar as nossas conclusões, suprimindo uma que outra passagem já desnecessária ou superada.

Segue, pois, a transcrição solicitada:

DENISARD OU DENIZARD?

Insistente leitor vem há algum tempo escrevendo para a Redação deste órgão, criticando-nos o uso “indevido” de *Denizard* no nome batismal de Allan Kardec, ao mesmo tempo que diz não compreender a nossa casmurrice, já que douto confrade de seu Estado — adverte o missivista —, baseado em Dauzat, doutor no assunto, apontou, faz dois anos, a impropriedade da grafia Denizard (com z), que, ao invés, deveria ser escrito — segundo ele — com s: *Denisard*.

O assunto é, todavia, mais complexo do que parece à primeira vista.

Antes de qualquer referência a Dauzat, importa fazer algumas observações preliminares:

a) Tanto a certidão de nascimento quanto o registro de batismo do futuro Allan Kardec inscrevem *Denizard* (1), e cremos que também assim o faz o contrato de casamento (2).

b) Por ocasião do passamento de Kardec, a “Revue Spirite” de 1869 publicou a páginas 130 um artigo da Redação intitulado — “Biographie de M. Allan Kardec”. Aí aparece escrito, em grifo — *Léon-Hippolyte-Denizart Rivail*.

Dois grandes discípulos de Kardec — Camilo Flammarion e Léon Denis — escreveram de maneira diferente o nome do mestre lionês.

O primeiro, no seu “Discours prononcé sur la tombe d’Allan Kardec”, brochura editorada em 1869, após, em nota, ao pé da pag. 7: “*Léon-Hippolyte-Denisart Rivail*.”

O segundo, no “Prefácio” da 4ª edição da obra de Henri Sausse citada na nota (1), escreveu este período, à p. 8: *Remarquons que mon nom est enchâssé dans celui d’Allan Kardec qui s’appelait en réalité: Hippolyte, Léon, Denisard Rivail.*”

c) A velha, mas sempre consultada obra de J.-M. Quérard — “La France Littéraire ou Dictionnaire Bibliographique (...)”, Paris, tomo VIII (1836), p. 58, registou: “Rivail (H. L. D.)”; o tomo XII (1859-64), p. 456, escreveu: “RIVAIL (Hippolyte-Léon Denizart)”.

(1) *Henri Sausse* — “Biographie d’Allan Kardec” (Nouvelle Edition), 1910, p. 12; 4me. édition (1927), pp. 18 e 19.

(2) *Idem*, ibidem, p. 14; id., ib., p. 22.

d) O famoso "Dictionnaire Universel des Contemporains, contenant toutes les personnes notables de la France et des pays étrangers", de G. Vapereau, Paris, regista em sua 3ª edição (1865), inteiramente refundida e consideravelmente aumentada, pp. 31/2, e na 4ª edição (1870), p. 30: "*Allan-Kardec* (Hippolyte-Léon-Denizard Rivail, dit)"...

O pseudônimo Allan-Kardec, conforme se lê no Prefácio datado de 1/12/1861, só entrou para o Dicionário de Vapereau a partir de sua 2ª edição, dada a público provavelmente entre 1861 e 1863.

A quinta edição desta obra (1880) não inscreveu o nome Allan Kardec, mas a sexta edição (1893) traz, no pé da p. 26, a mesma grafia que demos acima para o nome de Kardec.

e) O "Catalogue Général de la Librairie Française", redigido por Otto Lorenz, Livreiro, escreve no tomo I, Paris, 1867, p. 27: "*Allan Kardec*, nom fantastique adopté par M. H.L.D. Rivail"; no tomo IV, Paris, 1871, p. 240: RIVAIL (Léon Hippolyte Denisart); no tomo V (tome premier du Catalogue de 1866-1875), Paris, 1876, p. 15: ALLAN KARDEC, pseudonyme de H. L. D. Rivail.

f) "Les Supercheries Littéraires dévoilées", par J.-M. Quéraud, segunda edição, consideravelmente aumentada, publicada pelos Srs. Gustave Brunet e Pierre Jannet, seguida (...), assim regista no tomo I, primeira parte (1869), a pp. 266: "Allan Kardec (Hipp.-Léon Denizard RIVAIL), ancien chef d'institution à Paris (...)"

g) O "Nouveau Dictionnaire Universel", por Maurice Lachâtre, s. d. (3), Paris, tomo primeiro, p. 199, regista: "*Allan Kardec* (Hippolyte-Léon-Denizard Rivail)", fazendo a seguir longa biografia do Codificador.

h) O "Grand Dictionnaire Universel du XIX^e Siècle", por M. Pierre Larousse, Paris, tomo nono (1873), regista: "*Kardec* (Hippolyte-Léon-Denizard Rivail, plus connu sous le pseudonyme d'*Allan*)"...

i) Faz exatamente o mesmo o "Nouveau Larousse Illustré" (1897-1904), publicado sob a direção de Claude Augé, tomo V.

(3) O Dicionário não traz a data de publicação, nem no primeiro nem no segundo e último tomo. Ramiz Galvão coloca-lhe o aparecimento em 1865-1870.

j) O "Dictionnaire Biographique et Bibliographique", por Alfredo Dantès, Paris, 1875, p. 26, escreve: "Allan Kardec (Hipp. Léon Denizard Rivail)"...

k) O "Manuel Bibliographique des Sciences Psychiques ou Occultes", por Albert L. Caillet I. C., Paris, 1912, regista:

Tomo I, p. 28: "RIVAIL (Hippolyte-Léon-Denizard)"...

Tomo II, p. 487: "Hippolyte Léon Denizard Rivail"...

Tomo III, p. 407: RIVAIL (Hippolyte-Léon-Denizard) dit Allan Kardec"...

l) O "Dictionnaire de Biographie Française", Paris, inclui no tomo segundo (Aliénor-Antlup), 1936, sob a direção de J. Balteau (Agrégé d'Histoire), de M. Barroux (Archiviste paléographe, directeur honoraire des Archives de la Seine) e M. Prevost (Archiviste paléographe, conservateur adjoint à la Bibliothèque Nationale), com o concurso de numerosos e cultos colaboradores, inclui, como dissemos, na p. 98, o pseudônimo Allan Kardec, escrevendo-lhe assim o nome, de acordo com o registro de nascimento: "Denizard, Hippolyte, Léon Rivail"...

m) O "Nouveau Dictionnaire Encyclopédique Universel Illustré", sob a direção de Jules Troussel (3º vol.), escreve: "KARDEC (*Hippolyte-Léon-Denizard RIVAIL*)"...

n) "La Grande Encyclopédie", por uma "Société de Savants et de Gens de Lettres" (1885-1902), escreve no volume 28: "RIVAIL (Hippolyte-Léon-Denizard)"...

o) O tomo II (1900), coluna 319, do "*Catalogue Général des livres imprimés de la Bibliothèque Nationale*", Paris, regista assim o nome de Allan Kardec: Hippolyte-Léon-Denizard Rivail. Nas colunas seguintes, o mesmo "Catálogo", ao relacionar-lhe as obras pedagógicas, põe sempre: H.-L.-D. Rivail.

Apenas por essa amostra, incompleta, podem os leitores verificar haver uma quase unanimidade na maneira de se grafar a palavra principal em estudo.

Não se venha, porém, com Dauzat para se assentar que o certo é *Denisard* (com s), ainda mais que tal coisa jamais deu a entender o eminente filólogo francês, senão vejamos:

Albert Dauzat, escritor, lingüista, professor na *École Pratique des Hautes Études de Paris*, é autor de várias obras sobre questões lingüísticas, entre elas o "Dictionnaire Étymologique des Noms de Famille et Prénoms de France". É neste volume (ed. 1951, Paris, p. 191) que se encontra o caso em apreço. Após

estudar etimologicamente o prenome *Denis*, o ilustre filólogo lhe cita os inúmeros hipocorísticos (4), conforme se segue:

“*Deniset, -ot, -eau, -on, -ard* (pejorativo), sobretudo com *z*: *Denizet* + (5), *-zot* + ...; com ablação da inicial: *Niset, -sot, -sard...* e *Nizet, -ot, -ard* + .”

Como se vê, o hipocorístico de *Denis* terminado com *ard* (o que nos interessa de modo especial) é *sobretudo* encontrado com *z* (*Denizard*), conquanto seja também vista a forma *Denisard*, forma esta pejorativa, no entender do autor de “Dicionário Etimológico”.

CONCLUSÃO: Baseados principalmente nos registros de nascimento e de batismo de Allan Kardec, e bem assim em “*Dauzat*” e na maioria dos autores citados, continuaremos a grafar DENIZARD.

E como Hippolyte aparece à frente, no registro de batismo e no de casamento, *em todas as obras pedagógicas* que publicou, na maioria dos volumes acima relacionados (vários deles impressos quando Kardec ainda estava encarnado) e nos documentos públicos, quando aí lançava — segundo o Dr. Canuto — o nome por extenso ou abreviado, deve-se, por conseguinte, colocá-lo no princípio.

Dessa forma, à vista de tudo que expusemos, nada obsta continuemos a escrever, e acreditamos que bem acertadamente:

HIPPOLYTE LÉON DENIZARD RIVAIL.

(4) Hipocorístico — Forma familiar alterada (por abreviação, derivação, etc.) do nome individual. — (A. Dauzat.)

(5) + sinal que indica os nomes de família difundidos. — (A. Dauzat.)

Quando nasceu Kardec

Um dos nossos leitores encontrou em "O Principiante Espírita" (1), página sete, a certidão de nascimento de Allan Kardec, datada de doze do vindemiário do ano XIII, dando-lhe o nascimento como ocorrido às dezenove horas do dia onze do mesmo mês das vindimas. E como o Pequeno Larousse e o Séguier informam que o vindemiário começava em 22 de setembro, concluiu o nosso leitor que o nascimento se deu no dia dois e não no dia três de outubro.

Além dessa conclusão, pergunta-nos o distinto confrade se foi no ano de 1803 ou em 1804, visto que o livro "Les Pionniers du Spiritisme en France", o Grande Dicionário de Larousse, "La Grande Encyclopédie", a Enciclopédia Quillet e todos os demais dicionários franceses apresentam o ano de 1803.

Quanto à pergunta, afirmamos haver um lapso dos que o apresentaram como nascido em 1803, porquanto o ano XIII do Calendário Republicano começou em setembro de 1804, logo, nascido em outubro do 13º ano Republicano, Kardec veio ao mundo em outubro de 1804.

Quanto à conclusão a que chegou o nosso leitor, de que foi em dois de outubro, pedimos licença para expor as seguintes considerações, que nos parecem suficientes para demonstrar o engano da conclusão.

(1) Obra que a Federação Espírita Brasileira publicava, no passado. Continha ensinamentos de "O que é o Espiritismo" e a "Biografia de Allan Kardec" (texto de 1896), por H. Sausse. Essa coletânea, organizada pela FEB, há décadas, deixou de ser editada, sendo o trabalho de H. Sausse inserido no início de "O que é o Espiritismo".

O ano da Primeira República francesa foi iniciado pelo mês vindemiário (época da vindima). O primeiro dia do vindemiário não começava em 22 de setembro, como ensinam aqueles dois autores, mas, sim, no equinócio de outono. Dessa forma, o vindemiário caía ora em 22, ora em 23 e às vezes em 24 de setembro, e, conforme verificamos nos quadros comparativos dos dois calendários, o dia primeiro do vindemiário do ano XIII correspondeu ao dia 23 de setembro de 1804.

Como sabemos, o primeiro ano Republicano iniciou-se em 22 de setembro de 1792, dia da Proclamação da República e, por singular coincidência, dia em que o Sol chegava ao equinócio de outono; mas também sabemos que tal Calendário, além dos doze meses de trinta dias, tinha cinco ou seis dias chamados *sans-culottides*, formados da sobra natural de cinco dias e um quarto, do ano solar.

Foi exatamente a exigência de cálculos astronômicos para a determinação do primeiro dia do ano o motivo da revogação, em 9 de setembro de 1805, do Calendário Republicano, voltando-se ao Gregoriano em 1º de janeiro de 1806.

O assunto é realmente interessante e muito poderíamos escrever se não fora a falta de espaço com que luta o nosso órgão. Todavia, cremos que só o fato de a "Revue Spirite" (página 130 de 1869) haver afirmado que o nascimento ocorrera em três de outubro, basta para que aceitemos esta data como verdadeira; no entanto, em vista da necessidade de este ponto ficar perfeitamente esclarecido, citaremos um documento mais claro que o registro civil, porque não obediente ao Calendário Republicano, documento esse cuja cópia foi publicada, na íntegra, na obra de Henri Sausse, prefaciada por Léon Denis (2). Nesse documento, assinado pelos padres Barthe e Chassin, encontramos: "*Aos quinze dias do mês de junho de mil oitocentos e cinco foi batizado nesta paróquia Hippolyte Léon Denizard, nascido em Lião em três de outubro de mil oitocentos e quatro, filho de Jean-Baptiste Antoine Rivail (...).*"

Aí estão, pois, os esclarecimentos que podemos oferecer.

(2) H. Sausse: "Biographie d'Allan Kardec", 4me. édition, 1927, p. 19; Cfr. "Revue Spirite" 1904, p. 689.

Kardec teria sido médico?

Henri Sausse, ilustre espírita lionês e que foi secretário da “*Fédération Spirite Lyonnaise*”, realizou, em 31 de março de 1896, por ocasião das solenidades com que os espiritistas lioneses comemoravam o 27º aniversário da desencarnação de Kardec, realizou, dizíamos, brilhante conferência sobre a vida e a obra do homenageado, publicando-a, nesse mesmo ano, em brochura, sob o título “*Biographie d’Allan Kardec*”. Num certo trecho do seu discurso (1), o orador declarou, referindo-se ao Codificador:

“Ele era bacharel em Ciências e Letras, doutor em Medicina, tendo feito todos os estudos médicos e brilhantemente defendido tese.”

Ou seja, em francês: “*Il était bachelier ès lettres et ès sciences, docteur en médecine ayant fait toutes ses études médicales et présenté brillamment sa thèse.*”

Em 1910, Henri Sausse republicou, em nova e ampliada edição, a sua conferência de 1896. Talvez porque os leitores lhe houvessem solicitado a indicação das fontes nas quais se baseara para afirmar o que constava no trecho acima mencionado, Sausse, denunciando não haver feito nenhuma pesquisa nesse sentido, explicou, numa nota ao pé da p. 14:

“*Ces renseignements me furent fournis par M. G. Leymarie en 1896.*”

(1) In “*Memória Histórica do Espiritismo*”, p. 11, editada pela FEB em 1904, em comemoração do centenário natalício de Allan Kardec.

Ou seja, em português: “Esses dados me foram fornecidos pelo Sr. G. Leymarie, em 1896.”

Vamos, então, a Leymarie. A primeira vez que esse ilustre discípulo de Kardec deu notícia, pelo menos escrita, do assunto a que se refere o trecho supratranscrito, foi no Congresso Espírita Internacional de Barcelona, realizado em 1888.

A resenha completa, publicada em Madrid, ainda em 1888, sob o título “*Primer Congreso Internacional Espiritista*”, regista o discurso de Leymarie, pronunciado de improviso, e do qual extraímos esse trecho, à p. 124:

“A este tiempo, además de sus títulos de Bachiller en Ciencias y en Letras, había estudiado la medicina, el magnetismo, y poseía el alemán, el inglés y el italiano.”

Um resumo das atividades desse Congresso foi publicado na língua francesa, em Paris, no ano seguinte: 1889. Vê-se, entretanto, que o discurso de Leymarie, ali incluído, recebeu redação diferente em vários trechos, inclusive no citado acima, que ficou assim redigido:

“il (Kardec) avait fait son cours complet de droit et de médecine et avait été couronné par plusieurs académies.”

Ou seja, em português: “ele (Kardec) havia feito curso completo de Direito e de Medicina, tendo sido premiado por várias academias.”

Esse discurso biográfico de Allan Kardec foi, *ipsis verbis*, republicado na Introdução do “*Compte Rendu du Congrès Spirite et Spiritualiste International*”, congresso realizado na capital francesa, em setembro de 1889.

De todos os discípulos diretos de Kardec, foi Leymarie o único que trouxe a público aqueles dados reveladores, sem, contudo, apresentar qualquer comprovação do que dizia. Ele o fez, não sabemos por que razão, somente após o decesso de Kardec e da esposa deste. Alexandre Delanne, E. Muller, Levent, Desliens, Flammarion, Sardou, além de outros íntimos discípulos do Codificador, jamais disseram haver Kardec recebido diploma de Medicina ou de Direito.

E. Muller, por exemplo, no discurso que pronunciou, em 1869, junto ao túmulo de Kardec, assinalou apenas:

“C’est qu’il avait touché à toutes les sciences et qu’ayant bien approfondi, il savait transmettre aux autres ce qu’il connaissait lui-même, talent rare et toujours apprécié.”

Ou seja, em português: “É que estivera em contacto com todas as ciências, e, porque nelas se aprofundou bastante, sabia transmitir aos outros seus conhecimentos, com raro e sempre apreciado talento.”

Quanto à questão de Kardec ter-se formado em Direito (conforme escreveu Leymarie), felizmente, ao que sabemos, ninguém mais repetiu tal desacerto, nem mesmo Henri Sausse.

O volume I do “*Nouveau Dictionnaire Universel*”, de Maurice Lachâtre, publicado em Paris, e quando Kardec ainda vivia entre nós, como que prevendo todas essas coisas, já declarava peremptoriamente em suas páginas:

“Quoique fils et petit-fils d’avocats, et d’une ancienne famille qui s’est distinguée dans la magistrature et le barreau, il (Kardec) n’a point suivi cette carrière; de bonne heure il s’est voué à l’étude des sciences et de la philosophie.”

Ou seja, em português: “Ainda que filho e neto de advogados, pertencente a uma antiga família que se distinguiu na magistratura e no foro, ele de forma alguma seguiu essa carreira; dedicou-se, desde cedo, ao estudo das ciências e da filosofia.”

E a Biografia de Allan Kardec, publicada no nº de maio de *Revue Spirite* de 1869, reafirmou o que Lachâtre assinalara, conforme este trecho, à p. 130:

“Né à Lyon, le 3 octobre 1804, d’une ancienne famille qui s’est distinguée dans la magistrature et le barreau, M. Allan Kardec n’a point suivi cette carrière...”

Negando-se a Kardec a condição de advogado, não se fez, entretanto, o mesmo com a de Doutor em Medicina. Esse título continuou e continua a ser-lhe dado por quase todos os escritores espiritistas, e, confessamos, até este órgão por várias vezes o estampou em suas colunas.

Mas, faz pouco tempo, numa intensa busca que realizamos nas Bibliotecas do Rio de Janeiro, deparou-se-nos uma obra do erudito escritor e engenheiro civil Albert L. Caillet, intitulada: “*Manuel Bibliographique des Sciences Psychiques ou Occultes*”, a qual, no volume III (1912), p. 407, regista o seguinte:

“Rivail (Hippolyte-Léon-Denizard) dit Allan Kardec (...) bachelier ès-lettres et ès-sciences, on le dit souvent à tort

Docteur en Médecine. *D'après nos recherches personnelles à ce sujet, Allan Kardec bien qu'ayant des connaissances médicales incontestables, n'a jamais été reçu Docteur en Médecine.*" (Grifos do Autor.)

Ou seja, em português: "Rivail (Hippolyte Léon Denizard), dito Allan Kardec (...) bacharel em Ciências e Letras, qualificam-no freqüentemente, sem razão, de *Doutor em Medicina*. Segundo as nossas pesquisas pessoais sobre esse assunto, Allan Kardec, embora possuísse conhecimentos médicos incontestáveis, *jamais se doutorou em Medicina.*"

Nesse mesmo volume de Caillet acha-se registada, a pp. 487, a brochura que Henri Sausse publicou em 1896 concernente ao seu discurso biográfico sobre Allan Kardec, já atrás referido.

E a respeito dessa brochura, Caillet reproduziu breve comentário contido numa obra bibliográfica de Edmond Peneau, do qual transcreveremos esse trecho que confirma suas palavras supra-estampadas:

"C'est par erreur que l'on trouve dans cet ouvrage qu'Allan Kardec était Docteur en Médecine. Bien que fort versé dans cette Science, il n'a néanmoins jamais été officiellement reçu Docteur."

Ou seja, em português: "É por erro que se encontra nessa obra ter sido Allan Kardec Doutor em Medicina. Se bem que muito versado nesta Ciência, ele, entretanto, oficialmente jamais colou o grau de Doutor."

Não há dúvida de que o sábio Codificador do Espiritismo possuía vasto e aprofundado conhecimento de várias matérias, inclusive médicas, mas isso não forma base para se afirmar que ele fora médico, como também não nos é permitido afirmar que ele era astrônomo, apenas porque ensinava Astronomia.

Quanto às obras biobibliográficas publicadas quando o próprio Kardec ainda se achava encarnado, todas elas falam de sua vida, do seu trabalho como professor e pedagogo, de seus livros enfim, mas nunca trouxeram qualquer referência, mesmo indireta, que o fizesse diplomado, quer em Direito, quer em Medicina. Além de outras, podemos ainda citar estas obras: "*La France Littéraire, ou Dictionnaire Bibliographique*", de J.-M. Quérard, Paris, tomo VIII (1836), tomo XII (1859-64); "*La Littérature Française Contemporaine*", de Félix Bourquelot, Paris, tomo VI (1857); "*Les Supercheries Littéraires dévoi-*

lées", de J.-M. Quérard, Paris, 2ª ed., tomo I (1869); "*Dictionnaire Universel des Contemporains*", de G. Vapereau (ex-aluno da Escola Normal, ex-professor de Filosofia, advogado), Paris, 3ª ed. (1865); etc.

Observamos, diante dos fatos aqui relacionados, que se de um lado Leymarie não apresentou nenhum documento que positivasse ter sido Allan Kardec diplomado em Medicina, do outro lado, Caillet não esclareceu que "pesquisas pessoais" realizou a fim de chegar à sua afirmativa contrária.

É certo que os outros documentos que apresentamos apóiam o pronunciamento de Caillet, mas, com sinceridade, julgamo-los ainda insuficientes.

Índice Antroponímico

- Abreu (Dr. Canuto)** — 24, 88, 115, 124, 161, 182, 193 e 197.
Ackermann — 41 e 44.
Alexandre I (czar da Rússia) — 33.
Alric (Frederico) — 53.
Alvarès (Prof. Lévi-) — 48, 127, 128, 136, 156, 174, 178, 182, 185 e 186.
Amat (Roman d') — 48.
Ampère (André-Marie) — 93, 94 e 95.
Appert — 180.
Aristóteles — 133 e 134.
Assis (Dr. Armando de Oliveira) — 19 e 20.
Augé (Claude) — 195.
Aunay (Lepelletier d') — 175.
Azevedo (Paulo de) — 71.
- Bachelier** — 183 e 185.
Balteau (J.) — 111 e 196.
Barbet — 175.
Barbosa (Rui) — 99.
Barraud (João Francisco) — 34 e 109.
Barrois (Théophile) — 184.
Barroux (M.) — 11 e 196.
Barthe (padre) — 31 e 199.
Baudin — 167.
Baudry — 184.
Baumann — 63.
Baumgartner — 44.
- Beauchatton (João Maria)** — 54.
Beethoven — 34.
Bell (André) — 60, 61 e 66.
Berthollet — 176.
Besson (Jacqueline Cornaz-) — 71 e 129.
Biber (Eduard von) — 72.
Biot — 33.
Biran (Maine de) — 33 e 109.
Blackwell (Anna) — 29, 54, 78, 82, 105, 137 e 180.
Blochmann — 34, 44 e 70.
Bobée — 184.
Bois (Jules) — 165.
Bonaparte (Luís Napoleão) — 143 e 147.
Bonaparte (Napoleão) — 51, 55 e 109.
Boniface (Alexandre) — 34, 47, 48, 49, 50, 55, 62, 68, 70, 93, 110, 150, 155 e 156.
Bonmartin (Cláudia) — 31.
Borrani — 185, 186 e 187.
Boudet (Amélie Gabrielle) — 112, 114, 115, 116 e 127.
Boudet (Jullien-Louis) — 114.
Bouillaud (J.) — 178.
Bourdon — 175.
Bourquelot (Félix) — 177, 183 e 203.
Braid — 105.
Brezé (marquês de Dreux) — 33.
Bridel (Georges) — 37.

- Broglie (duque de) — 33 e 93.
 Brougham (lord) — 33.
 Broussais (Prof. Francisco) — 180 e 181.
 Brunet (Gustave) — 195.
 Brunszvik (Teresa) — 34.
 Buisson (F.) — 42, 49, 60, 66, 73, 80, 107, 108, 112, 117, 118, 134, 142 e 145.
 Buss — 34.
- Cagliostro — 160.**
 Caillé (Mme. René) — 153.
 Caillé (René) — 153.
 Caillé (Albert L.) — 157, 196, 202, 203 e 204.
 Carlos IV (rei da Espanha) — 33.
 Carnot (Lazare-N.-M.) — 46.
 Carnot (Lázaro Hipólito) — 174.
 Carpentier (Marie Pape-) — 153.
 Cases (Emmanuel de Las) — 180.
 Cérenville (Henrique de) — 54.
 Chapsal — 156.
 Chaptal — 52 e 176.
 Chassin — 199.
 Chastagner — 175.
 Chavannes (Daniel-Alexandre) — 45 e 100.
 Chavannes (Mlle.) — 70.
 Choquet (M.) — 62.
 Choron — 93.
 Claude (Mme.) — 161.
 Cochin (Augustin) — 41, 49, 139 e 149.
 Colombo (Cristóvão) — 188.
 Compayré (Gabriel) — 40, 70, 123 e 139.
 Comte (Achille) — 110.
 Comte (Augusto) — 155.
 Costa (Sousa) — 32, 36, 97, e 112.
 Cousin — 147.
 Cuvier (F.) — 33 e 51.
 Cuvier (Jorge) — 51.
- Dantès (Alfredo) — 196.**
 Dauvil (Léopold) — 137, 138 e 157.
 Dauzat (Albert) — 194, 196 e 197.
 Deburau — 168.
- Dejung (Emanuel) — 53.
 Delagrassé (Charles) — 36.
 Delanne (Alexandre) — 201.
 Delanne (Gabriel) — 157.
 Delessert — 176.
 Deleuze — 104.
 Demkès (Auguste) — 49 e 186.
 Denis (Léon) — 194 e 199.
 Dentu — 184.
 Desliens — 201.
 Detmold (princesa de Lippe-) — 33.
 Domergue (François-Urbain) — 48, 173 e 174.
 Droz — 185, 186 e 187.
 Ducre — 164.
 Duhamel (Jeanne Louise) — 29.
 Dulier (Louis-Henri-Ferdinand) — 83 e 84.
 Dulier (Victor) — 83.
 Dupanloup — 81.
 Dupont (Paul) — 80.
 Dupras — 175.
- Egger — 63.**
 Emmanuel — 26.
 Esterhazy (príncipe de) — 33.
- Faivre (Antoine) — 160.**
 Falloux (F.-A.-P.) — 143, 144, 145 e 147.
 Faria (José Custódio) — 104, 105.
 Favard — 175.
 Fellenberg — 57 e 58.
 Fénelon (François de Salignac de la Mothe) — 27, 122 e 123.
 Feodorowna (Maria) — 71.
 Fichte (J.-G.) — 33 e 34.
 Filipe (Luís) — 126, 174, 176 e 177.
 Flammarion (Camilo) — 54, 194 e 201.
 Forestier (René Le) — 160.
 Fortier — 105.
 Fortoul (Hippolyte) — 147.
 Foulquié (Paul) — 49 e 81.
 Franco (Divaldo P.) — 31.
 Frayssinous (Denis) — 107, 108 e 111.

Freitas (Dr. Antônio Wantuil de) — 19 e 20.
Freud — 134.
Frick — 63.
Fröbel (Friedrich) — 34, 131, 132, 153 e 188.

Gall (Franz Josef) — 180 e 181.

Gallois (Léonard Joseph Urbain Napoléon) — 167.
Galvão (Ramiz) — 195.
Garrett (Almeida) — 123.
Gaultier — 174.
Gérando (De) — 33, 110, 174 e 176.
Girard (Grégoire) — 33 e 95.
Goethe — 33.
Göldi — 44, 63 e 64.
Grasset (Dr. José) — 165.
Gréard (Prof. Octave) — 107.
Greaves (J.) — 35.
Green (W.) — 134.
Guilherme III (Frederico) — 33.
Guillaume (J.) — 57, 60, 63, 66, 70 e 73.
Guimps (Roger de) — 32, 37, 38, 39, 47, 54, 64, 71, 122 e 155.
Guinchard (João José) — 54.
Guizot (Elisabete) — 46.
Guizot (F.-P.-G.) — 46, 111, 125, 126 e 142.

Hachette — 49, 93 e 184.

Hagnauer — 55.
Hallwyl (F. Romana von) — 53.
Hoffmann — 34.
Hopf — 34.
Hubert (René) — 100, 134 e 145.
Hugo (Vítor) — 136 e 144.
Humboldt — 33.

Jakob — 102 e 103.

Jamet — 164.
Janet (Pierre) — 165.
Jannet (Pierre) — 195.
Japhet (Srta.) — 170.
Jaussens (Catherine) — 83.
Jayet (Jorge) — 70.
Jomard — 93, 110, 174, 175 e 176.

Jubé — 175.

Jullien (Adolfo) — 54 e 128.
Jullien de Paris — 35, 41, 45, 46, 47, 48, 55, 57, 61, 62, 63, 93, 99 e 155.
Jullien (Marc-Antoine) — 40, 45, 57 e 58.

Kardec (Allan) — 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 36, 49, 53, 54, 62, 73, 74, 76, 78, 83, 84, 102, 104, 139, 157, 162, 165, 168, 172, 180, 189, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203 e 204.

Kardec (Dr.) — 84.
Kardec (Marcel) — 83.
Knusert — 55, 63 e 64.
Krüsi (Hermann) — 34, 55, 56, 57, 67 e 73.

L... (Dr.) — 148.

Laborde (Alexandre de) — 174.
Lacaze — 168.
Lachâtre (Maurice) — 75, 195 e 202.
Lacombe (Julie-Louise Seignat de) — 114.
Lacordaire — (J.-B.-H.) — 142.
Lacroix (Silvestre Francisco) — 99.
Lajariette — 164.
Laloue (Ferdinand) — 163 e 164.
Lamennais (F. R. de) — 142 e 143.
Lancaster (José) — 60, 61 e 66.
Landry — 175.
Lange — 56.
Lange (Savalette de) — 160.
Lanneau (De) — 175.
Larousse (Pierre) — 80, 128, 187 e 195.
Lasteyrie (conde de) — 33, 174 e 176.
Lavater (Johann Caspar) — 71, 72 e 180.
Lefranc — 156.
Lehmann — 44.
Leif (J.) — 81, 107, 111 e 147.
Lemaire — 156.

- Leopoldina de Áustria (D.) — 33.
 Lermina (Jules) — 162.
 Leuenzinger — 44.
 Levent — 201.
 Leymarie (Marina) — 138, 165 e 178.
 Leymarie (Pierre-Gaëtan) — 22, 104, 157, 165, 166, 200, 201, 202 e 204.
 Littré (Émile) — 85.
 Lombroso (César) — 181.
 Lopes (Luciano) — 71.
 Lorenz (Otto) — 183, 187 e 195.
 Lorient — 175.
 Lourmand — 127.
 Luís XIV — 123.
 Luís XVIII — 174.
 Luísa — 33.
- Maillet (Miguel) — 26.**
 Maistre (Joseph de) — 160.
 Mândelo (Dr. G.) — 161.
 Marion (Dr. Henri) — 125.
 Massin — 175.
 Masson (Victor) — 110 e 174.
 Maury (Alfred) — 177.
 Mayo (Rev.) — 35.
 Mazaroz (J.P.) — 161.
 Ménorval (De) — 142.
 Merzer (René du) — 164, 166 e 167.
 Mesmer (Franz Anton) — 102, 103 e 104.
 Meyer (Jean) — 29 e 172.
 Mialaret (Gaston) — 100.
 Michaud (José Francisco) — 178.
 Michelet — 147.
 Miege — 34 e 65.
 Millet — 104.
 Minkowsky — 134.
 Miranda (Hermínio C.) — 78 e 165.
 Montaigne (Michel Eyquem de) — 27, 92 e 93.
 Montalembert — 142 e 143.
 Montalivet — 45.
 Montgolfier (José) — 176.
 Montmorency — 176.
 Montrouge — 168.
 Moreau (César) — 177.
- Moreil (André) — 26, 27, 28, 49, 51, 54, 78, 79, 82, 98, 113, 126, 129, 131, 157, 159, 161, 169, 182 e 187.
 Morf (H.) — 96.
 Morin (H.) — 110.
 Muller (E.) — 62 e 201.
 Muralt (von) — 34 e 65.
 Muron — 175.
- Näf (Konrad) — 34, 67 e 109.**
 Nägeli — 35.
 Nail (Rogatien de) — 30.
 Napoleão I — 51 e 143.
 Napoleão III — 147.
 Niederer (Johannes) — 34, 43, 44, 56, 57, 58, 64, 67, 68, 71, 72, 73 e 74.
 Nyon (Maire-) — 183 e 185.
- Offenbach (Jacques) — 168.**
 Oldenburg (grã-duquesa de) — 33.
 Ousle (Pelassy de l') — 175.
 Owen (Robert) — 33.
- Parieu — 143.**
 Paroz (J.) — 70.
 Pasqually (Martinès de) — 159 e 160.
 Paulo I (czar da Rússia) — 71.
 Pellisson (Maurice) — 145.
 Peneau (Edmond) — 203.
 Perdonnet (Augusto) — 54.
 Perrin (Pierre Louis) — 31.
 Pestalozzi (Johann Heinrich) — 25, 26, 27, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 82, 83, 84, 85, 88, 90, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 109, 110, 111, 112, 116, 117, 119, 123, 128, 129, 130, 131, 133, 136, 139, 147, 149, 153, 155, 168, 175, 182, 183, 184, 186, 187 e 189.
 Pestalozzi (Mme.) — 114.
 Piaget — 119.

- Pillet-aîné — 82, 85, 88, 106, 183, 184 e 185.
 Pires (Prof. José Herculano) — 26.
 Pitolet (A.) — 145.
 Platão — 133, 134 e 159.
 Plutarco — 131.
 Pombo (J. F. da Rocha) — 81.
 Pompée (P.P.) — 36, 41, 45, 49, 51, 60, 61, 74, 97, 110, 111 e 139.
 Potet (Du) — 104.
 Prevost (M.) — 48, 111 e 196.
 Puget (Louis de) — 64.
 Puysegur (Marquês de) — 104 e 105.

Quéraud (J.-M.) — 29, 129, 146, 154, 177, 183, 186, 194, 195, 203 e 204.
 Quide (Ludwig) — 118.
 Quinet — 147.

Rabelais — 27.
 Raimbeau — 164.
 Ramsauer (João) — 34, 44, 55, 57, 59, 62, 63, 64, 73 e 155.
 Raucourt (Cel.) — 180.
 Raummer (Karl von) — 34.
 Rego (Angel do) — 40.
 Rey (Therézinha) — 31.
 Richet (Charles) — 157.
 Ritter (Karl) — 34.
 Rivail (Hippolyte, Léon, Denisard) — 194, 196 e 197.
 Rivail (Hippolyte Léon Denizard) — 20, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 36, 37, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 67, 69, 70, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 110, 111, 112, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 141, 142, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 193, 194, 195, 196, 197, 202 e 203.
 Rivail (Jean-Baptiste Antoine) — 29 e 199.
 Rivail-Kardec — 158 e 166.
 Rivail (Léon-Hippolyte-Denisart) — 194 e 195.
 Rivail (Léon-Hippolyte-Denisart) — 194 e 195.
 Rivail (Mme.), née Amélie-Gabrielle Boudet — 114, 136 e 137.
 Rivail (Mme.), née Jeanne Louise Duhamel — 52, 53.
 Roret — 183 e 185.
 Rostaing — 52 e 53.
 Rousseau (Jean-Jacques) — 27, 91, 123, 133 e 189.
 Roustan — 170.
 Rouyer (Louis de) — 129, 135 e 184.
 Rustin (G.) — 81, 107, 111 e 147.

Sabatier — 110.
 Sachacht — 44.
 Saint-Cyr (marechal Gouvion) — 81.
 Saint-Germain — 160.
 Saint-Hilaire (Geoffroy) — 33 e 176.
 Saint-Martin (Louis-Claude de) — 159 e 160.
 Saint-Vicent (Cel. Bory de) — 178.
 Sainte-Suzanne (De Boyer de) — 80.
 Salle (João Batista de La) — 45.
 Salvandy (N.-A.) — 151 e 152.
 Saqui (Mme.) — 163.
 Sardou (Victorien) — 170 e 201.
 Sari (Léon) — 164.
 Sausse (Henri) — 27, 29, 32, 50, 60, 64, 65, 78, 80, 81, 82, 136, 157, 168, 188, 194, 198, 199, 200, 202 e 203.
 Savarin (Brillat) — 176.

Say (João Batista) — 174.
Schmid (José) — 34, 43, 44, 49,
55, 56, 58, 60, 63, 64, 66, 67,
68, 73 e 110.
Schönebaum (H.) — 53.
Schulthess (Anna Pestalozzi) —
52, 53, 114 e 136.
Schürr — 63.
Sébastieni (marechal) — 33.
Sirand (A.) — 29.
Staël (Mme. de) — 33 e 61.
Steiner — 34, 63 e 64.
Steinmann — 63.
Stern — 55.
Sylvestre (Ed.) — 110.

Taigny (Émile) — 164.
Talleyrand — 109.
Thiesen (Francisco) — 23 e 28.
Tobler — 34.
Touchard (Pierre Aimé) — 168.
Triquery (Edmond) — 163.
Trousset (Jules) — 196.
Türk (von) — 35.

Vapereau (G.) — 128, 195 e 204.
Varèze (Mme. Claude) — 159 e
161.
Vartier (Jean) — 78, 84, 133, 137,
159, 161 e 189.
Vatimesnil — 108, 110 e 111.
Vernier (Suzanne Gabrielle Marie)
— 31.
Vescy (lord) — 33.
Veillot (Louis) — 167.
Vieira (Padre Antônio) — 159.
Villemain — 147.
Voltaire — 123 e 164.

Wangenheim (barão de) — 33.
Wantuil (Zêus) — 19, 20, 23, 24,
26, 27, 88 e 170.
Wartensee (Xaver Schnyder von)
— 39.
Weilenmann — 44.
Willermoz (Jean-Baptiste) — 159,
160 e 161.
Wurtemberg (rainha de) — 33.
Zähringen (duque de) — 32.